

# MUSEU VIRTUAL DO DESENHO DA CRIANÇA

**Gustavo Henric Costa**  
Prefeito

**Alex Viterale**  
Secretário de Educação

**Fábia Aparecida Costa**  
Subsecretária de Educação

**Solange Turgante Adamoli**  
Diretora do Departamento de Orientações  
Educativas e Pedagógicas

**Divisão Técnica de Comunicação Educacional**

**Projeto Gráfico: Anna Solano**

**Colaboração: Ana Paula O. A. Santos, Bárbara Braz,  
Carla Maio, Camila Rhodes, Danielle Chaves,  
Diego Alves, Eduardo Calabria, Gabriel de Almeida  
Bastos, Gezer Amorim, Maira Kami, Mateus Barboza,  
Rodolfo Santana e William Ferreira.**

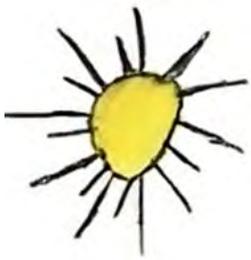


Secretaria Municipal de Educação  
Guarulhos - 2023

# MUSEU VIRTUAL DO DESENHO DA CRIANÇA

Betania Dantas de Araujo  
Angela Dezoti Consiglio  
Ana Paula Reis Felix Pires





## **Museu Virtual do Desenho da Criança**

ARAUJO, Betania Dantas de; CONSIGLIO, Angela Dezoti; PIRES, Ana Paula Reis Felix. Museu Virtual do Desenho da Criança. Guarulhos: Secretaria de Educação de Guarulhos, 2023.

Recurso digital

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN: 978-65-00-69919-7 (recurso eletrônico)

136p. ; 21 x 29,7 cm

1. Educação, 2. Arte, 3. Criança, 4. Desenho.



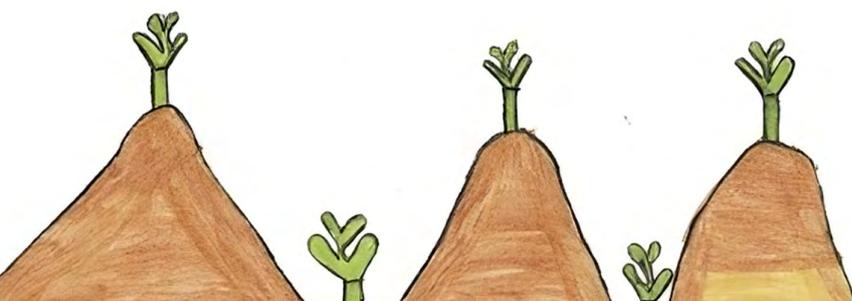
### **Tecendo a Manhã**

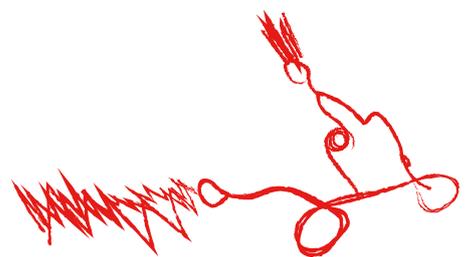
Um galo sozinho não tece uma manhã:  
ele precisará sempre de outros galos.  
De um que apanhe esse grito que ele  
e o lance a outro; de um outro galo  
que apanhe o grito que um galo antes  
e o lance a outro; e de outros galos  
que com muitos outros galos se cruzem  
os fios de sol de seus gritos de galo,  
para que a manhã, desde uma teia tênue,  
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,  
se erguendo tenda, onde entrem todos,  
se entretendendo para todos, no toldo  
(a manhã) que plana livre de armação.  
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo  
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

*João Cabral de Melo e Neto*

Beatriz, 6 anos  
Prof.<sup>a</sup> Lígia Cardim Fernandes





# Prefácio

As crianças são construtoras de cultura  
e não simples consumidoras.  
*Mário de Andrade*

Esta obra é a materialização de um trabalho coletivo. Foram muitas parcerias que ocorreram nesta segunda década do séc. XXI. Os professores ouviram suas crianças e estas contaram sobre os seus desenhos.

Não escolhemos o caminho do adulto que interpreta a criança, escolhemos outro que é do encontro e da descoberta destas infâncias. Somos transpassados pelas culturas infantis e pelos olhares de seus professores. É a abertura para o imaginário do outro tal qual o sentido de opacidade sugerida por Édouard Glissant (apud Primeiros Ensaios, 2020, p. 25), é a oportunidade de ampliar a visão pelos diferentes modos do pensar.

Em nossos encontros, estudamos e preparamos o olhar para ver o universo das infâncias. Nossas coletâneas de imagens serviram para o deslocamento do conhecido ao desconhecido: aprender a ver os diversos céus, sentir a textura das árvores, compreender a luminosidade sobre o espaço natural, acolher as histórias das crianças, pouco a pouco nutrir-se de suas inquietações, escolher boas histórias para narrar e seguir estudando essas profundezas do conhecimento.

É um misto de alegria do(a) professor(a) que descobre a criança e cria perguntas delicadas que adentram a história do desenho, o lugar das criações infantis e por isso não julga, acolhe, estudando o que é preciso para dar continuidade expressiva às crianças.

Nesta publicação, apresentamos a trajetória do museu do desenho e o impacto do curso para os professores, rememorando orientações, ações práticas, estudos teóricos e registros. Algumas proposições práticas e a análise do grafismo sem intenção ao simbolismo são observadas nas galerias do *site*: um mundo de árvores e de céus resulta da práxis artística planejada nos encontros.

O texto procurou unificar experiências, conceitos das artes visuais e teoria sobre o desenho, falas das crianças e de seus professores. Finalizamos com um quadro das temáticas mais recorrentes e acompanhamos algumas leituras provenientes da nossa ação nestes sete anos nas trilhas do museu.

*Betania Libanio Dantas de Araujo*

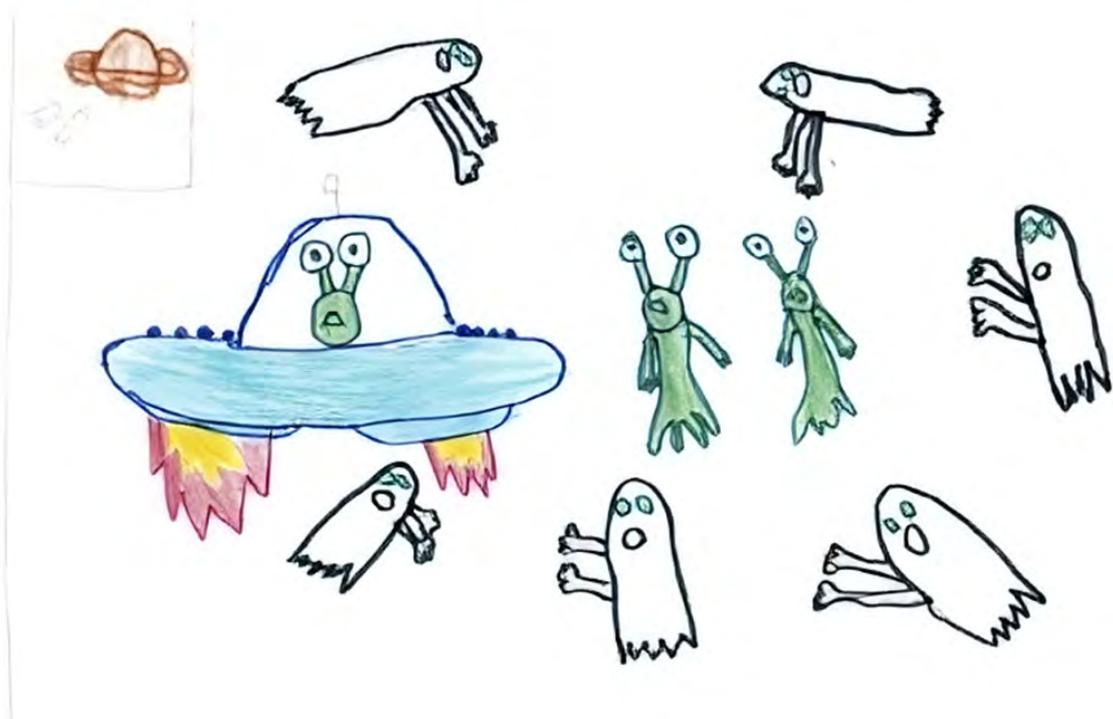


Carolina, 9 anos  
Prof.<sup>a</sup> Mariana Roberta dos Santos

# Sumário

A trajetória do museu.....	<b>11</b>
O impacto do curso	
Desenho na arte, desenho da criança.....	<b>25</b>
Do grafismo sem intenção à (re)apresentação: dando visibilidade ao invisível	
Nossos encontros e o <i>site</i> .....	<b>31</b>
Sobre nuvens e árvores	
O <i>site</i> e as galerias	
Histórias e desenhos, coletas e encontros.....	<b>47</b>
Disse baixinho à professora: - Floresta!	
Observando árvores e nuvens	
“Oh!” - disse com um sorriso no rosto apontando para o pontinho recém-criado	
Desenho de bebês e crianças pequenas.....	<b>69</b>
Desenhos de crianças maiores.....	<b>81</b>
Um mundo de árvores	
Uma visão geral sobre os desenhos das crianças.....	<b>117</b>
Nas trilhas do museu e considerações finais.....	<b>123</b>
Referências bibliográficas.....	<b>127</b>





**A trajetória do museu**

Desenhar é levar a linha para passear.

*Paul Klee*

O projeto *Museu Virtual do Desenho da Criança*, parceria da Universidade Federal de São Paulo, Campus Guarulhos, com a Secretaria de Educação do município de Guarulhos, é uma ação para documentação dos desenhos das crianças agregando ações qualitativas ao Acordo de Cooperação entre Universidade e Prefeitura.

No ano de 2011, a professora Betania Libanio Dantas de Araujo inicia, no curso de Pedagogia, a prática pedagógica programada sobre o Museu do Desenho da Criança e, posteriormente, apresenta-a como proposta formativa à Secretaria de Educação da Prefeitura de Guarulhos para Sandra Soria, Vanderlei Aparecido Banci e Sergio Andrejauskas Ferreira da Silva.

Estes encontros culminaram no projeto que conversávamos desde 2011, concretizado no ano de 2015. Como resultado da parceria da Unifesp Guarulhos, a Prefeitura de Guarulhos e o Laboratório de Arte da Unifesp (Labart), iniciamos o curso de formação para professores de Arte e professores da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental.

A Secretaria de Educação organiza e inaugura o *Museu Virtual do Desenho da Criança*, hospedado na própria rede, e o curso ministrado aos educadores, seguindo o seu projeto de Formação Permanente e Continuada. O curso passa então a ser semestral, com encontros presenciais, atividades nas escolas e creches e estudos bibliográficos.

A iniciativa tem como foco o estudo da gramática visual das infâncias, estruturando ferramentas de análise de suas produções que possibilitem a pesquisa para docentes, discentes e apreciadores. Desenvolvido pelo Departamento de Orientações Educacionais e Pedagógicas (DOEP), o lançamento do *site Museu Virtual do Desenho da Criança* ocorreu em 13 de novembro de 2015.





O lançamento do *site Museu Virtual do Desenho da Criança* ocorreu em 13 de novembro de 2015.

No ano de 2021, o *site* foi reformulado por Fernanda Batista, integrante da equipe de formação do DOEP, junto à Divisão Técnica de Comunicações Educacionais. O Museu passou a integrar o conteúdo de Formação Permanente - Linguagens no Portal da Educação, com *link* direto às galerias dos anos anteriores.

Com o intuito de construir uma iconografia dessa arte produzida pelas crianças, o estudo resultou na construção do espaço virtual, alimentado pelo trabalho desenvolvido por educadores da rede em parceria com a professora Betania Libanio Dantas de Araujo (UNIFESP), o professor Sérgio Andrejauskas e o Departamento de Orientações Educacionais e Pedagógicas (DOEP) da Secretaria de Educação (SE), por meio da Divisão Técnica de Arte-Educação, com Jairo Tortejada de Almeida, Joselia dos Santos de Oliveira, dando suporte e logística, e Thaís Furlan na organização dos encontros.

O projeto conta com uma equipe do Departamento de Orientações Educacionais e Pedagógicas (DOEP), que organiza as formações e o museu na página da prefeitura, disponível para consulta e pesquisa, com textos, vídeos e desenhos das crianças da rede municipal.

Em 2018, a professora Ana Paula Reis Felix Pires, mesmo com a mudança da gestão municipal, em busca da continuidade da política de formação da Secretaria de Educação e compreendendo a importância da iniciativa para a formação dos educadores da rede, retomou com a professora Betania Dantas, contando com a professora Jessica Blasques da Silva na organização dos encontros. Assim, a partir de 2018, a Divisão Técnica de Políticas para Educação Infantil dá continuidade e contribui com o projeto.

A formação permanente em busca da qualidade da educação e a continuidade das ações educativas que primam pelos princípios expressos na Proposta Curricular

Quadro de Saberes Necessários - QSN (Guarulhos, 2009), reelaborada em 2019, é um desafio constante que tem como objetivo a compreensão sobre a unidade teoria-prática, ou seja, a prática fundamentada pela teoria de forma consciente, ao mesmo tempo em que a teoria é ponto de base para a reflexão, retomada e inovação da prática. É preciso, dessa forma, que os professores entendam o caráter teórico-prático de sua ação, e ressaltamos que a formação é uma ação fundamental nesse sentido.

Foi pensando mais uma vez na continuidade da formação e na concepção de educação da rede municipal que, em 2020, a professora Ana Paula assume a Divisão Técnica de Currículo e Análise de Materiais Pedagógicos e convida a professora Angela Consiglio para assumir o projeto juntamente com a professora Betania Dantas, que contou também com o retorno do professor Sergio Andrejauskas.

O museu é dedicado a coletar, estudar, preservar e publicar desenhos, assim como difundir conhecimento. Apresenta uma curadoria centrada em estudos sistemáticos que alimentam reflexões e discussões multidisciplinares.

As crianças são as propositoras, pois protegem este museu ao contar sobre um mundo simbólico, criativo, desvalorizado e desconhecido pelo adultocentrismo, investindo na memória e no poder de lembrar a infância, atribuindo-lhe novos sentidos.

O Museu possui uma plataforma virtual que é alimentada pelo curso e recebe os desenhos realizados pelas crianças da rede municipal de Guarulhos, coleção realizada por seus professores em curso.

O curso planejado para duração semestral é, ao mesmo tempo, um grupo de trabalho que interage a partir dos conteúdos emergentes. Os encontros proporcionam o estudo da gramática visual dos desenhos das infâncias, algumas ações práticas, referências da História da Arte e o acolhimento de questões trazidas pelo grupo, gerando sempre uma atualização das temáticas e o desvelamento do olhar.

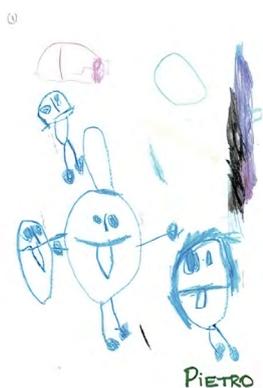
A nossa ação é proporcionar estudos sobre o desenho da criança dando clareza à sua expressão e um espaço virtual para a organização da pesquisa. Realizamos encontros para estudos teóricos e os professores realizam coletas de desenhos com as suas turmas.

O que estudamos para “alfabetizar” o olhar é permeado pela cultura. Por este motivo, os primeiros encontros fomentam, na prática, caminhos para aprender a ver. Assim como a História da Arte organizou as coleções de arte com vistas a multiplicidade de fazeres artísticos em tempos e espaços diversos, precisamos também criar uma alfabetização visual dos desenhos das crianças nos tempos e nos espaços.

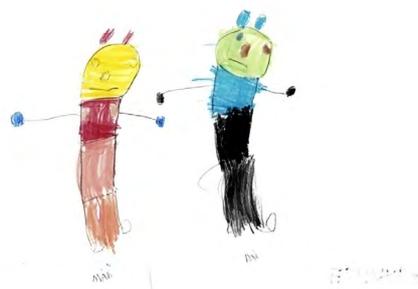
Durante as atividades, os professores observam o modo como a criança desenha, age e fala durante o seu registro e conversam com ela para conhecer melhor a sua história. O material colhido, produzido e estudado, é socializado virtualmente, pois, dessa forma, os desenhos das crianças passam a fazer parte de uma exposição, tornando possível sua visualização e conhecimento por todos aqueles que se interessam pelo tema.

O projeto surgiu por observarmos a ausência de um museu que documentasse essa arte da criança no Brasil, mesmo havendo pesquisas, livros e material sobre o estudo, intencionávamos um espaço que organizasse documentos, estudos, desenhos da criança e a parceria do professor como estudioso.

A nossa hipótese era que, ao conhecer a gramática visual elaborada pela criança, o professor passaria a entendê-la, fomentaria novas experimentações e criaria formas de registro de pesquisa. Consta-se a falta de visibilidade às produções gráficas das infâncias, a ausência de um acervo das suas criações estéticas e das suas intenções.



Pietro<sup>1</sup>, 4 anos. Pai, mãe, irmã e o saci com duas pernas.  
Observe a linha ascendente criada por Pietro.  
A perspectiva é marcada pela diminuição dos corpos.



Eduarda<sup>2</sup>, 4 anos. Lápis sobre papel.  
Papai e mamãe.

Qual é a necessidade de realizarmos um curso para estudar o desenho, e aliás, por que desenvolver um *site* sobre o desenho das crianças da cidade de Guarulhos? Qual é a importância de elaborarmos investigações sendo que temos diversos materiais que tratam sobre este tema?

Talvez uma das necessidades seja exatamente voltada à diversidade. A diversidade de materiais de pesquisa, a diversidade de olhares e reflexões e, ainda mais importante, a

<sup>1</sup> Lucimara Rodrigues Rosa, 2015, Professora de Educação Básica.

<sup>2</sup> Sandra Cristina Aparecida Bianchi da Silva, 2016, Professora de Educação Básica.

pluralidade que encontramos em nossa cidade. Talvez a emergência seja também de divulgar as pesquisas, tornando-as mais próximas de educadores, educandos, responsáveis pela educação das crianças, enfatizando a necessidade de compreendermos seu mundo e suas necessidades, refletindo também, nesse ínterim, sobre a nossa própria formação, realizando uma rica troca de experiências.

E como arte é linguagem, e como o desenho é um dos elementos que marcam a vida de todos nós, já que todos nós desenhamos em uma fase de nossa vida, e se possível por toda ela, essa é uma das propostas principais: utilizar o desenho em toda a sua potencialidade.

Dar voz às crianças que contam sobre a sua cultura da infância, seus modos de enxergar a realidade e criar o imaginário evocava certamente um dos registros mais antigos: o desenho. A criança desenha para contar histórias em união de pensamento e sentimento, não desenha aleatoriamente. As suas produções adquirem qualidades distintas a partir dos desenhos de ação, imaginação, apropriação e proposição, segundo Iavelberg (2013).

Realizar a coleta possibilita o registro de um mundo que está sendo descoberto provocando a construção de uma identidade.

Em muitas ocasiões, a escola utilizou o desenho e as demais linguagens artísticas como elementos para fixação e ferramenta para instrumentalizar outras áreas de conhecimento, empobrecendo-a. Para John Dewey (2010), a arte não seria a experiência que finaliza o conhecimento, mas que fomenta toda a experiência.

Precisamos refletir, pesquisar e observar a nossa relação com o mundo da criança, e nesse caso através do desenho, cabe a nós, cada vez mais, adentrar, compreender e tornar o ensino-aprendizagem algo gratificante e próximo de nossas necessidades reais.

## O impacto do curso

As vagas disponibilizadas aos educadores se encerravam no mesmo dia da abertura da inscrição, demonstrando ser uma temática de interesse dos professores. O curso era muito procurado, alguns professores vinham no primeiro dia para conseguir uma vaga por eventual desistência de professor(a), e havia, ainda, a permanência dos inscritos sem ocorrer desistências no percurso.

## Como preparávamos o encontro?

Sempre a partir de necessidades observadas pela equipe e por meio da elaboração de material. Considerando que o desenho precisa ser cultivado no olhar, sugerimos temas geradores de observação, após exercício sensorial, contação de histórias (de Gianni Rodari), observação de nuvens, árvores, paisagem-entorno e corpo humano.

As perguntas disparadoras a seguir são importantes para o professor cursista: Quais foram as suas aprendizagens? O que você descobriu com a coleta? Qual o motivo que a/o levou a fazer o curso do “Museu Virtual do Desenho da Criança”? Após o curso, quais elementos passaram a fazer parte ou foram potencializados na sua prática, pesquisa, planejamento e/ou avaliação? Essa temática poderia, ou deveria, fazer parte dos cursos de licenciaturas? Os diálogos propostos no curso trouxeram reflexões sobre a sua formação enquanto educando no ensino básico?

As experiências formativas dos educadores refletiram em iniciativas interessantes nas escolas: algumas aboliram a utilização de cópias xerografadas, criaram um espaço de desenho permanente na escola, como a parede de azulejo e mesa de alvenaria com telhado na área externa, ocuparam uma pequena saleta ociosa ou ainda, criaram um *atelier*-móvel. Há escolas que estão investindo em espaços alternativos para que as crianças possam desenhar e interagir em diferentes superfícies na chegada à escola ou durante os horários livres.

Professores observaram crianças que passaram a falar ao desenhar, parecendo mais felizes. Há também uma produção muito expressiva dos educandos com deficiência em seus desenhos criativos. A alegria dos professores ao aprender a ler graficamente o desenho de suas crianças despertou um interesse em pesquisar mais referências teóricas. Os estudos e a experiência já acumulados na docência sempre fizeram com que cada grupo trouxesse boas questões para debate e trocas.

Empolgada, uma das professoras relata que já fazia a coleção antes do início do curso, tamanho era seu interesse em estudar os desenhos, e isso nos emocionou. Em outros encontros de formação, era comum os professores realizarem pontes com os nossos estudos do curso, o que reafirmava o espaço da práxis, unindo teoria e prática.

Os cursistas relatam que o desenho e a arte das infâncias não eram estudados no magistério e na pedagogia, salvo poucos relatos. Montavam pastas com desenhos comemorativos para pintar, flanelógrafos, fichas, lembrancinhas, moldes e trabalhos “mão-de-gato<sup>3</sup>” como se essa parafernália constituísse um material que o preparasse para ser professor.

---

<sup>3</sup> Aqueles que o próprio professor realiza pelos alunos.

Ou seja, há um *modus operandi* que se mantém há décadas. E a aprendizagem da arte e das culturas infantis não são priorizadas apesar de terem destaque nos Parâmetros Curriculares e nos Referenciais Curriculares da Educação Infantil, propostos no final dos anos 1990.

A ausência de fundamentação da didática da arte nos cursos que formam professores é uma problemática ainda a ser enfrentada. Os educadores relatam as dificuldades em conhecer o processo de desenho da criança, já que concepções pedagógicas, apesar de reafirmarem a importância da arte, não orientam para uma práxis artística.

Percebendo que a arte e o desenho são conhecimentos que foram desvalorizados no currículo, os professores reafirmam que a sua presença redimensiona a relação entre pares. Durante o curso, uma percepção diferenciada promove ainda mais a necessidade de estudarmos e nos aprofundarmos com um olhar cuidadoso aos diversos registros das infâncias.

Os professores confirmam a importância de se voltar à pesquisa sobre a imagem e a preparação do olhar. Há a descrição da descoberta desse olhar durante os nossos encontros:

Foi uma experiência maravilhosa ter um olhar sobre o desenho da criança algo que não tinha costume e não sabia que era de tal importância. Portanto, o desenho cultivado na Educação Infantil, considerando-se sua aprendizagem e a voz do desenhista, é material importante para que o professor possa compreender e orientar o desenvolvimento e a aprendizagem do desenho de seus alunos e nesta fase que eu me identifiquei ao observar as crianças em suas produções (Viviane Fernandes, 2018, Professora de Educação Básica).

A preparação para a coleta exige audição, respeito aos modos da criança desenhar, estudo para fundamentar os desenhos, liberdade temática ou tema sem indução de procedimento. As crianças com deficiência conseguem preservar maior atenção à linguagem não-verbal. Em todas as turmas foi surpreendente conhecer imagens potentes e criativas elaboradas por estas crianças.

É uma descoberta preparar-se para ouvir as crianças, pois, como explica Albano (2005) a criança desenha porque quer brincar e contar histórias. Enquanto desenhavam, nasce um estado de alegria, algumas crianças sorriem pela primeira vez e as mais silenciosas buscam se expressar de alguma maneira.

A palavra desenho relaciona-se com a ideia de desígnio, lançamento e projeção. Se por um lado a criança em certo momento já cria suas histórias, fantasia, imagina e por meio do seu desenho manifesta suas ideias, por outro lado, é comum percebermos nos menores que, ao desenhar, o corpo se envolve através de sonoridades e gestos que se juntam na produção e em suas múltiplas linguagens.

Sendo assim, o que aparenta ser simples brincadeira ou simples rabiscos para o adulto, apresenta toda uma complexidade na criação, no desenvolvimento e no aprendizado da criança. Desde a riscagem e as garatujas, o contato com os materiais, a apropriação de formas, os gestos, a imaginação, tudo envolve um mundo muito maior do que podemos estar acostumados a observar. Por meio das investigações dos professores, percebemos que a abordagem teórica enriquece o sentido com a nossa mediação.

O **Museu Virtual do Desenho da Criança** torna-se importante, pois, ao conhecer os motivos pelo qual deixamos de desenhar e percebermos a importância do desenho para o desenvolvimento, criação, imaginação, comunicação e conhecimento do mundo pela criança, confirmamos a potencialidade do projeto.

A seguir, é descrito o momento da investigação e imaginação:

Sara tem dois anos (...) durante sua produção, conversou bastante com os colegas sobre o que iria desenhar. Dizia algo do tipo: “-Aquela nuvem parece uma bola?”. Era interessante observar como essa atividade de observação sobre a natureza era algo novo para muitas crianças da escola. Acredito que a arte tem a função de tornar significativa todas as coisas que nos cercam e é de extrema importância trabalhar esses conceitos com as crianças desde a primeira infância. A imaginação foi um ponto fundamental em seu desenho e foi essencial para a sua produção. Através de seu desenho Sara significou as nuvens (Viviane Fernandes, 2018, Professora de Educação Básica).

Dessa forma, a voz da criança pode ser valorizada e inserida em uma aprendizagem que proporcione uma formação integral, resgatando na infância o encantamento pelo desenho. Os desejos importam para a criança como, por exemplo, no desenho em que descreve “o dia que meu pai me levou para dar um passeio no caminhão”.

Há crianças que desenham com liberdade e sem imposição de gênero, interessando representar espaços mais harmônicos e naturais:

O que pude observar na coleta é que a maioria dos desenhos feitos pelas crianças retratavam paisagens: uns com montanhas, casas, árvores e outros com mar, areia e alguns com flores e grama. O mais interessante é que a maior parte deles foi feita por meninos. Eu esperava que eles desenhassem automóveis, foguetes, mas este tipo de desenho foi feito em menor número. Isto realmente me surpreendeu, pois os meninos resolveram colocar de verdade o seu sentimento e sua vontade sem preocuparem-se com o preconceito do outro. Talvez o desejo de estar em um lugar diferente, que remeta a paz, natureza, tenham levado os meninos a desenharem cenários bucólicos bem diferentes do lugar que vivem e frequentam ou até mesmo, do que se esperava que desenhassem (Suely Lechinski M. de Paula, 2015, Professora de Educação Básica).

Os professores perceberam que a ação livre realizada reúne desenhos cultivados e criativos, mas também puderam observar que surgiram imagens padronizadas como flor; Sol; coração; casa. Portanto, o desenho orientado é o momento da ressignificação da prática, onde estudamos de forma aprofundada nossas ações.

Elaboramos uma galeria de árvores diversas, com desenhos que instigariam a observação, com copas coloridas e troncos azuis, vermelhos e verdes questionando o senso comum da árvore de copa verde e tronco marrom. Apresentamos árvores que fugissem do padrão de tronco verticalmente reto e os surpreendessem com troncos e galhos retorcidos e de desenho complexo. Os professores e crianças caminharam no quintal da escola, tocaram nas árvores reais elaboraram perguntas e reflexões potentes. Esse encontro animado com o espaço natural potencializou o fazer artístico das crianças em momentos de muitas descobertas.

Os professores conseguiram aproveitar momentos de observação das nuvens e esse bate-papo fez com que, coletivamente, aprendessem a criar imagens surpreendentes nas nuvens. Surgia uma coleção dos mais variados céus multicoloridos com nuvens-personagens e nuvens-objetos que animaram as crianças, como relatam seus professores.

A nossa proposta busca reunir parceiros, pesquisadores, estudantes e algo que acreditamos ser fundamental: buscar o nosso próprio elo com o desenho. Expressar-se graficamente é uma habilidade humana, mas perceber a importância desse desenho necessita de encorajamento, resiliência, estudo, pesquisa e, por que não dizer, carinho pelos riscos, rabiscos, formas, histórias... que elas têm para nos contar.

## **Quais estudos realizamos?**

Estudos das artes visuais em diálogo com as demais áreas de conhecimento, uma vez que do desenho infantil emergem novos conhecimentos a partir do interesse da criança.

## **O que descobrimos no decorrer do projeto?**

Professores propositivos realizando descobertas essenciais. Pelo acompanhamento diário, os professores conseguem compreender o contexto das produções e se maravilhar com a mudança qualitativa das crianças em seu desenvolvimento com o desenho. Os professores especialistas em arte contribuem com leituras imagéticas e sugestões, além de realizar projetos específicos nas linguagens artísticas. Professores e coordenadores multiplicam as experiências formativas durante os encontros realizados nas horas-

atividade nas escolas. Dizem ser gratificante participar do curso, pois o olhar ficou mais atento aos traçados das crianças.

## **Como ocorre a coleta?**

A coleta é realizada pelos professores ou coordenadores, participantes do curso, durante a permanência da criança na creche ou na escola. Perguntas mais criativas auxiliam a conversa com as crianças, estabelecendo sinergia. Por exemplo, ao ver um desenho de flores e bichos, um professor poderia perguntar à criança: “Para onde esses animais estavam indo?” ou “Onde as pessoas estavam?”

Em nossos primeiros encontros, propomos as seguintes reflexões: Professor(a), você parou de desenhar em algum momento? Muitos professores relatam que desistiram de desenhar ainda pequenos, na escola. Realizando cópias de desenhos ou colorindo figuras padronizadas inexistiam experiências estéticas significativas em arte. Em alguns momentos, narram também experiências brincantes, o desenho como jogo e brincadeira, voltar a desenhar quando adulto(a), o modo de inventar super-heróis e o impacto expressivo da aquarela como descrito a seguir:

Quando pequena copiava desenhos, mas quando entrei na faculdade de arte muita coisa mudou começando a desenhar o que considerava “meu” e não parei mais (Fabiana L. M. de Aquino, 2021, Professora de Educação Básica).

O desenho fazia parte da minha infância, mas gradativamente deixou de fazer. Por volta do sétimo ano do ensino fundamental, deixei de desenhar por prazer. Fazia desenhos, conforme solicitado na escola para compor nota. Nada além. Desenhar é libertador (Ednice Josefa B. Teixeira, 2021, Professora de Educação Básica).

É muito forte a lembrança de quando eu desenhava figuras humanas, geralmente mulheres. Eu gostava de desenhar, brincando de ser estilista. Fazia vestidos, que na minha cabeça eram todos diferentes, mas no fundo, tinham a mesma estrutura. Eu não sabia desenhar bem. Mas gostava de brincar e usar canetinhas, lápis de cor... Às vezes eu imaginava que era um concurso de moda, e que as modelos eram concorrentes. Fazia várias delas, e separava os papéis como se fossem fichas, entregava para os meus familiares, pedindo para que votassem na que mais haviam gostado. Que saudade! Primeiramente não sabia bem o que fazer com os braços e pés das modelos, as mãos geralmente eram bem desproporcionais aos braços... Até que fui aprendendo a desenhá-las com os braços para trás e com os saltos como vistos de cima... Era engraçado! Observando o desenho de outras pessoas, eu ia ajustando o meu. Mas com o passar dos anos eu fui percebendo que meus desenhos não eram bonitos (...) não lembro bem a idade que tinha quando brincava de desenhar vestidos e modelos, nem exatamente quando parei. Mas com certeza parei por perceber que meu desenho era feio e desproporcional... Ah! Que saudade de ser criança... (Juliana Maria Baggio, 2021, Professora de Educação Básica).

Meus desenhos eram aqueles velhos conhecidos (dois morros e um Sol, uma casinha com uma árvore ao lado), mas tenho a lembrança de um desenho que gostei muito do resultado e foi feito em atividade na escola, era algo sobre criar um super-herói e eu fiz uma mulher forte, de capa com os cabelos “Chanel” iguais aos meus na época (Larissa B. Pontello, 2021, Professora de Educação Básica).

O pouco que me lembro é que gostava de desenhar, e percebi que só conseguia desenhar se eu estivesse olhando para o que eu queria retratar. Era assim: tudo o que via, eu queria desenhar. Mas ao desenhar, queria que fosse muito parecido com o objeto, coisa, pessoa, que fosse igual, talvez uma espécie de fotografia, e fui percebendo que as pessoas cobravam uma certa perfeição nos desenhos. E algumas vezes, não saía exatamente como esperavam, riam um pouco do desenho, ou fazendo alguns comentários, vamos dizer: não muito “estimulantes.” (...) Gostava de olhar o céu e via imagens diversas ou quando olhava na luz direta do Sol sem querer, e depois olhava em outra direção e via mais imagens, desenhos. Até que chegou um momento, que parei um pouco de desenhar. Não recorro de incentivos na escola, talvez tenha parado por ter uma compreensão mais clara sobre o desenho, pela cobrança de perfeição ou não valorização do mesmo. Acredito que aprendemos a apreciar apenas os desenhos ditos “belos”, “perfeitos”, aqueles bem próximo do real, não era permitido criar, inventar, ter espontaneidade no desenho. Na escola, o desenho ficava um pouco à parte de tudo. No curso de pedagogia, eu tive a disciplina: Arte e Educação, conheci um pouco sobre a arte, a apreciar a arte de desenhar, que não existe desenho feio, e que estamos rodeados pela arte, pelos vários tipos de artes, talvez o não conhecimento nos leve ao desprestígio artístico. Atualmente, acredito que muito vêm melhorando essa visão errada sobre o desenho, temos mais espaço para discutir sobre ele, para aprimorar o nosso olhar, pensar de que forma podemos ajudar aos alunos a desenharem, a ter o gosto pelo desenho, a mudar o olhar... O meu olhar já mudou, enxergo muito mais nos desenhos, aprecio mais, busco aprimorar o meu olhar a cada dia, para a arte do nosso dia a dia (Edilene Maria de Sousa, 2021, Professora de Educação Básica).

Quando criança eu adorava desenhar, era um momento de muita alegria, mas foi nos primeiros anos da educação básica que desenhar parou de fazer sentido, quando a professora começou a usar a gramática como forma de expressão artística, por exemplo, nos pedia para decorar frases como: “De repente se escreve separado”, “Por isso se escreve separado” assim mesmo, em uma folha de sulfite e os mais “bonitos” da sala ficavam expostos por uma semana ou até a próxima frase. E assim o desenho foi ficando para trás por toda a minha vida de estudante na educação básica (Tatiana Ramos, 2021, Professora de Educação Básica).

Eu me lembro que na infância eu desenhava com muita frequência, e gostava muito de colorir. Na escola, fazíamos desenhos sobre as histórias que ouvíamos, e quando produzíamos um texto geralmente também ilustrávamos. Não lembro ao certo quando reduzi meus desenhos, mas acredito que foi após os 11 anos quando estava no Ensino Fundamental II (na época, 5ª série/6º ano). Desde então, as minhas aulas de Artes (Educação Artística) foram cada vez mais escassas e quando aconteciam, envolviam mais conceitos do que criações próprias (Viviane de S. Gonçalves, 2021, Professora de Educação Básica).

Lembro no pré que eu morria de vontade de usar aquarela, minha mãe tinha comprado uma bem bonita, numa latinha, mas ficava no armário da professora. Usamos uma única vez, para pintar uma pera amarela com a folha verde... que decepção. Por sorte a professora entregou no final do ano e usei em casa. No colégio primário, não sei se por ser ditadura ou perfil da professora, as aulas de arte eram voltadas para o desenho técnico. Lembro da letra bastão, do círculo cromático, cores complementares e tal. Lembro de poucas produções. Foi no magistério, numa aula de química na qual tivemos que desenhar todos os instrumentos do laboratório que descobri que sabia desenhar (Eliana Silva, 2021, Professora de Educação Básica).

Eu tenho pouca memória de quando eu desenhava, lembro de pintar desenhos prontos, seja na escola ou em casa. Lembro que em um determinado momento descobri que eu podia comprar folhas em branco, fiquei encantada... o que eu fiz nelas? Copiei desenhos... No Fundamental II, comecei a desenhar “livremente” nas aulas de Artes, mas me cobrava muito por ter traços perfeitos. Meu TCC foi baseado na importância da exploração livre em Artes na Educação Infantil. Talvez por ter sido tão “podada” na forma de me expressar durante a infância, sempre enfatizo a importância do desenho para que as crianças se desenvolvam e possam se expressar por meio de suas próprias criações (Gláucia da S. F. Frassetto, 2021, Professora de Educação Básica).

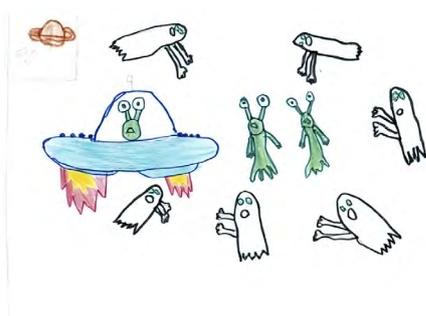
Tenho poucas lembranças sobre a época em que eu desenhava. Lembro que nas oportunidades de fazer um desenho livre, era sempre o mesmo desenho: um riozinho com pedras no final da folha, uma nuvem branca fofinha com um arco-íris saindo dela e desaguando no riozinho, um Sol no canto esquerdo superior. Era sempre o mesmo desenho. Não acho que ele era tão livre assim (risos). Lembro da sensação de querer fazer um desenho diferente e não conseguir. Não lembro exatamente quando parei de desenhar, mas lembro que no ensino fundamental II eu já não desenhava mais. Apesar de não conseguir fazer outros desenhos e de parar de desenhar na adolescência, recordo-me do prazer que era estar nas aulas de Artes. Era uma aula leve e prazerosa (Thais Regina C. V. F. Fontenele, 2021, Professora de Educação Básica).

Muitas professoras mencionam a ausência de uma disciplina voltada para o estudo do desenho e das artes nos cursos de Pedagogia. Considerando tal problemática realizamos proposições práticas que dialoguem com a necessidade dos professores e fomentem processos criativos. Orientamos pesquisa de sombras, observações de céu, de árvores, do entorno da escola e do bairro, estudos do corpo humano em movimento a uma só linha e na dança, dentre outras propostas.

Esses estudos resultaram em coletas além da temática livre que nos auxilia a realizar uma sondagem. O planejamento do curso prevê a abertura para que os professores tragam questões a serem inseridas nos estudos cotidianos, como algumas ações das artes que potencializam o olhar e o fazer artístico.

Ao escolher desenhos inspirados nas histórias apresentadas, foi possível perceber uma ampliação no repertório de imagens no momento em que a criança experienciou

novas composições para o desenho. É preciso apresentar histórias criativas, como no caso de um dos autores selecionados, Gianni Rodari (2007), que através de histórias imaginativas garantiu a animação das crianças. Você ficará surpreso ao descobrir que entre três finais diferentes em uma história, as crianças escolheram que os fantasmas viessem para o nosso planeta Terra. O que elas desejam com isso? Aventura, imaginação, brincadeira, a oportunidade de lutar contra o medo e entender as emoções!



João Vitor, 9 anos. Canetinha e lápis sobre papel. Fantasmas e alienígenas



Kauany, 9 anos. Lápis sobre papel. Aniversariante com presentes.



Wandersson Gabriel<sup>4</sup>, 9 anos. Lápis sobre papel. Jogando futebol no campinho com o meu irmão. “Foi um dia muito especial!”



Grendha<sup>5</sup>, 11 anos. Lápis sobre papel. Sonha em ser estilista.

<sup>4</sup> Lígia Fernanda Di Palma, 2015, Professora de Educação Básica.

<sup>5</sup> Edneide Nascimento Santos, 2015, Professora de Educação Básica. Grendha sonha em conseguir fazer cursos de desenho de moda.



## **Desenho na arte, desenho da criança**

Rafael Bernardo, 4 anos  
Prof.<sup>a</sup> Ana Carolina Oliveira da Silva

## Do grafismo sem intenção à (re)apresentação: dando visibilidade ao invisível



[...] eu queria que minha casa *teve*  
um jardim, lá não tem.  
Maria Eduarda, 5 anos.

Você acreditaria que há coisas ao nosso redor que você não pode ver, ouvir ou sentir? É o que nos instiga a refletir o músico e compositor André Abujamra (2021), autor da trilha sonora do programa *Castelo Rá-Tim-Bum* da TV Cultura. Você sabia que há um som produzido por um apito que só o cão pode ouvir? Se você pudesse voltar no tempo e descrever a televisão para seu trisavô ele diria que isso não existe, reflete o músico. Vemos sete cores no arco-íris, mas cada uma possui uma centena de tonalidades que não enxergamos. Há um mundo ilimitadamente invisível, cuja pequena parte podemos conhecer.

As criações das crianças apresentam este “invisível” nas imagens e suas histórias nos presenteiam tornando-se finalmente visíveis. E cada nova visibilidade decorre dos novos sentidos criados e com elas aprendemos novas simbologias que desconhecíamos. A arte nos apresenta o invisível e tem o poder de enganar as nossas sensações.

A coleta de temática livre de desenhos nos auxilia a tornar visível o invisível das crianças, documentar o modo de seus desenhos, planejar os próximos passos, ofertar novos materiais, organizar estudos de observação e pesquisa pelas crianças propondo novos desafios que gerem continuidades e rupturas de conhecimento, descobrir os assuntos que mais interessam, criar uma memória do seu fazer e socializar as produções infantis por meio de leituras coletivas.

É importante ofertar diferentes materiais: canetas e canetinhas (traço fino e grosso), tinta e pincel para propiciar manchas e traços inesperados, papel ofício (sulfite ou cartolina) em diversos formatos e cores, giz/canetinha/lápis de cor de várias cores. Um traço fino proporcionará riqueza de pequenos detalhes e o traço grosso ampliará o gesto. Tinta branca e pincel, lápis ou giz de cera brancos sobre papel preto ou roxo trará a maravilhosa descoberta do contraste. As superfícies podem ser múltiplas: plástico, caixa de papelão, entre diversos materiais. Como a criança desenha em diferentes materiais?

Na sequência abaixo, observamos as produções das crianças em dois tempos: a riscagem (à esquerda) e o simbolismo (à direita). Entre a riscagem e o simbolismo há

um tempo do fechamento do círculo e a investigação deste no espaço do papel, sendo do desordenado ao ordenado. Inicialmente, riscando pelo prazer do movimento, os traços aleatórios que vão e vêm, mais tarde, passam por um ordenamento com formas fechadas (círculos disformes) e linhas que se sobrepõem ou correm lado a lado.

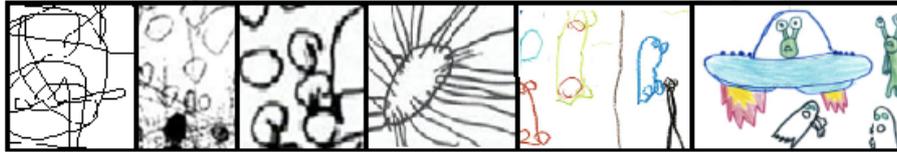


Figura: riscagem – fechamento de círculo – composição – sol/radiais/mandalas – simbolismos – personagens. Fonte: Museu do Desenho Virtual da Criança.

Nos primeiros traços no papel, a criança não olha para o que está fazendo, porém em suas múltiplas linguagens explora o corpo produzindo sons enquanto observa o seu entorno, sendo a cor, secundária. A criança é feita de cem linguagens, sugere Loris Malaguzzi (2011).

O simbolismo nasce tempos depois ao fechamento do círculo, momento em que o olho conduz a mão. Será que os pesquisadores conseguiram entender mais plenamente o que estes desenhos contavam?

Data do final do séc. XX a descoberta de que os desenhos das crianças são originais. Com o barateamento do papel no séc. XX, as crianças passaram a desenhar em folhas e este acervo de imagens passou a ser coletado e analisado. Muito antes, as crianças desenhavam em outras superfícies. Você já se questionou sobre as origens do desenho na história da humanidade? Por quais caminhos a experiência humana do ato de desenhar percorreu até chegar até nós?

Pesquisas arqueológicas confirmam que a humanidade desenha desde os seus primórdios. O desenho encontrado na África do Sul com 73 mil anos pode ser o mais antigo da história. Em 2011, foram descobertos desenhos pré-históricos realizados por crianças de três a sete anos<sup>7</sup> na *Caverna dos Cem Mamutes*, em Rouffignac, na França. Eram sulcos feitos com unhas de pequenos dedos de crianças resultando “em desenhos de mamutes e outros animais”. Datam de cerca de 13 mil anos atrás. Os pesquisadores da Universidade de Cambridge identificaram a idade e o sexo dos “jovens artistas das cavernas”. É o que explica a arqueóloga Jess Cooney<sup>8</sup>:

<sup>7</sup>Conheça pinturas históricas feitas por crianças em caverna na França. Jessica Cooney e Leslie Van Gelder. [http://noticias.uol.com.br/ultnot/cienciasaude/album/1109\\_pinturasprehistoricas\\_album.jhtm#fotoNav=1](http://noticias.uol.com.br/ultnot/cienciasaude/album/1109_pinturasprehistoricas_album.jhtm#fotoNav=1)

<sup>8</sup>Pinturas pré-históricas em caverna são de crianças de ‘3 a 7 anos’. 30 set 2011. BBC News Brasil. [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/09/110930\\_cavernas\\_gravuras\\_pai](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/09/110930_cavernas_gravuras_pai)

Os sulcos feitos por crianças aparecem em todas as partes da caverna. Encontramos marcas de crianças de três a sete anos – e conseguimos identificar (os desenhos de) quatro crianças específicas ao comparar suas marcas. Segundo ela, a criança mais prolífica no desenho de gravuras tinha ao redor de cinco anos (...)

Apesar de milhares de pessoas visitarem a caverna anualmente para ver os desenhos de mamutes, cavalos e rinocerontes, foi apenas em 1956 que descobriram que alguns eram pré-históricos e só em 2006 descobriram o “lugar especial” onde crianças fizeram desenhos com as unhas podendo ser ‘rituais de iniciação’ ou apenas para ocupar o tempo em dia chuvoso:

Diferentemente de rabiscos também encontrados na caverna, as pinturas não continham pigmentos de tinta. "Uma caverna é tão rica em sulcos feitos com (dedos de) crianças que parece ter sido um lugar especial para elas. Mas é impossível saber se (a prática) era para brincar ou parte de um ritual", diz Cooney. Pinturas feitas com sulcos de dedos também já foram encontradas em cavernas na Espanha, na Nova Guiné e na Austrália.

Da arte pré-histórica à arte contemporânea a linha adquiriu qualidades muito diferentes. Mais detalhista (período Paleolítico) para mais sintética (período Neolítico), mais tarde, do gesto clássico ao romântico, o desenho possui percursos históricos diversos em Da Vinci, Ingres ou Delacroix, pensa Derdyk (2020), para a autora o desenho é acontecimento em Van Gogh, Klee, Schendel, Orrico e materialidade nos bordados do Bispo do Rosário, a linha de látex em Hesse, a linha tecelã de Abakanovicz e a linha espacial e orgânica em Lygia Clark. A artista desenvolve esses conteúdos em seus cursos sobre a temática.

Imagine construir um ambiente por linhas sem que os objetos estejam lá. É por isso que do plano ao espaço nos surpreendemos nas obras de Fred Sandback, Lewitt, Waltercio Caldas, Amilcar de Castro, Chiharu Shiota, Edith Derdyk, entre outros artistas contemporâneos.

A linha é um elemento estruturante e fundamental da linguagem. Precisa ser experimentada pelas crianças e estudantes em diversas materialidades que vão do bidimensional ao tridimensional. As investigações sobre os desafios da materialidade criam condições de repensar-se.

Como ação pautada em reflexão, é importante experimentar materiais diferentes, ou suportes inusitados: como desenhar sobre um guarda-chuva velho quebrado, uma caixa de papelão ou desenhar o ambiente com linhas e tecidos. Os artistas contemporâneos sabem explorar os modos inimagináveis da linha. Estudá-los em suas páginas virtuais<sup>9</sup> favorece as ações criativas com as crianças.

Edith Derdyk<sup>10</sup> entende a linha em sua plenitude. Queria um suporte que sustentasse o acúmulo de linhas e muitas vezes o suporte não aguenta, é preciso descobrir outro, perpassando por duros e moles ou finíssimos como o papel de arroz.

O deslocamento do corpo sentado ou em pé modifica o traço. Para a série de trabalhos que a artista foi traçando no espaço com o corpo em movimento intitulou “casulo”. Depois a costura deu lugar à sutura, deixando de ser registro para tornar-se acontecimento. A linha existe no espaço passando a costurá-lo.

O que significa então o desenho para a arte contemporânea? Extrapola empecilhos e leis/códigos formais a nos segredar as sensorialidades gestuais de quem criou? É a linha que nos puxa para brincar com os olhos. *Derdyk*<sup>11</sup> compreende que o desenho resulta do gesto:

O desenho é linguagem que atravessa todos os tempos – das cavernas à informática – sempre esteve presente na História da Civilização. E, de todas as linguagens, é a mais antiga. Tal como a pantomima, são linguagens nascentes. O desenho é linguagem inata: toda a criança, de qualquer tempo e lugar, desenha. Toda criança possui intimidade com o desenho como ponte de investigação, expressão e comunicação com o mundo. Existe uma proximidade imensa e natural entre o ato de desenhar e a ação corporal mais do que com o que a criança deseja ou pensa em “representar”. Num primeiro momento do desenvolvimento da aquisição da linguagem do desenho, a criança é verdadeiramente o seu gesto, o seu traço, o seu movimento e o desenho é resultante desta ação, registrando o percurso do movimento do corpo no espaço do papel, na parede, em qualquer superfície (Edith Derdyk, Tempo de Creche, 2015).

A prática do desenho revela maiores habilidades cognitivas. O *King's College London* examinou mais de 15.000 desenhos de crianças de 4 anos. Os pesquisadores ignoraram qualquer questão relacionada às proporções corporais ou uma preocupação com o desenho naturalista: “Quando desenhamos, estamos na verdade tentando mostrar a outra pessoa o que está em nossa cabeça”, observaram os pesquisadores.

A habilidade de recriar formas é única e um sinal claro de habilidades cognitivas, semelhante àquela de escrita que permitiu aos humanos preservar informações e construir civilizações. O desenho torna a criança mais atenta, prestando atenção ao que acontece e discernindo sobre o que vê.

---

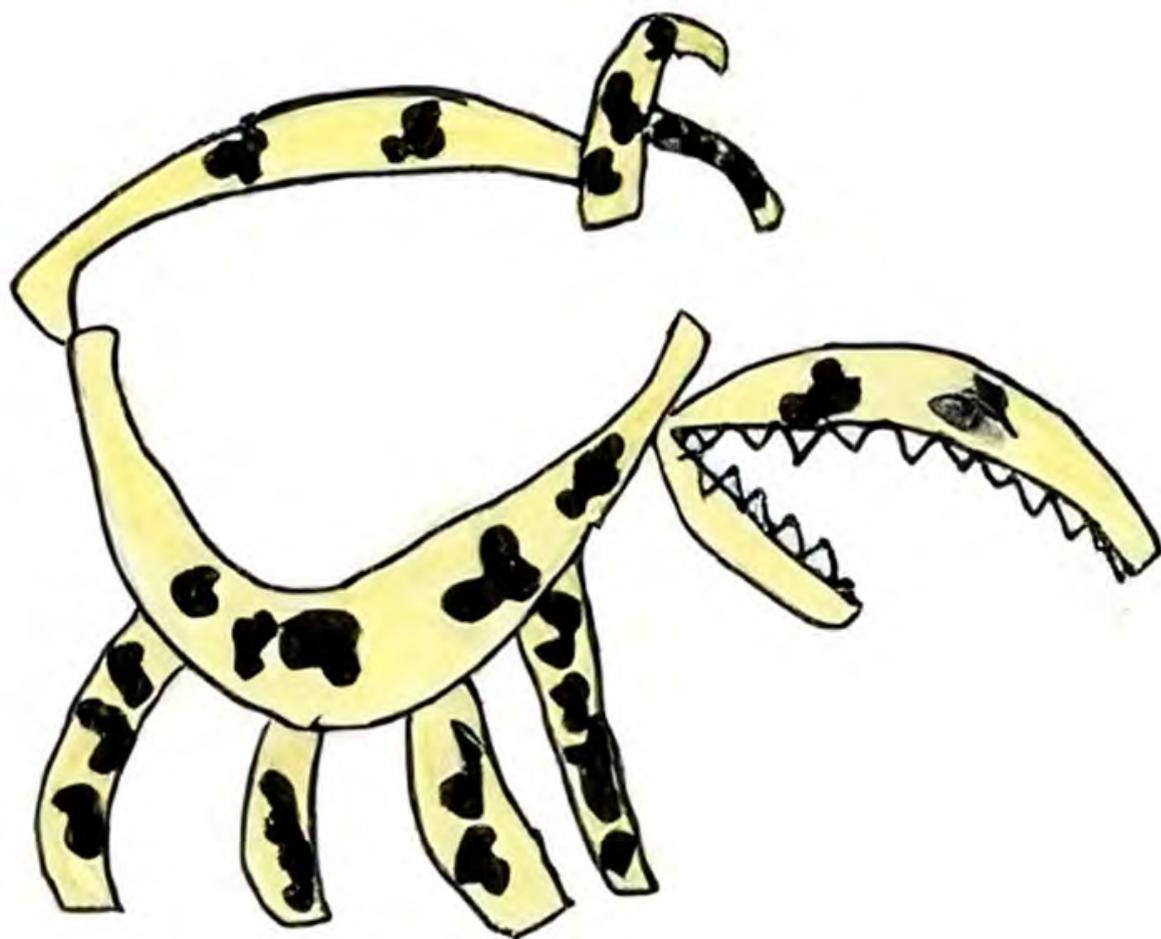
<sup>9</sup> Pesquise o *site* do MAC USP, MAM e Bienal de Arte de São Paulo e descubra diversos acervos para pesquisa.

<sup>10</sup> BAMONTE, Joedy Luciana Barros Marins. O desenho como iminência do acontecimento: uma entrevista com Edith Derdyk. Revista Educação Gráfica. ISSN 2179-7374 (on line). 2011. [http://www.educacaografica.inf.br/wp-content/uploads/2011/06/06\\_O\\_Desenho\\_como.pdf](http://www.educacaografica.inf.br/wp-content/uploads/2011/06/06_O_Desenho_como.pdf)

<sup>11</sup> <https://tempodecreche.com.br/repertorio-cultural/palavra-de-edith-derdyk-o-desenho-do-gesto-e-dos-tracos-sensiveis/>

É importante ouvir a explicação de uma criança enquanto desenha e as variadas circunstâncias: desenho em tamanho real; desenho de máquinas que criam chuvas; uso do desenho como referência; desenhos de experiência; para observar detalhes; pois há muitas circunstâncias sobre o quê desenhar.

Antigamente, era prática escolar desenhar livremente sem a finalidade de observação e contemplação que agregaria qualitativamente às produções. Os desenhos eram arquivados na pasta para entregar aos pais no dia da reunião. Mais do que arquivadas em pasta para entregar à família, as produções são um acervo para estudo do desenvolvimento expressivo pelo professor para planejar as novas mediações.



Rodrigo, 4 anos  
Prof.<sup>a</sup> Tatiana Albuquerque Genda



## **Nossos encontros e o site**

Nicolas, 11 anos  
Prof. Alex Cabral de Pontes

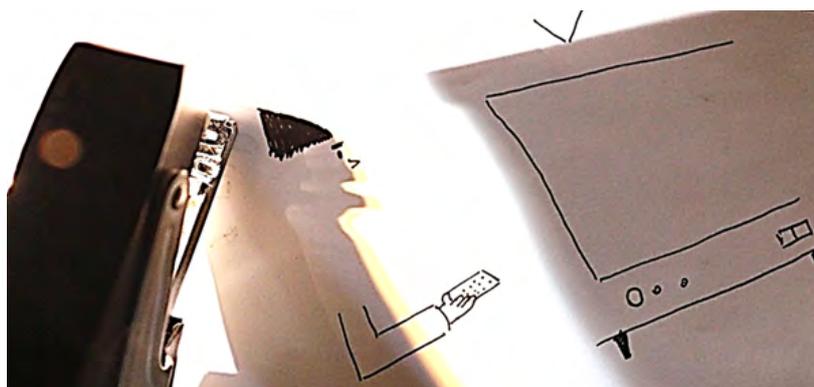
Nunca tinha visto um céu assim, ele é tão bonito!

*Isabelly, 6 anos.*

## 2015

De setembro a dezembro de 2015, o curso contou com 75 professores e estudantes. O objetivo é estudar a gramática visual construída pelas culturas infantis, estabelecendo ferramentas de análise para as produções gráficas das crianças. A organização envolveu: estudo teórico; coleta dos desenhos das crianças; ações práticas nos encontros; propostas para o trabalho na creche/escola e produção textual de análise.

Criamos ações que retomem a nossa ação expressiva mostrando que o desenho está em qualquer lugar. Assim, fazemos a caça às sombras aprendendo novos contornos e criando personas. A seguir, há ações descritas e sombras projetadas por objetos dando visibilidade a novos personagens e cenas.



Criação: Alay  
ACERVO: BETANIA DANTAS.

### **Algumas orientações para os registros sobre os desenhos das crianças:**

- No caso de crianças muito pequenas que não verbalizem sobre seu desenho, o professor pode observar e registrar como foi o processo de criação pela criança: seus movimentos, sonoridades, atenção e envolvimento ao desenhar, e outros aspectos que julgar interessantes.
- Com crianças que verbalizam, mas não escrevem, é essencial que contem sobre seu desenho e que o professor, ao registrar o relato da criança, possa complementá-lo.
- Crianças que já fazem o registro por meio da escrita podem escrever sobre o seu desenho, cabendo ao educador completá-lo, se necessário.
- Todo registro deve ser feito em folha à parte ou no verso do desenho. O espaço do desenho não deve receber interferência da escrita do adulto.

Sempre ocorreram dois tipos de coleta:

1. Desenho de imaginação livre;
2. Desenho de imaginação - dirigido a partir da leitura de um dos contos sugeridos: “Aqueles pobres fantasmas” ou “O cachorro que não sabia latir”, do livro *Histórias para Brincar*, de Gianni Rodari (2007), desenho que resultou de vivência, bate-papo e observação.

Ao término da história, o professor lia os três finais às crianças e por votação, escolhiam o mais apropriado ou construía outro final possível para o conto. É importante observar que a criança desenha por pensamento gerativo, não necessariamente desenhará a história contada, mas sim como se conecta com sua realidade pessoal. Todos os desenhos possuem seu significado e importância.

## 2016

No primeiro semestre de 2016, iniciamos o curso com 35 vagas e realizamos coleta, pesquisa, estudo e produção de texto. Coordenado por Betania e Sergio, com o suporte de Jairo, Joselia e Thais, indicamos *Histórias para brincar* de Gianni Rodari (2007) para entendermos o impacto de desenhos inspirados em duas histórias: *O cachorro que não sabia latir e Esses pobres fantasmas*. A coleta dos desenhos constitui o Museu do Desenho da Criança.

Em junho de 2016, os professores trouxeram a apreciação das histórias de Gianni Rodari (2007). Apresentamos os slides “*A história da arte e a arte da criança*”. Conversamos sobre o processo de coleta, pesquisa, registro e documentação desse percurso.

Utilizamos pinturas de paisagem e a produção das crianças. Lembrando que a criança desenha o que vive e lhe importa, assim, a apreciação em uma caminhada no bairro sob novos ângulos de visão poderia contribuir para a inventividade dos desenhos das crianças.

Em agosto de 2016 iniciamos o curso e, desde o primeiro encontro, as dúvidas dos professores versavam sobre estudar e aprender um pouco mais a respeito de estudiosos e textos sobre o desenho anteceder a escrita. Surgiram perguntas como: É inadequado usar desenhos prontos para pintar? Devemos nomear ou não os desenhos? O que é desenho dirigido? É usual na educação infantil? Como realizar a leitura do desenho da criança? Por que algumas crianças gostam tanto de desenhar, mas há aquelas que sofrem quando lhes é pedido? Essas questões são respondidas nesta obra.

Em setembro de 2016 todos escreveram um pequeno texto: *Por que parei de desenhar ou por que desenho?* Realizaram duas coletas: uma de temática livre e outra após a contação de histórias.

### Por que desenho?

Se você nunca parou de desenhar, realize um levantamento da importância, dos elementos que contribuíram para a sua produção, das intenções, do seu desenhar, sua relação com o desenho.

### Por que parei de desenhar?

Por que não desenho? Realize um levantamento dos motivos que te desestimularam, porque não desenha mais e quando parou.

Obs.: Pensem na construção deste texto como um elemento de catarse, trazendo profundamente essa nossa relação com o desenho.



Conversando sobre as coletas.  
Acervo: Ana Paula Reis.



Último dia de encontro.  
Acervo: Ana Paula Reis.



Organização final da coleta.  
Acervo: Ana Paula Reis.

## 2018

No primeiro semestre de 2018, trabalhamos o desenho como linguagem de comunicação e expressão dos nossos sentimentos e ideias. Realizamos a ação com os grupos construindo uma produção no chão utilizando o barbante. Sempre buscando ampliar a experiência de desenho com materiais alternativos, não estruturados e incomuns, portanto, não previsíveis.

Além de pensarmos em outros tipos de linha, como desenhar com barbante, desenhar, fotografar e desmanchar o desenho, conhecemos como o corpo humano era representado artisticamente, realizando estudos de observação do corpo e até dança. Os estudos do movimento em uma só linha foram realizados utilizando um acompanhamento musical para que duas professoras dançassem enquanto seus colegas realizavam estudos do movimento do corpo no desenho de linha contínua.



Dança para estudos de desenho I.  
Acervo: Ana Paula Reis.



Dança para estudos de desenho II -  
linha contínua em interação.  
Acervo: Ana Paula Reis.



Desenhos de Picasso na obra Picasso em uma só linha de Galassi (1998).

“Em uma só linha” é um exercício que difere da linha tracejada e interrompida da escrita. Picasso percebeu na criança esse contínuo traço.

Nessa criação de Miguel, apresentada a seguir, vemos a fumaça que sai do escapamento da motocicleta, direcionando o nosso olhar para o veículo em movimento e em alta velocidade, usando um espaço que nos sugere uma suave ladeira ou um pinote da moto, em liberdade de movimentos. Você observa a aceleração que o motoqueiro empenhou na roda traseira? Este desenho feito em uma só linha é um procedimento bastante comum em crianças antes do repetitivo tracejado da escrita. Percebam que a ausência de uma linha representando o chão não “atrapalha” a ideia do desenho, como alertou o desenhista Henfil (1981).



Miguel, 5 anos. Canetinha sobre papel.  
Motocicleta em alta velocidade.  
Em uma só linha.

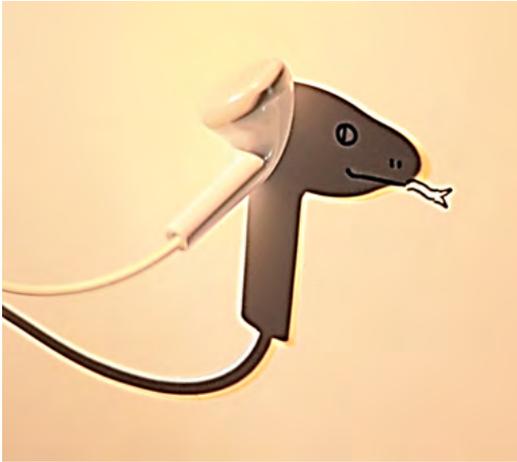
## 2019

Em março de 2019, iniciamos o curso no CME Adamastor com encontros quinzenais até junho. Começamos com a nossa apresentação e do grupo, um curta-metragem, a bibliografia, os princípios do desenho e pedimos uma questão escrita ao final do encontro. As obras História de uma cor, de Michel Pastoureau (2011), Eu que fiz, de Lupton (2008) e Eco Arte, de Holm (2015) foram apresentadas. Houve um bate-papo sobre as coleções e uma primeira conversa sobre a coleta livre.

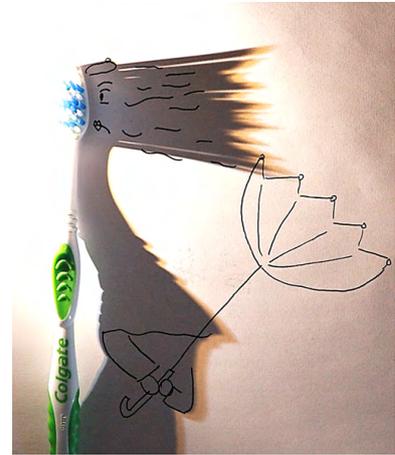
### Pintar um desenho pronto?

Só se for a sombra. Em abril de 2019 realizamos uma caça às sombras, possibilitando a descoberta de um modelo de observação que seria muito mais promissor que o desenho pronto. As formas tão antigas de educação brasileira permanecem arraigadas, como o desenho pronto. A sombra conseguiu suplantá-lo? Sim! Entendemos as sombras como possibilidades de desenho e modelo de observação. Observe a crise da

costura no Brasil: quantos pessoas precisam de moldes para costurar? Isso é normal? Será que não naturalizamos a crise da imaginação no Brasil?



Criação: Alay.  
Acervo: Betania Dantas.



Criação: Alay.  
Acervo: Betania Dantas.

Há professoras que trazem a experiência de autorretrato como (auto)representatividade, ancestralidade e descoberta de seus traços individuais, mostrando que a criança pode desenhar, colar, fotografar ou escrever sobre si, sempre com buscas sobre o autocohecimento e os seus antepassados.

## ***E a brincadeira como espaço do desenho?***

Foi pensando em brinquedos de papel desconhecidos pelas crianças que preparei slides com brinquedos e fantasias de jornal feitos por crianças e por cartunistas. A criação de adereços livres que resultem em faz-de-conta e criação de histórias favorecerá o acervo imagético para o desenho. Em maio de 2019, apresentamos um arquivo sobre modos de usar o jornal para brincar: a brincadeira como momento criativo para o desenho.

Enviamos textos e informações sobre a coleta. As discussões sobre os textos nos encontros, nos auxiliaram no dia a dia da escola, em diálogos e critérios, como também para compreendermos os desenhos que seriam coletados, com ênfase na importância desses desenhos na vida das crianças e nas nossas.

Estudamos textos sobre educação e adestramento, desenho e infância e três desenhos animados do projeto "De criança para criança<sup>12</sup>": *O bafo do príncipe*, *Os ovos e os dinossauros* e *O planeta dos robôs* produzidos por crianças brasileiras.

A coleta realizada nas escolas era livre e dirigida. Na coleta dirigida, a orientação era levar imagens de diversas árvores como ampliação de repertório, como referência de pesquisa. Posteriormente, ao observarem árvores e plantas era preciso deixá-los livres para que escolhessem o que desejariam registrar.



Curso no CME Adamastor.  
Acervo: Ana Paula Reis



Professores socializam percepções sobre arte e desenho na educação infantil e no ensino fundamental.  
Acervo: Ana Paula Reis



Professores contribuem com questões reflexivas.  
Acervo: Ana Paula Reis



Apresentação dos materiais de estudo.  
Acervo: Ana Paula Reis

---

<sup>12</sup>De criança para criança é um projeto de desenho animado coordenado por Vitor Azambuja e Gilberto Barroso. Neste projeto narrativas, desenhos e vozes das crianças constroem os desenhos animados com o apoio tecnológico dos adultos do projeto. Disponível em: <https://decriancaparacrianca.com.br/pt/>.



Professora expõe o projeto de identidade e autorretrato.  
Acervo: Ana Paula Reis



Coletivização de aprendizagens.  
Acervo: Ana Paula Reis



Bate-papo a partir das primeiras impressões sobre a  
coleta de desenhos | Acervo: Ana Paula Reis



Professora descreve o contexto do desenho (na tela  
à esquerda detalhe de pintura egípcia).  
Acervo: Ana Paula Reis



Detalhamento dos aspectos da pesquisa com o  
desenho da criança | Acervo: Ana Paula Reis



Início da Sessão de desenhos animados feitos por  
crianças | Acervo: Ana Paula Reis

## Sobre nuvens e árvores



Pintura digital árvore e nuvens.  
Acervo: Betania Dantas.

Proporcionar a observação atenta de nuvens prepara todos os sentidos para apreender o que ainda não era observado. Procurem conversar sobre as formas das nuvens, das cores do céu... Deitar-se no chão quando houver nuvens no céu, fechar um olho e desenhar a nuvem com o dedo. Chamar as crianças da turma da tarde quando houver pôr do sol e nuvens coloridas. Utilizar tinta, lápis, giz de cera, barbante, folha rasgada.... o que puderem oferecer para registrar. Fotografar, levar fotos de nuvens com cores diferentes. Lembrem de não realizar registros escritos no próprio desenho, mas sim em algum local separado. Procurem, na medida do possível, registrar as falas das crianças, enquanto realizam os desenhos, em rodas de conversa...

Essa sensibilização impactou as crianças com olhares de descoberta da beleza, de congelar o gesto das infâncias para compreender o que viu de tão diferente ou ser tomado de tagarelice, tentando trazer tudo o que sentiu para o seu registro ou ainda como no texto poético de Eduardo Galeano<sup>13</sup>:

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: Me ajuda a olhar!

---

<sup>13</sup>GALEANO, Eduardo. A função da arte/1. In: O livro dos abraços. Porto Alegre: L&pm, 1991.

## 2020/2021

No início de 2020 realizamos dois encontros presenciais no Centro Municipal de Educação Adamastor quando, então, o curso foi interrompido em decorrência da pandemia da Covid-19. Apenas no primeiro semestre de 2021 foi possível reiniciarmos o curso em um formato totalmente remoto.

Em meio à alegria da retomada, muitas particularidades, algumas facilidades e novos desafios. O tempo do encontro *on-line* é diferente do presencial. A experiência sensorial é prejudicada na tela do celular, tal afirmação surgiu como relato de uma das educadoras sobre o período de atendimento remoto e a relação com as crianças, mas também, de certo modo, podemos ter essa percepção no próprio curso. Tudo foi mediado pela tela, toda proposta de criação, fruição e reflexão. Em alguns momentos a principal interação foi pela escrita no *chat*. Neste contexto, como fica o espaço da experiência?

Lowenfeld (1976, p.108) escreve: “[...] tudo quanto pudermos fazer para estimular a criança no uso sensível dos seus olhos, ouvidos, dedos e do corpo inteiro servirá para enriquecer sua reserva de experiências e a ajudará em sua expressão artística”. Como propor então, experimentações aos(as) educadores(as) que frequentavam o curso, para além dos encontros síncronos que realizamos por meio da plataforma virtual *Teams*?

Propusemos então, alguns exercícios de criação, algumas possibilidades que pudessem aproximá-los dessas experiências de que trata Lowenfeld (1976). Enxergar imagens em rachaduras, descascados e manchas, transformá-las em desenhos, e, experimentar a criação de tintas no exercício com os Hiramekis foram as principais propostas neste sentido.

Foi notável o envolvimento dos educadores nessas propostas. Passeamos pelo exercício do olhar e da imaginação por meio da descoberta ou redescoberta do simples e do cotidiano que, para a surpresa de muitos, se transformava em criação. Se aprendemos através da experiência, o aprimoramento de nossa percepção em relação aos desenhos das crianças vai ser influenciada também pela nossa relação com o desenho, com a imaginação e com processos de criação. Foi por manchas realizadas com café, temperos, plantas e tintas que as professoras criaram as imagens cujo detalhe, apresentamos:

## Hiramekis

Composições por manchas



Eny dos Santos



Imaginação  
Rita de Cassia Pereira



Sonho maluco  
Glauca Frasseti



Edilene Sousa



A plenitude do elefantinho -  
Larissa Pontello



Suely Pires



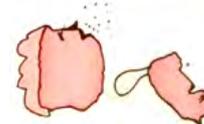
Eliana Silva



Cinthy Marcondes



Juliana Baggio



Thais Ventura



Sara Moriwaki



Descobertas difíceis -  
Tatiana Ramos



Michelle Tambroni



Elaine Silva



João Victor - Gato  
filho da prof.<sup>a</sup> Michelle  
(participou criando hiramekis)

Detalhes de pinturas realizadas pelas professoras.

Com relação às coletas, devido ao momento bastante específico que estávamos vivenciando - o ensino remoto - os cursistas precisaram contar com o auxílio das pessoas responsáveis pelas crianças, que precisariam se comprometer a oferecer as condições, espaço e materiais disponíveis, para que as crianças pudessem fazer um desenho livre da interferência dos adultos, com temática também não definida. Além disso, alguns responsáveis realizaram o registro em vídeo e/ou áudio em que a criança contava sobre seu desenho.

Apesar dos desafios e da distância, as coletas e as análises foram realizadas e finalizadas.

Além dos estudos e das análises das coletas, neste semestre, de acordo com os interesses, os educadores formaram grupos de pesquisa para a criação de um material que trouxesse possibilidades práticas para se trabalhar o desenho na escola. Esses trabalhos também estão disponibilizados no *site*.

Considerando todos os encontros de 2015 a 2021, buscamos experiências que inspirem a descoberta de si e a retomada de seu traço perdido. Dessa forma, capturamos a linha da dança; fizemos pequenas instalações de tecidos, barbante e palitos; caçamos sombras; encontramos desenhos em rachaduras e manchas; desenhamos com barbante no chão e em desenhos sensoriais.

Retomamos a seguir algumas questões levantadas pelos(as) professores(as) e que podem auxiliar as nossas ações cotidianas.

**O uso da cor preta demonstra que a criança passa por problemas?** Não. Observe que todos os desenhos animados e os gibis precisam do preto para contorno. Na imagem, contraste é tudo. Além do mais, desde a infância construímos uma paleta de cores que dialoga com as nossas características, como cor de pele e de cabelo, de maneira que as cores que usamos nas roupas tendem a reaparecer nos desenhos e pinturas. Observe que cada artista possui um sazonal, portanto uma paleta de cores própria.

**Devo determinar o meu gosto de cores para as crianças?** Não. Cada pessoa possui uma paleta de cores que contrasta com a cor da pele, dos olhos, cabelos, independente de nossas origens étnicas, determinando, assim, os verdes, laranjas, vermelhos que mais gostaremos, ou seja, de base azulada ou dourada, matizados ou saturados.

**O que podemos falar sobre o uso das cores?** A indústria determinar a cor para meninas e meninos é uma questão de economia<sup>14</sup>, não faz sentido pautar-se por determinadas convenções sociais de gênero. Até o começo do séc. XX os meninos usavam rosa e as meninas, azul. Portanto, a cor não representa gênero e precisamos ajudar as crianças a desmistificá-la. É importante também ensinar as crianças a criar as suas cores de pele fotografando-as e preparando-as em tinta ou lápis de cor representando um começo da pesquisa de si<sup>15</sup>. Sobreposição de lápis de cor cria cor específica. Na tinta, o vermelho e o verde dão o marrom e toques de amarelo, preto, azul ou branco podem se aproximar dos nossos tons de pele.

---

<sup>14</sup> <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-rosa-para-meninos-e-azul-para-meninas.phtml>

<sup>15</sup> Observe a obra *Polvo* de Adriana Varejão, a pesquisa do IBGE e empresa de arte produzindo tons de pele em giz: <http://www.educandotudomuda.com.br/a-cor-do-lapis-cor-de-pele-falando-sobre-diversidade-com-as-criancas/>

**Desenhar mãos escondidas revela insegurança?** Não, as mãos são as partes do corpo mais difíceis de serem desenhadas e por isso escondê-las é uma solução de arranjo para quem ainda não encontrou um modo próprio de representá-las.

**Qual a importância do desenho para a criança?** Muitas vezes entende uma briga, espanta um medo, reorganiza as ideias e emoções, brinca, vive uma história, registra um desejo ou um agravo, opera com dimensões e transformações dos materiais.

**Com qual periodicidade o pedagogo deve ofertar ações artísticas às crianças?** No mínimo duas vezes semanais e se possível, todos os dias com jogos teatrais; cantos coletivos; audição; modelagem; desenhos; pinturas; instalações; gestos; pesquisas de sombras; produção de vídeos; desenhos animados; dentre outros.

**É adequado tentar interpretar psicologicamente o desenho das crianças?** Não é função do professor interpretar psicologicamente e sim dar condições para que a criança amplie a sua expressão plástica. Tudo o que soubermos sobre o desenho será pela fala do(a) criador(a): a criança.

**Preciso fazer exposição dos desenhos?** Sim, as exposições possibilitam que as crianças tenham noção do todo, faça paralelos descobrindo como cada uma resolveu um problema ou apresenta a sua imaginação. Evitando sempre comparações valorativas.

## O site e as galerias

O *site* do Museu Virtual do Desenho da Criança possui dois personagens muito simpáticos logo na abertura. Há os ícones: *Museu*; *Galeria*; *Arquivos*; *Vídeos e Contato*.

O acesso é feito pelo endereço:

<http://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br/museudodesenho/>

Hospedado no *site* da Prefeitura Municipal de Guarulhos, funciona como acervo virtual e biblioteca com materiais de estudo. Os desenhos publicados foram autorizados pelas famílias. Em *O Museu* a equipe se apresenta. Em *Arquivos* incluímos materiais para pesquisa para além das obras já utilizadas no curso. Em *Vídeos* apresentamos documentários sobre a temática do desenho e das artes.

A *Galeria* pode ser acessada no grande acervo ou por turma. São itens das Galerias: *Acervo 2015*; *Acervo 2016*; *Galeria Frans Krajcberg*; *Galeria Vik Muniz*; *Galeria Mario De Andrade*; *Galeria 2018 - Pablo Picasso*; *Criações - Desenho Livre*.

Todas as turmas apresentam uma coleta livre além das seguintes propostas:

- a) O acervo de 2015 com personagens apreciados pelas infâncias;
- b) O acervo de 2016 com desenhos elaborados após a contação de história de Gianni Rodari;
- c) A Galeria Frans Krajcberg com observações de árvores;
- d) A galeria Mário de Andrade e o corpo humano;
- e) A galeria Pablo Picasso;
- f) e Criações em desenho livre.



Amanda, 10 anos  
Prof.<sup>a</sup> Kelly Medeiros Cardoso



Deyvid, 7 anos  
Prof. Marcelo de Oliveira



## **Histórias e desenhos Coletas e encontros**

Jeancarlo, 8 anos  
Prof. Marcelo de Oliveira

## Disse baixinho à professora: – floresta!

Deve-se enfatizar a diferença entre instrução e educação. Instrução é a transmissão de conhecimento pronto pelo professor a seu aluno. A educação é um processo criativo. Por toda a vida, a personalidade do indivíduo “se educa”, amplia-se, é enriquecida, se fortalece e se aperfeiçoa.

*Anatóli Lunatchárski*

Neste capítulo, as crianças contam sobre os seus desenhos, cujas narrativas foram registradas por seus professores.

Cristiana Bueno, em novembro de 2016, realizou uma roda de conversa sobre árvores com crianças de nove anos. Conversaram sobre os diversos tamanhos, cores e formatos das árvores. As crianças procuraram desenhar como viam a árvore relatando faltar uma parte das raízes, encoberta pelo carro.



Geovanna, 9 anos. Lápis sobre papel.

Árvore com passarinho.

Kauany desenhou “lembrando das árvores do quintal da casa da avó que vai todos os fins de semana e em outra ocasião foi desenhar árvores e fez bem parecida com esta”. Já Sara “fez o desenho da árvore lembrando que os animaizinhos também gostam de ficar lá, como o passarinho e os coelhos”, gosta tanto de árvores, “porque dá para fazer um balanço e se divertir muito”, disse. Kauany produz um desenho de observação enquanto Sara, de memória.



Kauanny, 9 anos. Lápis sobre papel.  
As árvores da casa da vó.



Sara, 9 anos. Lápis sobre papel.  
Os animaizinhos gostam de árvores,  
Sara também gosta porque dá para  
fazer o balanço e se divertir.

Em nossos encontros do curso do museu do desenho relembramos de antigos programas educativos infantis, como o Vila Sésamo, e de que maneira aprendíamos ao ver imagens no céu. Ainda nos encontros, apresentamos as nuvens do artista Vik Muniz, a nuvem que foi desenhada pelo avião e as imagens que enxergamos a partir de nossas experiências pessoais. Para uma mesma nuvem há diferentes olhares: uma historiadora vê uma cena épica, uma bióloga uma ameba e um homem que será pai, um bebê. Um dos exercícios é observar o céu e fotografar uma nuvem, buscando identificar nela uma imagem. Elaborar um arquivo com as fotografias flagradas pela turma é uma etapa importante no processo de alfabetização visual das crianças.

A partir da observação das nuvens, Everton, 9 anos, lembrou-se de tudo o que já viu no céu e começou a desenhar: um helicóptero; um foguete; um avião; um homem pulando de paraquedas e outro voando de asa-delta...ainda desenhou o arco-íris e o Sol para embelezar a paisagem. Temos aqui um desenho de observação e várias imagens de memória pondo-se a perguntar sobre tudo o que já viu passar no céu.



Everton, 9 anos. Lápis sobre papel.  
Céu com tudo o que já viu passar.

Quando está na calçada com sua mãe, Geovanna, 9 anos, sempre olha para as nuvens imaginando imagens como: tartaruga; folha; flor; borboleta; coelho; coração; gato; baleia; e até um *emoticon* apaixonado. O que vemos nas manchas e nas nuvens nada mais é do que as imagens que cultivamos no dia a dia e os *emoticons*<sup>16</sup> resultam dessa linguagem virtual cotidiana.



Geovanna, 9 anos. Lápis sobre papel.  
Nuvens-imagens.



Emily, 6 anos. Lápis sobre papel.  
Meu maior sonho é ser uma sereia e  
viver no mundo encantado.

Nos anos 40, o pesquisador Viktor Lowenfeld constatou que a criança desenha o que vive. James, 5 anos, gosta do corpo em movimento (*skate* e atividades radicais), admira os *skatistas* relatando “que desenhou chuva, grupo de amigos competindo com skates radicais na pista que continha muitas manobras<sup>17</sup>”. Observe que o grupo de *skatistas* se assemelha a um grupo de surfistas. O *skate* é a adaptação da prancha do mar para o asfalto, os *skatistas* são os surfistas da selva de pedra.



James, 5 anos. Lápis sobre papel.  
Skatistas em dia de chuva.



Ismael, 4 anos. Lápis sobre papel.  
Mãe, irmãzinha e um balão colorido.

<sup>16</sup> Os **emoticons** foram criados em 1982 pelo norte-americano Scott Fahlman, que na época trabalhava para a Universidade de Carnegie Mellon. Sendo usuário de um sistema de comunicação on-line muito rudimentar – uma espécie de antecessor remoto do WhatsApp, Fahlman propôs que seus amigos da instituição passassem a usar um :-) para indicar mensagens cômicas e :( para representar recados sérios. Um emoticon é uma representação gráfica de uma emoção feita através dos caracteres que você tem à disposição em seu teclado, e nada mais. Eles eram (e ainda são) muito usados em locais em que você só pode usar texto para se comunicar. In: tecmundo (SOUZA, 2019) Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/web/86866-voce-sabe-diferenca-entre-emoticons-emojis.htm>

<sup>17</sup> Professora Cristiana Bueno Peres.

A professora levou as crianças ao estacionamento da escola e puderam andar bem próximo às árvores. Dessa caminhada, Ismael apresentou a variedade de árvores que gosta de observar. No desenho, “fez a copa das árvores menores como o seu olhar alcançou”, é surpreendente que o bate-papo com a professora e os colegas ajudou-o a perceber os diversos tamanhos e formatos, mas observe que, ao mesmo tempo, empenha o mesmo estilo de tratamento na diversidade. Ao desenhar as nuvens, não se preocupou em estabelecer as cores, mas sim em expressar como gosta de ver o céu todo colorido quando está próximo ao pôr do sol assim como as fotos apresentadas às crianças.



Ismael, 4 anos. Lápis sobre papel.  
Árvores da escola.

Durante as aulas, a professora sempre conta história e Geovanna prestava muito atenção, mas nunca dizia nada, só ria: “Quando começamos a desenhar ela sempre entregava por último e com o tempo percebi que era porque cada um era sua história, sua criação! E a cada desenho ela vivia uma aventura! Esta é uma delas: - Prô, vou te contar uma história! Conte, eu digo. Bem, a mãe (de verde) levou ela (Geovanna) para a floresta. Lá, Prô, tinha um castelo e uma árvore com frutas. Era um dia tão bonito, mas tão bonito para passear! Sabe, Prô, nossa casa é um castelo! Tudo muito divertido, lugar bonito e eu sou muito feliz!?”.



Geovanna, 5 anos. Lápis sobre papel.  
Minha mãe e eu na floresta com castelo e  
árvore frutífera.

“Estava bem na hora de fazer o desenho, Gustavo ficou conversando com os colegas da mesa falando que iria fazer um tubarão, quando entreguei a folha ele selecionou alguns gizes de cera e foi desenhando vários robôs e desenhou um tubarão, e pela sua fala, era um tubarão gigante! Gustavo criou e contou que eram ‘seus robôs favoritos’ sendo que o maior apresenta cara de mau e solta raios pelas costas, e seus companheiros que também têm poderes especiais, um pode voar com seus sapatos voadores e o outro tem o poder de se esconder com sua alta velocidade. Há lugar para um ‘ônibus espacial’ que estava abaixo da nuvem especial’.



Gustavo<sup>18</sup>, 5 anos. Lápis sobre papel.  
Tubarão gigante e robôs.

James, 5 anos, em outro desenho retratou a árvore com o voo da folhagem espessa no chão; interessante notar que desenhou algumas sem as folhas e que as avista assim quando faz o percurso da sua casa a casa da avó. Já na representação das nuvens, retratou imagens de monstros e seres extraordinários que visualiza quando começa a observar as nuvens e o Sol quase escondido entre elas.



James, 5 anos. Lápis sobre papel.  
Monstros avistados nas nuvens.

---

<sup>18</sup> Nubia Grazielle P. de Souza, 2019, Professora de Educação Básica.

Durante a realização do desenho, Isabella colocou sua boneca favorita para olhar seu desenho e ela conversava com a boneca assim: “-Aqui (apontando para o desenho) é minha mãe e eu, a gente tá lá fora em uma pracinha (aponta para a janela). É perto de casa! Eu brinco lá! Também tem o bosque (refere-se ao Bosque Maia) lá tem uns brinquedos legais!” A boneca era uma amiga ou alguém a quem ela fez questão de contar sua história, sua criação.



Isabella, 5 anos. Lápis sobre papel.  
Mamãe e eu no Bosque Maia.

Enquanto ela desenhava, ao ser questionada, explicou sobre a figura amarela na parte central superior da folha. Ela, espontaneamente, me diz: “-É uma escada! A escada que leva para o meu quarto!”. E depois (...) vai apontando e dizendo: “-Aqui (mostrando o canto superior direito) é um arco-íris, e essa aqui (apontando para a figura humana pintada de verde) sou eu”. Lohane desenha meninas brincando dentro de um semicírculo que vaza a página, composição em equilíbrio com trecho de céu e trecho de flores.



Isabella, 4 anos. Lápis sobre papel.  
A escada que leva para o meu quarto.



Lohane, 4 anos. Giz sobre papel.  
Meninas brincando.

Gustavo<sup>19</sup> nos relatou sucintamente que desenhou um caminhão. Observamos que na sala da turma e nas brincadeiras do cotidiano gosta muito de veículos. Observe a beleza de composição, há ritmo e equilíbrio tonal. É como se cada peça tivesse o seu encaixe e encadeamento.



Gustavo, 4 anos. Lápis sobre papel.  
Caminhão.

---

<sup>19</sup> Daniela A. de Oliveira e Jaqueline Aparecida V. de Almeida, 2015, Professoras de Educação Básica.

## Observando árvores e nuvens

João Gabriel demonstrou desinteresse na observação, mas ao desenhar ficou bem concentrado desenhou rápido e “acrescentou vários elementos”. Desenhou as árvores, seu cachorro e a si: “as formas são nomeadas, reconhece elementos do mundo real e imaginário como moradias, figuras humanas, animais, objetos e elementos da natureza”.



Detalhe



João Gabriel, 4 anos. Giz sobre papel.  
Eu, árvores e cachorro.

A proposta foi pedir que cada criança desenhasse o que quisesse em sua folha utilizando as cores de sua preferência. A professora Viviane descreve: “Não me manifestei em nenhum momento, os deixamos livres em suas escolhas e fiquei observando a cada traçado das crianças”.

A professora notou que Flavia representou a família (mamãe, papai, ela e seu irmão), desenhou duas crianças e, ao término, a professora perguntava sobre cada parente desenhado e a criança comenta “[...] que desenhou outro irmão porque o primeiro estava muito grande e seu irmão é pequeno daquele jeito. Achei muito interessante ela fazer essa associação”. Observa que Flavia desenha detalhes como “as bochechas, sobrancelhas e o corpo”. É o momento no qual se intensifica o interesse por assimilar regularidades da linguagem do desenho articuladas à cultura na qual a criança está inserida.

Pedi às crianças para apreciar o céu por três dias, em dias de sol e dias de chuva, a cada dia as crianças falavam algo a respeito: “Em uma das vezes, Hellen falou que estava vendo animais nas nuvens como unicórnio, jacaré e dinossauros. Depois levamos as crianças para a sala com o *datashow* para conhecer o céu quando está escurecendo, em pôr do sol e com arco-íris. Sequencialmente, desenharam o céu, as nuvens. Ela desenhou uns traços em volta e comentou que as nuvens eram coloridas e que o desenho feito com giz preto era o raio que caiu no chão. Um desenho imaginativo com detalhes da realidade”.



Hellen, 4 anos. Giz sobre papel.  
Sol, nuvens coloridas e raio caindo no chão.

Ao apreciar o céu, Davi, 4 anos, ficou encantado com o nublado escolhendo as cores escuras para realizar o seu desenho. Pintou inicialmente de azul e depois veio com o preto e por final fez esses círculos, disse que era o céu que está chovendo e os círculos são as nuvens, disse que as nuvens estão embaixo do céu.

### **“-Oh!” – disse com um sorriso no rosto apontando para o pontinho recém-criado**

A Professora Viviane Sena dos Santos desenvolveu o projeto Desenho por linhas livres na creche. Organizado em dois momentos, as crianças conheceram quatro árvores distintas. Observaram o tamanho, as folhagens, as cores e depois escolhiam uma para desenhar. Tiveram ao seu dispor diversos materiais para o desenho: canetinha, canetão e lápis de cor.

A forma do papel também foi escolhida. Foram ofertados círculos e retângulos; escolheram onde iriam desenhar primeiro. Descreve que “[...] a maioria das crianças escolheu o círculo no primeiro momento e sobrava o retângulo (em papel A3). No segundo momento, exploramos o espaço da escola, observando as árvores reais.



Guilherme, 3 anos, lápis sobre papel.  
Desenhando em papéis circulares.

Observaram as árvores da escola, exploraram os espaços e árvores e lá foi possível comparar com melhor nitidez os tamanhos.

Rodrigo, 5 anos, inspirou-se na fotografia mais escura e registrou com cor cinza o seu desenho. “Não quis colocar detalhes e seu desenho foi simples, com traçados que me fez lembrar dos desenhos do Picasso ao ‘dissecar’ o touro em linhas, como foi mostrado em uma das aulas. Ao término do desenho, ele pediu outra folha para desenhar e queria muito mostrar ao irmão mais velho”.



Rodrigo, 5 anos. Desenho de observação da árvore e desenho de memória feito com canetinha.

A professora descreve que na exploração das árvores ele observou todas da escola, porém escolheu uma que estava longe, do outro lado do muro da escola, “[...] achei interessante, pois ele se expandiu ao que tinha sido dado a ele. Durante a produção do desenho ele conversou pouco e novamente pensava em mostrar o desenho ao irmão. Novamente foi uma árvore sem detalhes, com traços simples”.

É muito interessante a percepção da professora, pois relaciona um estudo em nosso curso com a pesquisa de detalhamento pela criança e a síntese que acontece em Picasso. O artista elabora a obra “Cabeça de Touro” com o uso do guidão e selim da bicicleta. Aqui a criança atentou aos galhos e tronco.



Observe a sintaxe que a criança realiza nesse desenho ao selecionar o mais importante de tudo o que viu e dispõe de traços diagonais, semicírculos, sobreposição e equilíbrio de composição.



Rodrigo, 5 anos.  
Canetinha sobre papel.  
Troncos e galhos.

Observando as fotografias, Jaqueline, estágio I, escolheu a árvore mais verde, frondosa e baixa. “Começou pela árvore e iniciou um movimento interessante de montar toda a paisagem com detalhes que ela enxergou e me fez observar a fotografia de outra forma. Registrou em seu desenho as bolinhas que viu na grama e acrescentou outras figuras que disse ser seu pai e outras figuras que eram sombras”. A imagem traz uma sensação de dia na primavera ou verão e ela registrou o vento com um traçado amarelo.

“Na observação das árvores da escola, escolheu uma amoreira, desenhando detalhes como o formato das amoras e as cores correspondentes à árvore real. Estava um dia de calor, ventava bastante e a percepção dela para além do objeto ficou mais evidente: ela voltou a desenhar o vento, mas dessa vez ele envolvia completamente a árvore e com um detalhe: o vento ia até um local e parava em determinado ponto do próprio vento. Achei lindo e poético. Também desenhou o Sol e o céu. Os registros dela são sempre além do que se pede, ela enxerga até o que não é visível”.

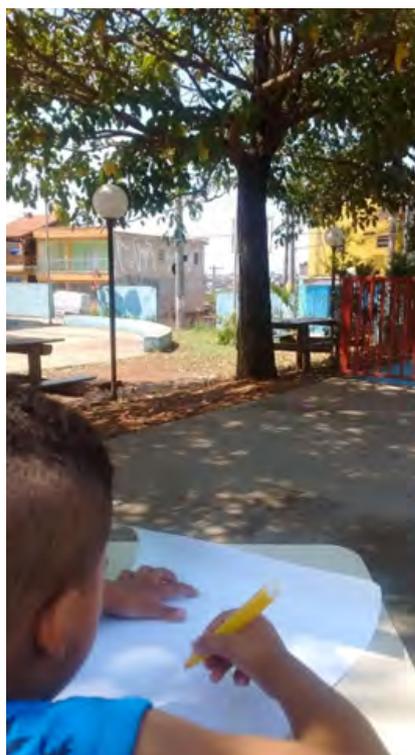


Jaqueline, 4 anos. Canetinha sobre papel.  
Amoreira com frutos envolta pelo vento.

Vitor, maternal, escolheu a fotografia da árvore mais frondosa, contudo, depois decidiu reproduzir todas as outras e ocupar os espaços com modelos de todas as fotografias observadas. Iniciou pela mais folhosa e registrou esses detalhes da folhagem. Em seguida, decidiu fazer a seca, mudando a cor. Com o ipê mudou a cor, contudo registrou as flores com pontilhado. Interessante que ele observou todas e memorizou,

pois ao escolher uma eu deixava a imagem na tela para que ele olhasse. Ele olhou, mas recorreu à própria memória para desenhar as outras.

Desenhou a maior árvore da escola, de maneira proporcional, e acrescentou elementos como pessoas próximas da árvore. Nesse dia, o pátio estava cheio de outras crianças incentivando-o a colocar o que estava entorno da árvore. No espaço havia várias flores amarelas e talvez tenha influenciado à escolha da canetinha amarela para produzir quase que a totalidade do desenho.



Vitor, 4 anos. Canetinha sobre papel.  
Desenho de observação da árvore.

Na categoria desenho livre, Gabriel, 7 anos, gosta de dialogar enquanto desenha, compartilhando com os colegas as suas sensações. Homenageia o personagem de um jogo muito conhecido no mundo infantil, chamado Minecraft, explica o Professor Ronaldo. No momento que registrava a obra, ele relatava que o boneco chamava muito a atenção dele por conta de ser um dos seus prediletos e que passa grande parte do tempo jogando ou brincando com o mesmo. As linhas retas dão a nítida percepção de que o cunho tecnológico expressado no desenho propicia o pensamento da robótica. O super-herói ficou do jeito que ele queria: imbatível e imponente.

Desenhar situações cotidianas com a família é com Ananda, 7 anos, que sempre prima também pela interação dos animais no espaço. A produção contempla um dia

ensolarado, outro chuvoso e cada pessoa tem um lindo e arredondado guarda-chuva. A estampa das mulheres tem um coração, fundamentando um sentimento bem particular da educanda, que sempre demonstra muita amorosidade e delicadeza em suas ações e feitos.



Ananda, 7 anos. Lápis sobre papel.  
Pessoas com guarda-chuva.

Na primeira proposta o Professor Ronaldo observou que as crianças ficaram bem-motivadas quando comentou sobre a rotina do dia e que no curso que estudava tinham que realizar desenhos com crianças, “[...] imaginavam que seria proposto um tema, como sempre foi solicitado. O desenho livre foi um diferencial na rotina daquela semana. Durante o curso, percebi que a interação dos educandos com o desenho deverá vir de forma espontânea sem muitas intervenções no processo. [...] o desenho faz-se necessário para o desenvolvimento da criatividade, levantamento de repertório, valorização dos feitos e saberes e em contrapartida as possibilidades de avanços nos esboços dos mesmos. Até então, eles sempre registravam o nome junto ao desenho e sob orientação, solicitei que eles colocassem o nome na parte contrária ao desenho e isso causou estranheza. Situação que hoje não ocorre mais e inclusive uma das crianças fez esta abordagem com a professora de Artes que solicitou a escrita do nome no rodapé da ilustração. Esta parte foi muito significativa para ambos. Eles relataram muitas coisas enquanto desenhavam e teceram comentários sobre os desenhos, compartilharam experiências e criaram produções livremente. Após as atividades realizadas, socializei com todos os envolvidos, todos receberam parabéns pelas produções artísticas e lancei a próxima proposta”.

Na categoria “árvores”, Ronaldo observa que ocorreu uma riqueza de detalhes, discutiram sobre quais frutos nascem em árvores e se as flores fazem parte desta composição. Uma criança notou que algumas delas estavam “peladas” e que a roupinha delas tinham caído. Questionou: - Mas porque elas caíram? Eles responderam: Porque

o vento soprou forte. Muitos galhos estavam sem folhas e muitas estavam ao chão. Foi a maior alegria colecionar folhas e quando retornamos para a sala a criança fez questão de colar a folha simbolizando a copa de uma árvore.

Uma criança encontrou diversas folhas secas caídas utilizando uma destas como copa de árvore em seu desenho-colagem. Neste momento as crianças levantaram hipóteses sobre árvores desfolhadas, com folhas e começaram a observar semelhanças entre flores e sol, por exemplo.

Coincidentemente, no dia 21 setembro de 2016, Dia da Árvore, conversamos sobre a sua importância na natureza e da nossa participação ativa no ecossistema. Levantamos diversos questionamentos acerca das árvores no meio ambiente e usando o recurso do data show, consegui mostrar a diversidade da nossa flora após a elaboração dos desenhos. Fomos para a área externa da escola onde há muito verde. Lá, encontramos muitas árvores e a proposta da atividade foi lançada. Eles sentiram-se mais livres e autônomos para criar e conseguir atender à solicitação inicial. Durante o passeio pelo ambiente, pedi que eles prestassem muita atenção em todos os detalhes naquele local e que o trânsito pelos caminhos estreitos de terra fosse realizado com muita atenção e que a proteção fosse um fator fundamental para a manutenção dos seres.

Eles notaram árvores grandes, médias e pequenas, com ou sem folhas, secas e verdinhas. Sentiram a textura dos troncos, dos animais e das plantas ao redor. Perguntaram sobre os frutos e a estação do ano. Já que “frutas” foi um dos assuntos em aula de dias anteriores.

Todo o andamento da atividade foi satisfatório, visto que boa parte das crianças relacionaram o que foi discutido em sala e fora dela. Os desenhos foram bem criativos e pautados com exatidão na proposta.

Na categoria nuvens, Eduarda afirma ao prof. Ronaldo: “-Prô, o céu fica em cima das nuvens!”. Nos momentos de diálogos, questionou sobre as cores de algumas nuvens: “Por que aquelas estão mais pretinhas e outras mais branquinhas?” Apesar das nuvens estarem com formatos e aparências semelhantes, observara que muitas tinham formatos e tamanhos distintos. Pintou o céu com um tom bem próximo ao que avistamos.

Quando observávamos o céu, João Vitor percebeu que um avião cruzava o céu indo no sentido do pouso no Aeroporto Internacional da nossa cidade. Gritou com muita alegria: - Olha lá um avião! Durante a roda de conversa questionou o porquê ficarmos com os olhos ardendo quando olhamos para o Sol? Sua produção ficou muito expressiva e com tons marcantes. O céu está bem azul, assim como no dia da execução da proposta e o sol muito quente, deixando o dia bem brilhoso. Ele fez questão de registrar os pássaros que voavam e somente uma nuvem que estava na linha do horizonte. Demonstrou muito entusiasmo ao ter que registrar algo que acabara de presenciar.



João Vitor, 7 anos. Lápis sobre papel.  
“Olha lá um avião!”

Assim como as demais crianças da sala, Gustavo, 6 anos, registrou o céu numa óptica bem peculiar. O azul no lado de cima da folha e o branco sintetizando a distância do solo, embaixo. Ele desenhou poucas nuvens. Conseguiu realizar o desenho com exatidão e com detalhes bem próximos do João. Ele ficou tão admirado quanto o amigo que contemplava a passagem dos aviões. Durante a roda de conversa, perguntou: “Por que o céu é tão grande?”; “A nuvem parece uma almofada!”. No desenho ele conseguiu expressar duas nuvens de tamanhos semelhantes e com formatos bem parecidos e o Sol, como de costume, colocou na borda superior da folha, brilhando e com rosto enraizando luz e felicidade.

E Ananda notou a imensidão do céu frente ao seu tamanho na Terra e usou o tamanho da folha para ilustrá-lo. Pintou com muita delicadeza, desenhou o Sol brilhando, como estava realmente no dia, além de três nuvens como em formatos e tamanhos variados, percebendo que as nuvens dificilmente terão suas formas e tamanhos idênticas.



Ananda, 7 anos. Lápis sobre papel.  
Três nuvens e sol.

Na terceira proposta, levou as crianças até a parte externa, onde localiza-se o estacionamento da nossa escola. O local tem uma ampla visão do horizonte e iria proporcionar ótimas percepções acerca das nuvens. Sentei-me e conversei com eles acerca da continuidade da proposta do desenho e o tema gerador dessa vez seria: As nuvens.

Começaram a levantar hipóteses sobre o formato de algumas nuvens que havia na paisagem e deram diversos significados como: astronauta; leão; elefante; algodão; almofada; etc. Eles ficaram admirados com a posição das nuvens com algumas mais escuras ao fundo. Uma criança falou sobre a possibilidade de chover naquele dia, haja vista que no dia anterior uma chuva pesadíssima afetou o bairro. Notaram que os tamanhos e formatos eram diversos e que poderiam brincar com as nuvens, mesmo que estivessem distantes de nós.

Nesse momento, a criatividade foi colocada em jogo e diferentes possibilidades poderiam fazer parte do repertório de cada um. Descobrir imagens semelhantes entre si foi um exercício muito interessante. O céu estava muito azul e tinham poucas nuvens sobre nós. E perguntaram o porquê de o céu estar tão “limpinho”. Alguns disseram que elas tinham ido embora para outro lugar, outros levantaram a hipótese do vento e alguns disseram que elas somem depois da chuva. Everson, de sete anos percebeu que elas se movem e expliquei sobre a trajetória delas de acordo com a direção dos ventos. Após a observação, foram direcionados aos bancos e lá puderam ilustrar tudo o que tinham observado. A avaliação dessas propostas foi muito satisfatória, pois eles tiveram a oportunidade de perceber o meio e arriscar-se no desenho, reflete o professor.

As perguntas disparadoras atizam hipóteses das crianças e preparam o olhar para a apreciação

Quando surgiu a proposta do curso ser aberta aos coordenadores fiquei bem empolgada, pois sempre quis fazer esse curso e me aprofundar nesse tema. Enquanto educadora acho de suma importância estimular as crianças a desenhar e com esse curso pude perceber o quão importante é trazer experiências que enriqueçam o repertório das crianças fazendo com que dessa forma ampliem seus conhecimentos. E essa será uma discussão que levarei para as formações com os professores de minha escola (Paula Azuma de Souza, Professora e Coordenadora Pedagógica, nov./2016).

Ao realizar a coleta livre, Paula lembrou as nossas conversas ao constatar que a criança “conta uma história através de seus desenhos trazendo elementos de sua vivência”, pois a professora da turma contara histórias clássicas e seus personagens reapareceram nos desenhos feitos pelo grupo. Para a segunda coleta, além de observar a diversidade de árvores ao redor da escola, Paula apresentou imagens das mais variadas árvores selecionadas de *sites* da internet priorizando aquelas encontradas na cidade de Guarulhos. Foi então que, após a apreciação detalhada, “as crianças adoraram e em suas produções essa diversidade apareceu”. Comparou as árvores na primeira e segunda coletas, observando que a preparação do olhar ampliou o repertório das crianças.

A primeira coleta é livre e o(a) professor(a) conhecerá os temas das suas crianças, estas possuíam 6 anos no momento da coleta. A professora e Coordenadora Pedagógica observa que Lohanna adora brincar e retratou “um desses momentos em que brincava com seus brinquedos, desenhou seus brinquedos favoritos. Utilizou diversas cores”. É um desenho de imaginação. Julia Beatriz “adora histórias” sendo a favorita *João e Maria*, retratada no desenho. “Nele aparecem as personagens da história e elementos que ela traz de seu cotidiano como a bruxa disfarçada de vendedora de sorvetes que segura sorvetes de morango (seu sabor preferido)”. Observamos que pinça referências da realidade (sorvete que gosta) e mescla com o imaginário da história ouvida em seu processo criativo.

Felipe também desenhou os personagens da sua história preferida que é *João e Maria* “alguns elementos da história como a floresta em que as crianças são abandonadas bem como a casa da Bruxa”. Ryan “adora brincar e passear com a família. em seu desenho retratou um desses passeios no qual foi ao shopping brincar com seus pais e sua prima. Trouxe em sua produção os brinquedos que mais gosta de brincar quando vai ao shopping, empregando distâncias e proporções aos seus desenhos”. Conquista e expande o repertório enquanto pratica o desenho. Como todas as crianças, Isabelly “adora brincar” e “retratou esse momento. Desenhou sua casa e seus brinquedos favoritos, retratou uma cena em que brinca de casinha com sua boneca. Seu desenho traz formas que se articulam e contam uma história, emprega inclusive a ideia de proporções e distâncias”.

Na segunda coleta, começaram a preparar o olhar. Paula organizou um arquivo de imagens de árvores, pois nem sempre encontram nuvens no céu ou a depender do dia, não há um céu colorido para destoar do sempre-azul. Mostramos no curso essa variedade de formas, cores e os professores ampliaram o arquivo. Os professores apresentaram as coletâneas de imagens para as crianças. Vejamos o que aconteceu!

Paula nos conta o impacto da proposta com as crianças de 6 anos: Davi ficou encantado com uma árvore de tronco muito largo e de memória o retratou. “Disse que desenhou seu pai, sua mãe e ele indo de carro ver a árvore. Se atentou inclusive ao detalhe da diversidade de cores que aparecia na imagem ao colorir seu desenho. Já Nicollas “usou diversas linhas para dar a ideia de profundidade ao seu desenho” e explicou: “era assim que ele estava vendo. Escolheu retratar as árvores que achou mais bonitas”. Isabelly, “após observar as imagens disse que desenharia a árvore que tinha as folhas rosas pois era a cor de sua preferência. Em seu desenho aparecem formas feitas de maneira não aleatória, as quais ela facilmente me descreveu como sendo as árvores que havíamos visto”.

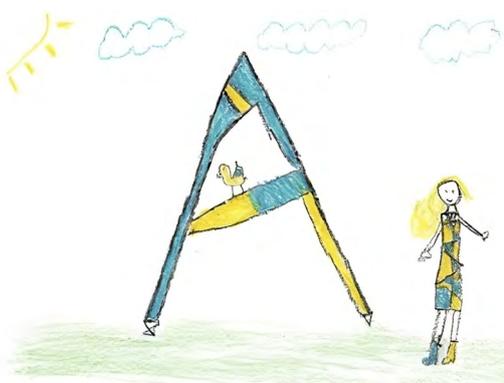
Raylla retratou a árvore sapucaia, que é uma árvore com folhas rosa. A professora perguntou o porquê teria escolhido essa árvore para retratar e ela disse-lhe que é porque adora a cor rosa e que era a árvore diferente. Seu desenho traz um contraste de cores ao retratar a copa da árvore “e ela se desenhou ao lado da árvore porque estava

brincando lá”. Emilly retratou uma árvore com “grande copa e galhos pendurados (...) desenhou ela e a mãe brincando num lago que ficava embaixo dessa árvore. Seu desenho traz ideia de proporções e grandezas, teve o cuidado de escolher cores que mais se assemelhavam com as cores da imagem que viu”, descreve Paula.

Como combinado no curso, a terceira coleta seria a observação do céu e começaria com a pergunta: qual é a cor do céu? Assim a primeira resposta que deram era que o céu é azul, explica a professora: “[...] então apresentei a eles imagens do céu com diferentes tonalidades. Essa atividade foi a mais interessante, pois eles ficaram admirados com a diversidade de tonalidades que o céu pode ter e isso apareceu nas produções. Pôr do sol, céu nublado e até a camada de poluição foram retratados nos desenhos das crianças”. É a qualidade da experiência que evoca novas aprendizagens.

Ryan ficou encantado com uma imagem do céu da cidade de Guarulhos e por esse motivo a retratou em seu desenho. Nesse desenho, procurou retratar a diversidade de cores que aparecem no céu de uma cidade, retratou inclusive a camada de poluição e os prédios que apareciam na imagem.

Carolina desenhou a letra “A”, um pássaro e uma moça, pois deseja ser professora e artista de cinema, ficando surpresa com a arte final que elaborou<sup>20</sup>.



Carolina, 9 anos. Lápis sobre papel.  
Desejo ser professora.

Há muitas histórias não contadas na imagem, mas originárias no pensamento da criança que desenha. Na composição de Amanda, compreendemos que um desejo original pode gerar um mundo diferentemente divertido, à margem das mídias. Observe as proposições de Amanda ao sentir os impactos do excesso de tecnologia e a ausência das brincadeiras ao ar livre:

---

<sup>20</sup> Mariana Roberta dos Santos, Professora de Educação Básica.

Eu fiz esse desenho porque eu quis fazer um mundo divertido, diferente, sem tecnologia, mais legal de uma forma que possa fazer as outras pessoas rirem e brincarem o quanto quiserem e você pode escolher chuva ou sol, podendo brincar no guarda-chuva gigante e você pode pular no pula-pula invisível, e por isso fiz esse desenho, para alegrar as pessoas. E também esse desenho tem um copo voando, um Sol-quindim, é porque é legal e a chuva na cabeça da princesa é de gelatina de vários sabores; apesar de não parecer, a chuva é de chocolate e por isso que é tudo colorido e divertido, porque é de doce e se chama 'Docelândia', e isso que me inspirou a fazer este desenho<sup>21</sup>.



Amanda, 10 anos. Canetinha sobre papel.  
Mundo divertido sem tecnologia.

---

<sup>21</sup> Kelly Medeiros Cardoso, Professora de Educação Básica.



Emily, 2 anos  
Prof.<sup>a</sup> Bianca do Nascimento Bandeira



## **Desenhos de bebês e crianças pequenas**

Natã, 3 anos  
Prof.<sup>a</sup> Sueli Silva Guedes

Quando o bebê senta e firma o tronco já pode começar a desenhar, pois pela primeira vez gira o dorso para a direita e para a esquerda sem a ajuda de ninguém, liberando braços e mãos para a nova engenhosidade, desenvolve uma vasta área das coisas que toca, antes controlado pelo colo do adulto e realiza um dos mais importantes movimentos: o encontro entre polegar e indicador proporcionando a finura do gesto.

Anna Marie Holm (2007) orienta que o bebê pode começar a desenhar a partir de 5 meses com giz e pincel, sempre com cuidados no manuseio. É possível fazer um pincel de folha de revista ou jornal, por exemplo. É possível desenhar soprando bolhas coloridas de tinta e vendo-as explodir no papel fixado na parede. Então, o que mais importa é pensarmos em acontecimentos diferentes, utilizando materiais simples de outros modos.

Os desenhos a seguir foram produzidos por bebês e crianças na creche e com o olhar muito atento de seus professores. Estes registros flagram procedimentos investigativos que as crianças realizam de posse de materiais. Os nomes das crianças e de seus professores podem ser vistos ao final da obra.

Até três anos, alguns desenhavam cantando, sorrindo, dançando, em pura alegria da descoberta das múltiplas linguagens.

Desenhando<sup>22</sup> nos dois lados da folha, Julia fez um longo e firme traço diagonal, incluiu outras linhas e, no canto direito da folha, desenhou linhas circulares.



Julia, 2 anos. Lápis sobre papel.  
Desenhou nos dois lados da folha.

Preenchendo<sup>23</sup> os espaços da folha com movimentos contínuos e circulares, Thalita nomeou o que estava desenhando, dizendo que era uma bola gigante, uma nuvem e um chocolate. No momento em que desenhava, sorria e explicava seu desenho pausadamente, e com expressão de alegria, dizia: “-Olha que lindo!”.

<sup>22</sup> Suelen Costa de Pina, Professora de Educação Básica.



Thalita, 2 anos. Lápis sobre papel.  
-*Olha que lindo!*

Preencheu toda a folha com movimentos controlados, contínuos e circulares<sup>24</sup>. Matheus não nomeou o que estava desenhando, e durante toda a execução do seu desenho olhava para a educadora, sorria, e continuava a desenhar.



Matheus, 2 anos. Lápis sobre papel.  
Ao riscar demonstrava alegria e controle dos movimentos.

Com traços fortes, Giulia riscou desordenadamente<sup>25</sup> e além da folha, o que chamou de cachorro, depois de alguns minutos disse que era uma casa, e no dia seguinte falou que era um lobo.

---

<sup>23</sup> Bianca do Nascimento Bandeira, Professora de Educação Básica.

<sup>24</sup> Bianca do Nascimento Bandeira, Professora de Educação Básica.

<sup>25</sup> Mariana Lopes Luz, Professora de Educação Básica.



Giulia, 3 anos. Lápis sobre papel.  
Cachorro/casa/lobo.

Matheus ficou muito feliz quando foi proposta a atividade de desenho<sup>26</sup>, logo selecionou uma canetinha e disse que ia "desenhar uma pipa... empinar pipa". Começou a desenhar, falando muito durante todo o processo de criação. Durante o desenho, resolveu pegar outra cor de canetinha, a qual disse que era laranja. Se comunicava bastante com seu desenho com outras frases: 'Passarinho de verdade!'; 'Vou pintar tão bonitinho!', sempre sorrindo muito enquanto pintava e parecendo estar fazendo algo realmente muito especial. Observe que o desenho é a ação, desenhar a pipa é empiná-la, desenhar é participar da brincadeira.



Matheus, 3 anos. Canetinha sobre papel.  
*Passarinho de verdade!*

Começou a desenhar de forma rápida e decidida . Ao terminar sua composição, Maria Yasmin disse à professora: '-Terminei!' e, por fim, disse ter feito um fantasma. Observamos o detalhamento interno ao círculo e as duas dimensões das formas conectadas por um traço, como se do pequeno círculo inferior pulasse a forma destacada.

<sup>26</sup>Noeli Ribeiro Ramos, Professora de Educação Básica.

<sup>27</sup>Noeli Ribeiro Ramos, Professora de Educação Básica.



Maria Yasmin, 3 anos. Lápis sobre papel.  
Fantasma.

Na preparação para o desenho<sup>28</sup>, Emily se concentrou olhando para a folha, não desviou o seu olhar. Traçou com movimentos contínuos e circulares. Enquanto desenhava, nada dizia, se concentrando somente em olhar para sua folha e sua produção. Ao final, disse: '-Emily está no cavalo!', referindo-se a ela nos traços de cor rosa e ao cavalo nos traços de cor roxa. "Quando olhei para sua folha, pude observar os detalhes do cavalo: as orelhas em pé, o focinho. Olhando para ela, elogiei o seu desenho, que foi retribuído com um sorriso".



Emily, 2 anos. Canetinha sobre papel.  
"Emily está no cavalo".

Os professores descrevem a alegria das crianças de dois e três anos, conforme as observações a seguir: "Sorria e explicava seu desenho pausadamente, e com expressão de alegria, dizia: 'olha que lindo!'; [...] "com muita empolgação e durante toda a sua produção conversou e cantou sozinho, demonstrando muito contentamento"; "durante toda a execução do seu desenho olhava para a educadora, sorria e continuava a desenhar"; "Ao final, ela disse baixinho à professora: -Floresta"; e "entregou o desenho satisfeito e certo de que havia realizado um bom trabalho".

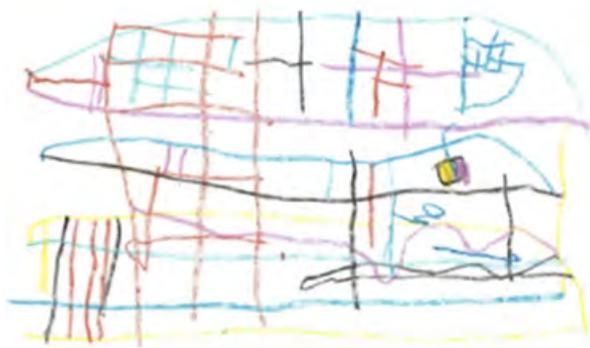
<sup>28</sup> Bianca do N. Bandeira, 2015, Professora de Educação Básica.

Perguntou se poderia utilizar toda a folha de papel e qual cor usar, a professora explicou que deveria escolher as cores que quisesse e que poderia ocupar o espaço que desejasse. Desenhou a mãe<sup>29</sup>, muitas flores e um sol. A pintura foi realizada com giz de cera e lápis de cor.



Emily, 3 anos. Giz e lápis sobre papel.  
Mãe, muitas flores e um sol.

Há crianças pequenas que simbolizam com padronização. Nikolly<sup>30</sup> relatou que desenhou um avião com escada, poltrona, janela e até cama. Contou-nos que foi “de avião para o Norte na casa da prima Sofia”. Era o ano de 2015. Podemos notar que andar de avião foi um evento muito marcante para ela, pois enquanto a maioria da turma desenhou a família, ela preferiu ilustrar este acontecimento. Piaget e Fraise (apud Iavelberg, 1995, p. 14) explicitam que representações de “[...] plano deitado e transparência (...) são tentativas de representação em perspectiva”. Esta criação fortemente inspirada na experiência agrega ângulos ora aéreos, ora frontais e belamente arranjados nesta composição.



Nikolly, 4 anos. Lápis sobre papel.  
O avião visto por dentro.

<sup>29</sup>Juliana Praça Garcia, 2015, Professora de Educação Básica.

<sup>30</sup>Daniela A. de Oliveira e Jaqueline Aparecida V. de Almeida, 2015, Professoras de Educação Básica.

Cada linha cuidadosamente traçada é um verdadeiro bordado para tê-lo no tecido. É meticoloso em arabescos e trechos de massa de cor sempre rosa. Emily se aproxima lentamente dos materiais apresentados, pega uma única canetinha rosa, a qual utilizou para fazer todo o desenho, não esboçando interesse em querer utilizar outras cores para desenhar. Desenhou por um longo período de tempo em silêncio. Um colega perguntou o que ela estava fazendo, mas Emily não respondeu e apontando para outra imagem de seu desenho, disse que era sua mãe.



Emily<sup>32</sup>, 3 anos. Canetinha sobre papel.  
“- Floresta!” Indicou: “- Mãe”.



Giulia Bianca<sup>33</sup>, 3 anos. Lápis sobre papel.  
Mamãe com bebê e o nome da avó.

Daniela se dispôs a desenhar de forma calma, utilizando as diversas cores de canetinhas disponíveis. Permaneceu em silêncio durante toda a composição... seus olhinhos continuavam atentos aos círculos que concluía. Disse estar gostando de desenhar e sussurrou baixinho: “- *Aqui são bolinhas*”.



Daniela<sup>34</sup>, 3 anos. Canetinha sobre papel.  
Sussurrou baixinho: “-*Aqui são bolinhas*”.

<sup>31</sup>Noeli Ribeiro Ramos, Professora de Educação Básica.

<sup>32</sup>Noeli Ribeiro Ramos, 2015, Professora de Educação Básica.

<sup>33</sup>Mariana Lopes Luz, professora de Educação Básica.

<sup>34</sup>Noeli Ribeiro Ramos, 2015, Professora de Educação Básica.

Observe como a professora, ao investigar a produção de Lara, registra que o desenho para a criança é experiência em curso de descobertas que mudam de acordo com as descobertas que viram novas intencionalidades: “Lara escolheu a cor laranja como predominante e ao desenvolver seu desenho, relatou que havia desenhado 'uma coisa de papel', mas depois disse ser um avião e árvores. No desenho percebem-se algumas estruturas centrais, que dominam a folha, e a preocupação que Lara teve em ocupar todo o espaço da folha”.



Lara<sup>35</sup>, 4 anos. Lápis sobre papel.  
Avião e árvores

Gabriel estava bastante concentrado durante o desenho, nada tirava sua atenção. Detalhista, foi uma das últimas crianças a terminar o desenho. Utilizou o lápis de cor, manuseando com segurança e muito cuidado no traço. Logo após o término, muito satisfeito e animado, respondeu: “-Um foguete, tia!”. Elogiamos seu desenho e perguntamos o porquê de um foguete e respondeu: “-Porque eu queria!”. Um mês se passou e novamente perguntamos sobre o desenho e Gabriel respondeu: “-Um avião, cheio de bolinhas. Porque é legal”.



Gabriel<sup>36</sup>, 4 anos. Lápis sobre papel.  
“Um foguete, tia! Porque eu queria!”

<sup>35</sup>Ana Carolina O. da Silva, 2015, Professora de Educação Básica.

<sup>36</sup>Ana Paula Vieira, 2015, Professora de Educação Básica.



Daniel<sup>37</sup>, 4 anos. Giz sobre papel.  
*"Desenhei um avião, carros, helicóptero e um foguete com desenho.  
 Desenhei porque gosto, eu tenho um pequenininho e dois aviões e eu não  
 tenho foguete, quero um bem grandão".*



Davi, 3 anos.  
 Giz sobre papel. Mãe.



Eloah, 3 anos. Giz sobre  
 papel. A Lo.



Matheus<sup>38</sup>, 11 anos. Giz  
 sobre papel. Desenhei eu e  
 a professora.



Juliana, 3 anos. Giz sobre papel.  
 Eu e os super-heróis.

<sup>37</sup>Idem.

<sup>38</sup>Angela Paula Gentil, 2016, Professora de Educação Básica.

Durante a explicação da atividade, Evellyn se mostrou muito concentrada. A professora organizou as crianças em grupos, entregou a folha e giz de cera de diversas cores: “Expliquei que deveriam desenhar o que quisessem e deixei as crianças à vontade para produzirem. Percebi que muitos ficaram em silêncio ao desenhar. Evellyn se manteve concentrada e muito detalhista ao procurar cores e formular diferentes desenhos no papel. Desenhou um peixe. Foram feitos vários desenhos na folha com tamanhos e detalhes diferentes. Percebemos que além dos tamanhos diferenciados, as cores também se destacam. Há uns traços retos que lembram uma varinha de pescar (como ela mesma afirmou), fazendo com que haja uma melhor contextualização do desenho. Observar a Evellyn desenhando, me fez perceber que, enquanto produzia ela mergulhava na própria história ao contar para os amiguinhos os detalhes do desenho. Ao me entregar a folha apontou para cada peixe que desenhou explicando suas cores e tamanhos diferentes”.



Evellyn, 2 anos. Giz sobre papel.  
Peixes.

Observa-se que Helena<sup>39</sup> produziu um desenho com detalhamento expressivo conseguido pelo lápis de ponta fina e cita que pintou ela, sua mãe e a professora. Observe que seu arabesco rítmico, a começar pelo sol, faz um movimento circular finalizando na pessoa à esquerda. Note que iniciou um padrão de olhos muito criativos: observe o rosto do sol! Descobriu também a forma circular para pés e mãos, tudo em uma só linha. Atentou-se aos detalhes do rosto através dos olhos, boca e nariz, com um traço delicado, porém bem-marcado.

É possível observar também que Helena estabeleceu um corpo longitudinal para todos, a professora observou que está em um processo de transição artística, pois as elipses são marcantes em seu desenho ao compor o corpo humano, ou seja, ela já está apropriando-se das formas para expressar suas criações, as garatujas já não são mais frequentes. Sua criatividade também se faz presente ao desenhar flores e o sol. Nota-se que se atentou aos detalhes do rosto através dos olhos, boca e nariz, com um traço delicado, porém bem-marcado. É possível observar também que as crianças pequenas como Helena desenhavam com as suas próprias estruturas mais orgânicas e não

---

<sup>39</sup>Tatiana Ramos, 2021, Professora de Educação Básica.

utilizando formalmente círculos, triângulos, retângulos, como ocorrerá em momentos formais das crianças mais velhas. As garatujas já não são frequentes, ao contrário, as três personagens são únicas com soluções individuais.



Helena, 2 anos. Lápis sobre sulfite.  
Eu, minha mãe e a professora.



Isabely, 3 anos. Lápis sobre papel.  
Uma enorme baleia.

*Joilson* desenhou um cavalo embaixo do sol, cavalo que estava cansado e com sede por conta do calor, tem poucas nuvens em azul, mas ele disse que ia começar a chover.



Joilson, 4 anos. Giz sobre papel.  
Cavalo com sede embaixo do sol.

Após um lindo dia de parque, sentamo-nos para descansar e aproveitar para olhar o céu e repararmos as formas das nuvens. Ao chegar na sala, Milena continuou a observar o céu através da janela, utilizou as duas mãos na criação do seu desenho, fez um fundo azul e nuvens coloridas, com várias formas: corações, morango, raios e uma chuva forte em cor preta, também fez um mar colorido. Pois quando a chuva cai encontra todas as cores, explicou.



Milena, 4 anos. Giz sobre papel.  
Quando a chuva cai encontra todas as cores.

Rafael, ficou muito empolgado ao ver os gizos e lápis de cor. Ficou concentrado e o tempo todo falava sozinho ao desenhar, ficando debruçado sobre o desenho. “Quando perguntei o que ele estava desenhando, disse que tinha feito uma nuvem com braços bem fortes, e que eram raios saindo delas”.



Rafael, 4 anos. Lápis sobre papel.  
Nuvem com braços bem fortes em raios.



## Desenhos de crianças maiores

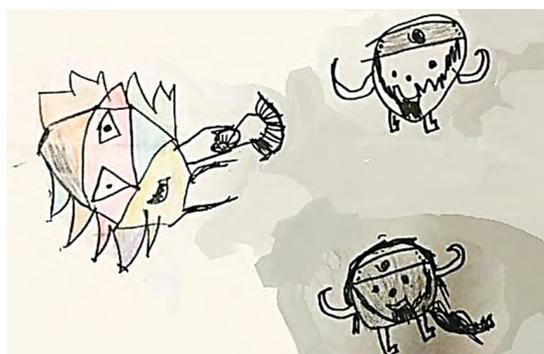
Samuel, 11 anos  
Prof.<sup>a</sup> Tânia Bernardes Rodrigues

As crianças maiores desejam desenhar os seus personagens favoritos. Algumas ficam frustradas por não conseguir desenhá-los como foram criados pelos artistas, mas até onde chegaram já é bastante expressivo. A escola precisa orientá-los sobre a liberdade de criação e a beleza em rerepresentá-los de outras maneiras. Há livros em que os desenhistas recriaram a Turma da Mônica, houve exposição onde desenharam Batman ao seu modo: magrinhos, gordinhos, com roupa rasgada, alegres, cansados, engraçados ou baixinhos. Observe como Victor possui soluções próprias para o seu personagem e aplica movimento nos braços e posiciona um pé à frente do outro, dando-lhe perspectiva.



Victor ao final da aula desenhando na lousa<sup>40</sup>.

A professora Thais ofereceu para as crianças do 2º ano uma folha de sulfite e uma canetinha preta. Explicou que eles podiam fazer um desenho livre com a canetinha e colorir da maneira que eles preferissem; e se eles não quisessem colorir poderiam deixar o desenho do jeito que eles achassem melhor. Conversaram também sobre o que era desenho livre e que eles poderiam desenhar o que sentissem vontade: “Trouxe o desenho do Victor, pois me chamou atenção a construção do desenho. Todas as crianças já haviam entregado suas produções e o Victor ainda não. Pedi para ele entregar e percebi que transformou o seu desenho em uma dobradura de chapéu. Falei que queria ver. Ele desdobrou o sulfite e disse assim: “-Prô, eu queria fazer o Naruto, mas eu não consegui. Então, eu fiz uma batata. Esses outros aqui eu não sei o que são”.



Victor ao final da aula dea Victor, 7 anos.  
Canetinha sobre papel. Batata e outros personagens.

<sup>40</sup>Thais Regina Fontenele, 2021, Professora de Educação Básica.

Kaue explicou sobre o seu singelo desenho: “Eu desenhei algo que gostaria que acontecesse: “eu e meu pai andando de skate numa pracinha. Meu pai sai bastante comigo no shopping, casa dos amigos dele... Mas eu gostaria de sair para brincar”.



Kaue, 8 anos. Lápis sobre papel.  
Eu e meu pai brincando ao ar livre.

Sem precisar desenhar o chão, Yuri sabe como trabalhar com tamanhos e disposição dos veículos, dando ao leitor a percepção de movimento e espaço: “Eu desenhei uma empresa de 'City Center'. Lá tem vans, ônibus e guincho para rebocar ônibus; e quero ser motorista de ônibus”.



Yuri, 9 anos. Lápis sobre papel.  
Dirigir ônibus.

Até o momento que o caminhão trepida no asfalto foi registrado e o ângulo de alguém que mira do acostamento o perfil dos carros proporciona uma imagem única. Lucas<sup>41</sup> gosta muito de caminhões, carros e ônibus, e por isso desenhou os três veículos parados no sinal vermelho. Em seu desenho, podemos observar a rua em que os três meios de transporte estão trafegando, ou seja, há uma base, e no ônibus há um motorista. O desenho foi realizado com giz de cera na folha sulfite.

<sup>41</sup>Priscila Bispo de Lacerda, 2015, Professora de Educação Básica.

Beatriz<sup>42</sup> está sempre atenta aos detalhes e muito preocupada com a pintura de seus desenhos. Realizou sua produção conversando com alguns colegas e trocando ideias, mas sempre demonstrando autonomia e criatividade. Beatriz relatou que fez a paisagem de um deserto, desenhou dunas, cactos, nuvens e um Sol escaldante. Em sua composição utiliza poucas cores na realização da pintura e faz o contorno dos desenhos. Percebe-se que possui grande habilidade motora, pintando com calma e delicadeza”.



Beatriz, 6 anos. Lápis sobre papel. Deserto com dunas, cactos, nuvens e um sol escaldante.

Desenhou pirâmides e que no topo delas ele e seus amigos estavam empinando pipas. Utilizou diversas cores na pintura do desenho, deixando-o muito alegre e divertido.



Thiago, 6 anos. Lápis sobre papel. Eu e amigos empinando pipa no topo de pirâmides.

---

<sup>42</sup>Lígia Cardim Fernandes, 2015, Professora de Educação Básica.

“Isso é um gato. Desenhei porque 'tava' na minha cabeça. Eu tenho um gato, eu desenhei ele, se chama Tom. Ele estava no matinho da minha casa no quintal. Ele é meu gato porque peguei ele na rua bem pequenininho e agora está grande. O nome dele é Tom porque eu acho que combinou com ele. Ele é preto, mas queria que fosse laranja, por isso pintei ele assim”.



Jaqueline Vitoria, 9 anos. Lápis sobre papel.  
Tom, o gato laranja.

É muito interessante o modo pessoal de apropriação dos personagens da mídia. Observe, no desenho a seguir, que Bob Esponja, Patrick, a casa abacaxi e o ambiente são de fácil reconhecimento. No momento em que realizava sua produção, foi observado que Nathan<sup>43</sup> estava muito concentrado, não se levantou do lugar e nem sentiu necessidade de olhar os desenhos dos colegas. Tinha certeza do que queria desenhar, embora não tenha relatado o que desenhou. Apresenta noção de espaço e tem como referência desenhos infantis, percebendo detalhes dos personagens e os expressando nitidamente na sua pintura.



Nathan Gabriel, 5 anos. Lápis sobre papel.  
Bob Esponja e Patrick em seu mundo  
subaquático.

<sup>43</sup>Lígia Cardim Fernandes, Professora Educação Básica

Julia descreve o seu desenho: “-Tinha uma casa com tudo, portas, janelas, telhado, depois começou a chover com raios, trovões, logo depois veio o sol e as nuvens ainda estavam cheias de chuva, as flores começaram a crescer, em cima da casa apareceu o Olaf, perto da árvore estavam a Elsa e a Anna e na casa tinha um porão para guardar as coisas, daí as frutas começaram a nascer”. Olaf significa herdeiro dos ancestrais. Foi um nome frequente entre os vikings e até hoje é um dos preferidos nos países nórdicos. O simpático Olaf é um boneco de neve na animação *Frozen*, da *Disney*.



Julia, 6 anos. Canetinha sobre papel.  
Casa, natureza, Olaf, Elsa e Ana.



Pedro, 6 anos. Canetinha sobre papel.  
Vedita do Dragon Ball.



Julia, 6 anos. Canetinha sobre papel.  
Uma menina, casa e nuvens.



Isabella, 6 anos. Canetinha sobre papel.  
“Eu acampando com minha mãe, arco-íris e flor”.



Otávio, 6 anos. Canetinha sobre papel.  
Dinossauros, árvores, vulcão e céu.



Nicolly. Canetinha sobre papel. “Eu e o gatinho preso na nuvem e o ursinho (pai do gatinho) tá procurando ele”.



Danilo. Canetinha sobre papel.  
 “Eu lutando com o Goku”



Heloisa, 6 anos. Canetinha sobre papel.  
 “Os confetes caindo em mim”.



Lohany. Canetinha sobre papel.  
 Sol, boneco e estrelinhas.



Maria Eduarda. Canetinha sobre papel.  
 Uma menina brincando.



Livia. Giz de cera sobre papel.  
 Mundo todinho rosa.



Felippe. Giz sobre papel.  
 Casa amarela.



Samuel. Canetinha sobre papel.  
Piscina.



Paulo. Canetinha sobre papel.  
“Vulcão entrando em erupção na área dos dinossauros”.



Isabel. Canetinha sobre papel.  
Menino e menina jogando bola.



Maykon<sup>44</sup>, 9 anos. Lápis sobre papel.  
“Eu desenhei o planeta Terra, um foguete e um garoto chegando na lua. Desenhei isso porque muitas vezes fico pensando como deve ser em outros planetas ou na lua”.



Emily Cristina<sup>45</sup>, 9 anos. Lápis sobre papel.  
“Desenhei flores amarelas porque gosto muito de amarelo”.



Queren Caroline<sup>46</sup>, 10 anos. Lápis sobre papel.  
Neste momento da história, o cão que não sabia latir replica o som do pombo.

<sup>44</sup>Kelly Medeiros Cardoso, professora de Educação Básica.

<sup>45</sup>Angela Paula Gentil, 2016, Professora de Educação Básica.

<sup>46</sup>Felipe José do N. Henrique, 2016, Professor de Educação Básica.



John Alex<sup>47</sup>, 10 anos. Lápis sobre papel.  
Jacarés.

O desenho do Deyvid apresenta um processo muito criativo narrando a construção de uma cena de cinema. O professor Marcelo explica que o educando, ao participar da atividade, "não tinha nada em mente, mas após um curto espaço de tempo lembrou-se do filme Titanic e desenhou a cena inicial em que as pessoas estão acenando e se despedindo dos parentes, familiares e curiosos. Acrescentou diversos detalhes, me incentivando a analisar parte por parte de seu desenho: helicóptero, avião, pescador com diversas espécies de seres do mar, tudo isso cercado por um lindo arco-íris. O que me chama atenção é o fato de Deyvid sempre dar movimento aos desenhos e, quando possível, transformá-los em criações bidimensionais”.



Deyvid<sup>48</sup>, 9 anos. Lápis sobre papel.  
Tripulantes acenando em despedida durante a  
saída do navio.



Ana Beatriz<sup>49</sup>, 9 anos. Lápis sobre papel.  
“Eu gosto de paisagem, flores, pássaros; teve  
um dia que eu fui num lugar parecido com o  
que desenhei, foi no Bosque Maia. Eu brin-  
quei, andei de patins, foi muito legal”.

<sup>47</sup>Suely Lechinski M. de Paula, professora de Educação Básica.

<sup>48</sup>Marcelo de Oliveira, 2015, Professor de Educação Básica.

<sup>49</sup>Kelly Medeiros Cardoso, 2015, Professora de Educação Básica.

Kauê desenha, dança, interpreta... é uma criança muito feliz! Todos seus desenhos são vibrantes e cheios de significados. Ele contou assim: “-É uma história de um menino que estava procurando um monstro e depois que ele o encontrou ele não ficou com medo não! Eles se tornaram amigos e brincaram muito. Sabe Prô, ter amigos é muito importante! Ninguém pode viver sozinho!”. No desenho as crianças exteriorizam seus sentimentos e suas verdades! Não há regras gramaticais ou limites, há apenas sua forma de ver o mundo e de contar o que sentem.



Kauê, 5 anos. Lápis sobre papel.  
Menino que não tem medo do monstro.

No momento da atividade pegou o lápis azul e começou a fazer a nuvem, quando Breno<sup>50</sup> terminou de pintar disse que parecia a “praia”, pois estava muito calor e queria se refrescar na água.



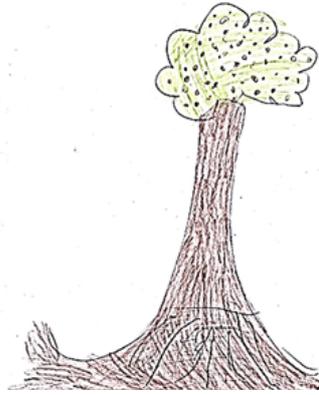
Breno<sup>51</sup>, 4 anos. Giz sobre papel.  
Nuvem que virou praia.

Adorou passear pelo entorno da escola para observar as árvores. Agatha fez a árvore antes da primavera chegar.

---

<sup>50</sup>Nubia Souza, 2019, Professora/Coordenadora de Educação Básica.

<sup>51</sup>Nubia Grazielle Pereira de Souza, 2019, Professora Educação Básica.



Agatha<sup>52</sup>, 5 anos. Lápis de cor sobre papel.  
Árvore antes da primavera chegar.

Caio pensou, e com muito entusiasmo, fez o desenho que mais gosta: dos super-heróis. Conta que estavam em batalha, estava trocando poderes, teve uma explosão e surgiu o carro. Utilizou giz de cera, fez formas arredondadas e algumas linhas retas.



Caio, 4 anos. Lápis sobre papel.  
Super-heróis em batalha.

Hora de passear pela escola... Heloísa adora desenhar e estar pertinho da professora, foi logo fazendo sua criação. Seria um *close* no jardim? Olhe lá que detalhes de ramagens à direita, e essa padronagem por onde o inseto caminha?

---

<sup>52</sup>Nubia Grazielle Pereira de Souza, 2019, Professora Educação Básica.



Heloísa, 4 anos. Canetinha sobre papel.  
Inseto no jardim?



Ester, 4 anos. Lápis sobre papel.  
Tobogã diferente.

Nos momentos em que desenha, Ester costuma concentrar-se bastante, sem conversar muito, sendo na maioria das vezes uma das últimas crianças a entregar seus desenhos. Ela costuma desenhar forma por forma e não gosta de entregar suas atividades enquanto não preenche quase toda a folha, não deixando muitos espaços em branco. Enquanto desenhava, a professora notou que ela insistia bastante em um mesmo traço, marcando bem as cores. Quando a professora comentou que seu desenho estava muito bonito, Ester respondeu: “-É um tobogã diferente. Meu primo adora quando faço tobogã diferente”. A professora prolongou a prosa: “-Ah é? Seu primo? Ela disse: “Sim. Esse aqui”. Apontando para uma figura humana que desenhava, ainda sem o tronco, no canto superior direito da folha.

Ana Alice<sup>53</sup>, em áudio, explica seus variados elementos com muita propriedade: sol; nuvens; arco-íris no céu; uma flor no solo e o gatinho. Desenhando a uma só linha, é sintético, expressivo e cada traço possui seu espaço próprio na composição. O sol, em sua representação anímica de rosto sorridente, possui a finura de gesto detalhado em delicadas linhas, há um arabesco rítmico em espiral, circular, como se cada elemento estivesse em mesma equidistância. Observe o perfil da flor e como Ana Alice surpreende cada novo elemento de traço único no universo infantil.



Ana Alice, 3 anos. Canetinha sobre papel.  
O gatinho na natureza.

Luiz Felipe disse que o desenho significa: “-Toda noite ao rezar eu peço para Deus proteger a minha mãe, o pai e a irmã; e dar uma casinha para a família”. Talvez o tamanho da casa evidencie o desejo em consegui-la. A casa é central, com uma chaminé, elemento presente nas histórias de livros infantis e desenhos animados.



Luiz Felipe, 7 anos. Giz sobre papel.  
Detalhe da composição: casa.

Larissa<sup>55</sup> disse: “-É o desenho de um cavalo, tem uma árvore, na árvore tem maçãs, tem um pássaro, tem um céu, tem o sol, também o pôr do sol”. O cavalo é grande, o que pode nos levar a observar a sua expressão, pela admiração que tem pelo animal. A mãe relatou que a Larissa gosta muito de cavalos. Para fazer esse desenho, utilizou o celular com uma imagem do animal para se inspirar. Hoje, muitas crianças fazem uso das imagens da internet para trazer maiores detalhes ao seu desenho, como um exercício de observação. Observe que nos demais elementos há soluções próprias:



Larissa, 7 anos. Canetinha sobre papel. Paisagem com cavalo.

<sup>53</sup> Ednice J. Barbosa Teixeira e Michele Tambroni C. da Silva, Professoras de Educação Básica.

<sup>54</sup> Edilene Maria de Souza, Professora de Educação Básica.

<sup>55</sup> Edilene Maria de Souza, 2021, Professora de Educação Básica.

Gabriela<sup>56</sup> relatou que seu desenho é a casa/hotel que pretende morar futuramente, utilizou cores variadas e brilhos colados. O cenário composto em volta da casa apresenta uma árvore, nuvens, sol, pássaros e um balão. Ela também desenhou um quadro com um arco-íris, perguntei por que desenhou o quadro do lado de fora da casa e me respondeu: “-Porque senão a casa ia ter que ficar sem porta, ele é muito grande”. De representação figurativa e assimétrica, a casa/hotel central, desenhada em dois andares, com telhado, sugere um chão que o olhar do leitor cria complementarmente.



Gabriela, 6 anos. Lápis e glitter sobre papel.  
Casa/hotel e quadro com arco-íris.

Matheus<sup>57</sup> realizou seu desenho com caneta esferográfica por livre escolha. Enquanto desenhava, sendo filmado, ele mesmo contava o que estava representando. Observou sua girosfera para desenhá-la, comparando seu desenho com o real. Desenhou uma máquina de matar, a figura central, começando pelo rabo e terminando na cabeça. Por último, desenhou o olho do Indominus Rex, dependendo bastante tempo, sendo que pintou com caneta mesmo o que acreditou ser necessário destacar. Desenhou com riqueza de detalhes e, em seu áudio, expressou também essa riqueza. Na sua composição organizou os elementos, dispondo a figura principal no centro. No vídeo e nos áudios que enviou, ficou clara a sua satisfação com o desenho, mesmo pontuando algumas vezes que era para ser um dinossauro, mas não era, então era falso, e que sua girosfera tinha ficado uma bola torta. Observamos a liberdade de criação, pois Matheus se apropria de muitos elementos dos personagens já conhecidos na mídia.

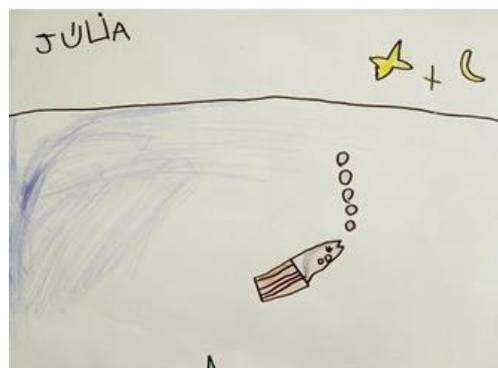
<sup>56</sup> Elaine Trindade, 2021, Professora de Educação Básica.

<sup>57</sup> Fabiana L. M. de Aquino e Glaucia da S. F. Frassetto, 2021, Professoras de Educação Básica.



Matheus, 6 anos. Lápis sobre papel.  
Girosfera, dinossauro e olho do Indominus Rex.

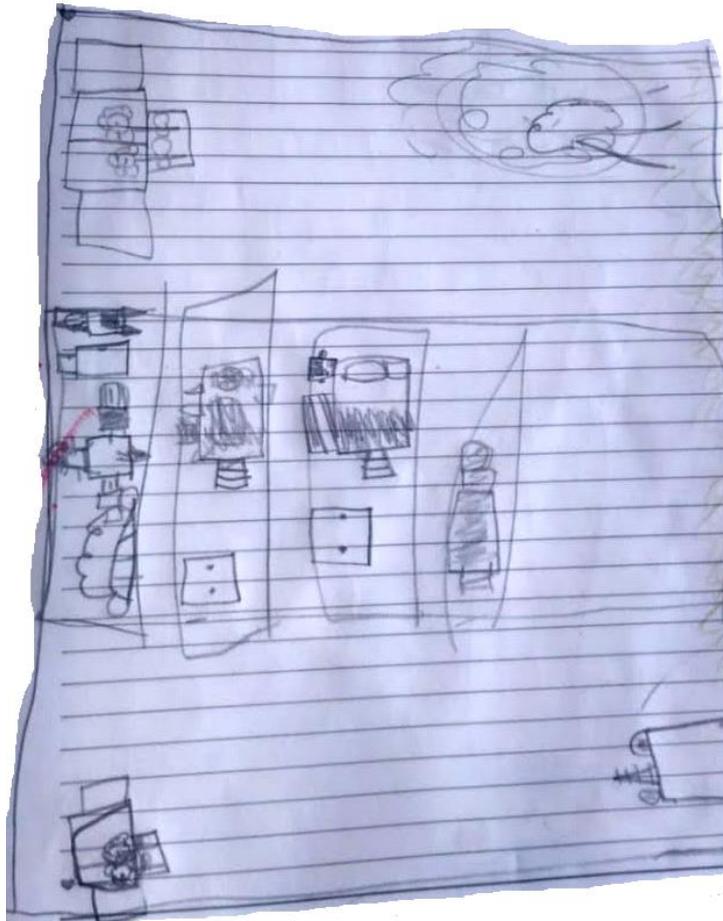
Júlia<sup>58</sup> realizou o desenho com caneta hidrográfica na cor preta, segundo a mãe, a criança escolheu a caneta pois era a única que estava boa o suficiente para demarcar o traçado no papel. Veja como o traço ficou nítido e a canetinha preta faz toda a diferença no desenho. Após concluir, a mãe enviou um vídeo em que a criança o descreveu: “-Eu escrevi meu nome, fiz o mar, uma estrela, uma estrela de longe, uma Lua, um peixe e as bolinhas que ele solta para respirar”. Neste vídeo, a criança apontou para a estrela menor, nomeando-a como a “estrela longe”, demonstrando uma noção de profundidade. Também fez movimentos de chacoalhar os dedos quando indicou as bolhas na água, expressando a mobilidade que o desenho tem na sua imaginação. Sua composição estabelece um diálogo entre todos os seus elementos, de forma que seu peixe está nadando em direção às estrelas e à lua. Após o vídeo, Júlia quis colorir sua produção, porém optou por não colorir o desenho em sua totalidade, evidenciando sua autonomia no processo de desenvolvimento da linguagem do desenho.



Julia, 6 anos. Canetinha e lápis sobre papel.  
Peixe respirando.

<sup>58</sup> Fabiana L. M. de Aquino e Gláucia da S. F. Frassetto, 2021, professora de Educação Básica.

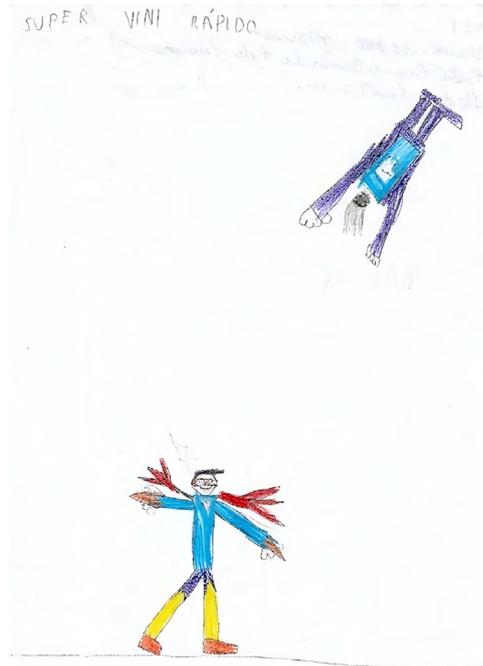
A Emilly<sup>59</sup> também se preocupou em retratar o interior de sua casa com muitos detalhes, descrevendo cada cômodo. É importante que nós, educadores incentivemos sempre nossos educandos a desenhar, pois a preocupação em fazer o real acaba por fim desanimando-os por não acharem seus desenhos perfeitos. Marcos, Moisés, Yago e Fabiano criam os seus super-heróis com total desenvoltura e um desenho propositivo.



Emilly Victória, 8 anos. Lápis sobre papel pautado.  
Os cômodos da minha casa.

---

<sup>59</sup> Cyntia de M. E. Marcondes, 2021, Professora de Educação Básica.



Marcos, 8 anos. Lápis sobre papel.  
Super-herói: super Vini rápido.



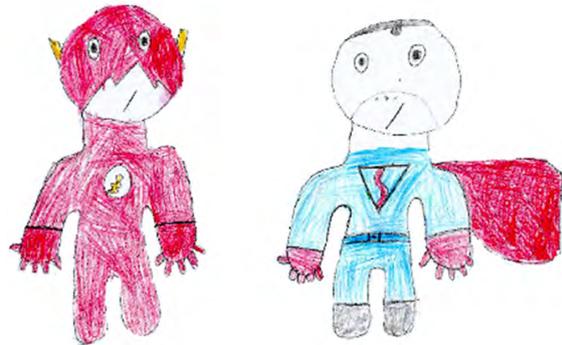
Moisés<sup>60</sup>, 12 anos. Lápis sobre papel.  
Qual será o super-herói mais forte de todos?

Observemos os desejos das crianças: “menininho que mora na casa e vai brincar lá fora”, diz Davi, “pai procurando filho na nuvem”. É correspondente as crianças desejarem os fantasmas no planeta Terra e Yago ser um super-herói que luta contra o mal sem ficar cansado.

<sup>60</sup> Professora Monica de O. C. G. Ribeiro, 2015, Professora de Educação Básica.



Yago, 5 anos. Lápis sobre papel.  
Super-herói que luta contra o mal: “Este sou eu,  
lutando contra o mal. Tenho o poder de nunca  
ficar cansado”.



Fabiano, 8 anos. Lápis sobre papel.  
Super-heróis.

Quis demonstrar a cena de um jogo que diz gostar muito. Em uma das fases do game, Elias demonstra que os bonecos abusam dos superpoderes durante a escuridão da noite. Percebe-se que as estrelas e a lua ganham destaque na produção e que mesmo durante o anoitecer, uma bela borboleta voa com muita desenvoltura. Ele usou a coloração azul para dar sentido à imagem que tanto admira. O grande castelo faz parte do contexto do game sintetizando maior naturalidade ao cenário. Cada boneco tem espadas em uma das mãos e outro tem o domínio de raios muito potentes que, segundo ele, paralisa os adversários. As brincadeiras dele sempre são semelhantes às ações demonstradas no desenho. onde o cenário foi muito bem registrado.



Elias, 7 anos. Lápis sobre papel.  
Uma das fases do *game*.

Kyara estava sentada e na posição em que estava era possível ver o céu. Percebi que durante a sua produção ela se manteve concentrada e sempre observava a paisagem. Ao analisar o desenho da Kyara, refleti sobre a importância de permitir que as crianças se expressem livremente no desenho. Ao contrário das atividades prontas que muitas escolas propõem no ensino da arte, o desenho livre fez com que Kyara tivesse sua própria autonomia para desenhar seus traços e expressar seus sentimentos sem seguir ordens ou técnicas de um professor, seguindo a proposta de Florence de Mèredieu (2006).

Como todas as crianças nessa idade, Lohanna adora brincar. Em seu desenho escolheu retratar um desses momentos em que brincava com seus brinquedos favoritos. Utilizou diversas cores.



Lohanna, 6 anos. Lápis sobre papel.  
Meus brinquedos favoritos.

Este desenho foi legal, pois o dia estava chuvoso, nublado e Vinícios resolveu realizar dessa forma o céu bem acinzentado e várias águas escorrendo. Representou bem, sem grandes descobertas, e neste desenho imaginativo uma galinha toma chuva. Aprendemos que muitas cenas não necessariamente estão incluídas no desenho, mas aconteceram, assim como a galinha que toma chuva.

E o simpático autorretrato de Manuella nos dá leveza e uma surpreendente suspensão de cena, um desejo de levitar, não é mesmo? Já Vitoria apropria-se do desenho animado da Peppa nos oferecendo personagens com soluções próprias em linhas ascendentes e com muitos elementos novos. Há outro autorretrato com muitos detalhes de Luiza, belamente assimétrico, pela cabeça pendente e alegre, construiu boas soluções para braços e pernas conseguindo um ótimo equilíbrio pela distinção cabeça e corpo.



Vinicios, 4 anos. Lápis sobre papel.  
Uma galinha toma chuva.



Manuella, 4 anos. Lápis sobre papel.  
Autorretrato.



Vitoria, 4 anos. Lápis sobre papel.  
Folha, relógio, carrossel e os personagens do  
desenho animado infantil:  
“Peppa, Mamãe Pig, Papai Pig e George”.

Apresentando sua perspectiva de mundo com muitas flores, pássaros, borboletas e abelhas em uma sequência, contou ter ficado muito feliz em fazer o desenho tão colorido e alegre. Para o Professor Marcelo, ao perguntar para onde esses animais iriam, Alanys explicou que estavam passeando pelo jardim, indo para casa. “Perguntei sobre a ausência de pessoas em seu desenho e ela disse que 'só desenhou os bichinhos do jardim'”.



Alanys, 6 anos. Lápis sobre papel.  
Insetos passeando no jardim.



Luiza, 8 anos. Lápis sobre papel.  
Autorretrato.

Observem que as histórias de Gianni Rodari (2007) trazem alegria e riso. “O cachorro que não sabia latir”, “Aqueles pobres fantasmas” são exercícios para trazer a risada e animação entre as crianças. Além de muito inventivo, o autor sugere três finais de história e a turma decide qual final deseja. E por que não inventar mais outros finais imaginativos, diferentes e/ou malucos?

Imaginou a cena no espaço sideral, é o que desenha João Vitor: “Os fantasmas foram para Saturno e assustaram todos os alienígenas, e eles foram embora para a terra”.



João Vitor. Lápis sobre papel.  
Fantasmas e alienígenas.

Daniel relata: “Três fantasmas estão no planeta Pique com as rãs”. Por meio de voto, a sua turma escolheu o final número dois para a história *Aqueles pobres fantasmas*.



Daniel, 5 anos. Lápis sobre papel.  
Fantasmas no planeta Pique.

O Pietro vive em seu mundo de imaginação. É bastante comunicativo e adora contar as coisas que acontece em seu dia a dia e brincar de carrinho em todas as sextas-feiras. Ele visualizou a árvore e logo disse: “-Meu carro vai ficar estacionado perto desta árvore”. Foi muito engraçado ele dizer. E lá se foi o Pietro escolher suas cores preferidas, desenhou a árvore como combinado e acrescentou outros elementos, os seus diversos carros e segundo ele um alienígena. Desenhou os carros e suas rodas. “Foi muito gratificante participar dessa proposta de observação, pois agora tenho um olhar mais apurado sobre cada traçado dos pequenos”.



Pietro Emanuel, 4 anos. Lápis sobre papel.  
Carros e suas rodas; alienígena.

## Um mundo de árvores!

Pensou em várias árvores, conta Pietro Ronaldo que relatou desenhar uma árvore de coqueiro de cor azul, e uma gostosa árvore de laranjeira. Disse que era muito importante desenhar as gramas, pois elas ajudam as plantas a crescerem. Pietro teve preferência por utilizar giz de cera e cores vibrantes.



Pietro Ronaldo, 6 anos. Lápis sobre papel.  
Árvores de coqueiro de cor azul e de laranjeira protegidas pela grama.

Vitória é uma criança que gosta de desenhar, estava concentrada em entender como desenharia a imagem da árvore que avistou nos arredores da escola. “Desenhei uma árvore chamada cerejeira, eu gosto muito da cor e o formato da cereja, também pensei no céu”, explica. Então a criança investia toda a energia em resolver o modo de desenhar e pintar.

O exercício de observação levou a criança a investigar melhor, pois estava presente por completo na experiência.



Vitoria, 6 anos. Lápis sobre papel.  
Cerejeira.

Ana Caroline demonstrou entusiasmo quando falei que iríamos para a parte externa da escola para observar as árvores. Quando lá chegamos, ficou contando quantas tinham. No momento de desenhar, usou algumas cores de lápis de cor que deixei disponível, e quando perguntei o que tinha do lado da árvore que desenhou, disse que era uma escada para pegar frutas.

Observação das árvores da escola: Exploramos os espaços e árvores e lá foi possível comparar com melhor nitidez os tamanhos. Guilherme, 5 anos, nomeou as grandes e pequenas. “-Essa é mais grande que aquela. Essa é baixinha?” Classificando bem, pois agora tinha a referência real. Após a exploração de todas as árvores da escola ele escolheu uma. Ao desenhar usou imediatamente a canetinha de cor verde para o caule, mas no meio do desenho ele faz a observação: “-Ih, essa árvore de verdade tem preto ali embaixo (o caule)” e pega o lápis preto para reforçar o desenho. O tamanho do desenho aumentou proporcionalmente à árvore. Ele fez uma copa gigante que tinha formato de coração e também tem flores rosas. Durante o desenho na área externa ele se sentiu muito à vontade e demonstrou prazer ao realizá-lo. Interessante que o momento foi aproveitado para reflexões, quis saber: por que tem postes nas ruas?



Ana Caroline<sup>61</sup>, 4 anos. Lápis sobre papel.  
Árvore com escada.

Felipe ficou inspirado em observar as árvores pela escola, misturou giz de cera e lápis de cor, e fez todas as árvores frutíferas que observamos: goiabeira, coqueiro, laranjeira. Gostou muito da atividade e nos contou que adora subir em árvores.

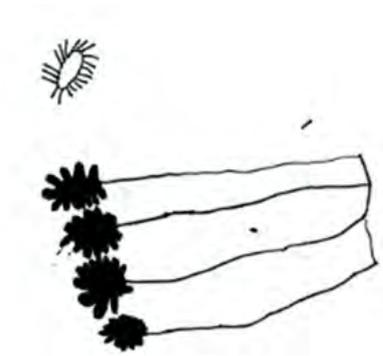
---

<sup>61</sup> Professora Nubia G. P. de Souza, 2018, Professora de Educação Básica.



Felipe, 6 anos. Lápis sobre papel.  
Goiabeira, coqueiro, laranjeira.

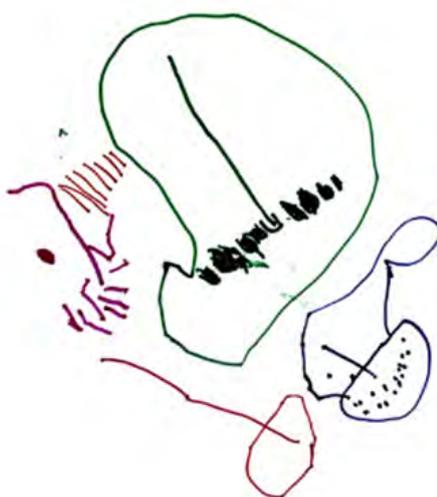
“Foi observando as fotografias que Guilherme classificou todas como árvore (...) houve também uma árvore seca que foi chamada de ‘árvore sem folha’. Achei legal esse nome rsrs. Um ipê amarelo e uma árvore de folhagem verde foram classificados com a mesma cor. Escolheu a árvore mais frondosa. Na hora do desenho escolheu canetinha verde fina e pensou nos detalhes produzindo a estrutura da copa e depois recheando com as folhas. Não sei se por coincidência, mas ele desenhou quatro árvores (o número de árvores expostas), porém todas iguais. Durante a produção do desenho ele concentrou-se e não conversou muito”.



Guilherme, 5 anos. Canetinha sobre papel.  
Quatro árvores.

“Na fotografia, Vitor escolheu a mais frondosa, contudo, depois decidiu reproduzir todas as outras e ocupar os espaços com modelos de todas as fotografias observadas. Iniciou pela mais folhosa e registrou esses detalhes da folhagem. Em seguida decidiu fazer a seca, mudando a cor. Com o ipê ele mudou a cor, contudo registrou as flores com

pontilhado. Interessante que ele observou todas e memorizou, pois ao escolher uma eu deixava a imagem na tela para que ele olhasse. Ele olhou, mas recorreu à própria memória para desenhar as outras. Na exploração das árvores no espaço escolar ele desenhou a árvore maior de maneira proporcional e também acrescentou elementos como pessoas perto da árvore. Nesse dia, o pátio estava cheio de outras crianças e talvez o incentivou a colocar o que estava no entorno da árvore. Na observação da árvore, tinham várias flores amarelas e talvez tenha influenciado à escolha da canetinha amarela para produzir quase que a totalidade do desenho. Existe outro desenho avermelhado que não recordo qual era o objeto ou pessoa”.



Vitor, 3 anos. Lápis sobre papel.  
Árvores e pessoas.

A criança se apropria da imagem e a recria. Esse exercício de pinçamento da realidade e elaboração do novo é incrível no processo criativo das infâncias. São mediadas por signos das culturas, entre elas, o espaço natural e a cultura midiática.

Gustavo Ferreira, 5 anos, “estava bem tranquilo no momento de desenhar, e assim que pegou o lápis relatou que iria desenhar um coqueiro na praia, pois tinha sombra para ele não pegar sol. Quando fui recolher a folha, ele me perguntou o que eu tinha achado da sua praia, e se eu queria ir junto com ele até lá”.



Gustavo<sup>62</sup>, 5 anos. Lápis sobre papel.  
Sombra de coqueiro para não pegar sol na  
praia.

Gabriel, 7 anos, “no momento em que andávamos pela parte externa da escola, em direção às árvores, encontrou diversas folhas secas que caíram das árvores que estavam bem próximas de nós. Inclusive, ele notou que algumas delas estavam peladas e que a roupinha delas tinham caído. Questionei: ‘- Mas por que elas caíram?’ Eles responderam: ‘- Porque o vento soprou forte’. Muitos galhos estavam sem folhas e muitas estavam ao chão. Foi a maior alegria colecionar folhas e quando retornamos para a sala o aluno fez questão de colar a folha simbolizando a copa de uma árvore. A estética do desenho ganhou mais notoriedade quando ele coloca este detalhe para incrementar a proposta inicial. Ele também registrou girassóis, já que é uma planta que lhe chama muita atenção e acha engraçado ela ser tão semelhante ao Sol tanto pela cor, quanto pelo formato.



Gabriel, 7 anos. Lápis e colagem sobre papel.  
Folha que virou a copa da árvore.

---

<sup>62</sup>Nubia G. P. de Souza, 2018, Professora de Educação Básica.

Em seu desenho de observação Nicollas usou diversas linhas para dar a ideia de profundidade ao seu desenho. “Disse que desenhou desse jeito porque era assim que ele estava vendo. Escolheu retratar as árvores que achou mais bonitas”.



Nicollas, 6 anos. Lápis sobre papel.  
Árvores.

Ana Lívia imaginou o céu, “desenhando e cantando a história do seu desenho: ‘-Vou passeando por este jardim e vi uma flor. Ela tá morrendo! Oh, o que fazer? Ah, vou colocar água porque se eu colocar água ela não morre!’. Percebi que ela estava desenhando, cantando e lembrando nossa roda de conversa sobre as plantas. Ela escrevia sua história com os traços de um desenho! Não era apenas um desenho, mas seu registro do que aprendera há algumas semanas”.



Ana Lívia, 5 anos. Lápis sobre papel.  
Passeando pelo jardim e a flor (que virou canção).

## **Nunca tinha visto um céu assim, ele é tão bonito!**

Em seu desenho de observação, Brayan retratou o céu ao entardecer. O que chama a atenção foi a escolha de diferentes cores para retratar o contraste presente no céu neste momento. O Sol também aparece abaixo das nuvens dando a ideia de final do dia. Ao perguntar a ele o porquê da escolha ele me disse que é porque estava ficando de noite e era mais fácil de desenhar. Um desenho de imaginação expandindo seu repertório a cada criação. Brayan percebeu que ao entardecer a baixa luminosidade dá maior contraste de claro-escuro às formas.



Brayan, 6 anos. Lápis sobre papel.  
Céu ao entardecer.

Alexandre desenhou uma paisagem com base em uma série de imagens apresentadas sobre o céu, através do que observamos em conjunto olhando pela janela, durante brincadeiras e desenhos no pátio externo. A criança representa um céu colorido, com vários tons, numa tarde, com uma escala que varia do laranja, passando pelo amarelo e finalizando no roxo, a parte cinza de sua obra representa a cidade. Incrível perceber a representação de uma criança sobre uma paisagem urbana, os elementos naturais têm cores vivas e alegres e a cidade é cinza e cheia, como vivemos na atualidade, cercados de prédios e construções por todos os lados. Outro elemento interessante é observar o Sol do lado direito do céu, pois a maioria das representações aparecem do lado esquerdo, como no nascer do Sol e como a criança representa a tarde já desloca o elemento para o outro lado, percebemos uma noção de tempo em sua obra.



Alexandre, 5 anos. Lápis sobre papel.  
Céu colorido na tarde

Ao desenhar as nuvens, Gustavo procurou retratar o arco-íris utilizando um pouco mais de sua cor predileta: o amarelo. A pintura ocorreu após a apreciação de diversas imagens apresentadas pela educadora no notebook.



Gustavo, 5 anos. Lápis sobre papel.  
Arco-íris colorido com mais amarelo (cor preferida).

Giulia retratou o céu ao entardecer em uma praia considerando a imagem mostrada “muito bonita”. O que chama a atenção em seu desenho foi a escolha de diferentes tonalidades da cor rosa para retratar o contraste de cores, o sol também aparece abaixo das nuvens, dando a ideia de pôr do sol. A professora observou a escolha “de diferentes cores para retratar o contraste presente no céu neste momento.

O sol também aparece abaixo das nuvens dando a ideia de final do dia”. Observe o estudo que fez dando sombra e luz em cada uma das nuvens, grande presença do branco

que interage harmonicamente, os traços do mar dão movimento e são assimétricos, um delicado sol se espreme à direita. Coloque o seu dedo sobre o Sol, consegue perceber que ele faria muita falta se não estivesse lá?



Giulia, 6 anos. Lápis sobre papel.  
Céu de entardecer na praia.

“Como sempre gosta muito de inventar histórias, Kauã, 9 anos, desenhou a si mesmo com os dizeres: - Olha a nuvem! Lembrou-se que já viu o formato da tartaruga e de carro quando fica olhando para o céu”.



Kauã, 9 anos. Lápis sobre papel.  
Diz: Olha a nuvem!

Kaic em seu desenho de observação do céu escolheu desenhá-lo azul e um sol parcialmente encoberto semelhante ao do dia da coleta, fez também árvores e me disse: "-É daquela floresta que vimos ontem".



Kaic, 6 anos. Lápis sobre papel.  
Sol parcialmente encoberto e árvores de observação.

Juan ocupou um espaço grande da folha, seu desenho demonstra o que mais lhe chamou a atenção: fez um céu com tornado, mostrando a nuvem escura e “que tinha muitos raios”, evidenciando os riscos mais escuros, procurou reproduzir com traços firmes e demonstrando o movimento das nuvens, dando realismo a uma imagem que tinha acabado de ver e que o tinha deixado impressionado, expressando a importância do repertório para a criação, articula os símbolos relacionando-os entre si. Surgem histórias, ambientes e diferentes imagens que compõem partes do todo do desenho.



Juan, 6 anos. Lápis sobre papel.  
Céu com tornado.

Ananda, 7 anos, registrou o céu de uma forma bem diferenciada ao notar a imensidão frente ao seu tamanho na Terra e usou o tamanho da folha para ilustrá-lo. Pintou com muita delicadeza, desenhou o Sol brilhando como estava realmente no dia do desenho de observação, desenhou três nuvens como formatos bem diferentes e tamanhos variados, demonstrando que conseguiu perceber que as nuvens dificilmente terão suas formas e tamanhos idênticos.



Ananda, 7 anos. Lápis sobre papel.  
Sol brilhando em céu com nuvens.

Isabelly, 6 anos, ficou deslumbrada com a imagem do céu ao entardecer com algumas tonalidades de rosa nas nuvens, e foi esse o motivo que a fez decidir retratá-lo. Traz em seu desenho o contraste de cores azul e rosa semelhantes ao da imagem vista. Queria também desenhar algumas estrelas e como disse que não sabia, seus colegas a auxiliaram no desenho. Ao conversar com ela sobre sua escolha disse-me: "-Nunca tinha visto um céu assim, ele é tão bonito!".



Isabelly, 6 anos. Lápis sobre papel.  
Céu rosa ao entardecer com estrelas.



Lucas, 8 anos. Lápis sobre papel.  
Desenhou um carro por dentro e por fora

Primeiramente, a professora<sup>63</sup> propôs às crianças do 3º ano um desenho livre. No momento, estavam todos em atividade remota e a professora disse que aguardava ansiosamente para ver os desenhos reforçando “que não podiam ter a ajuda de ninguém e que não deviam se preocupar, pois cada um tem um jeito de desenhar e não existe desenho feio ou errado”. Lucas, o desenhista do carro acima, é seu educando.

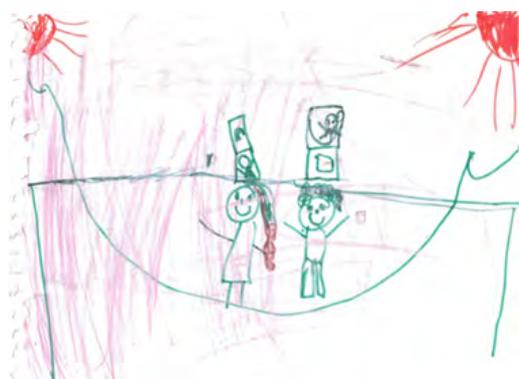
<sup>63</sup> Cyntia de M. E. Marcondes, 2021, Professora de Educação Básica.

No início, a professora não explicou qual poderia ser o destino dos desenhos e nem sobre o museu, para que os trabalhos fossem naturalmente mais espontâneos. Não houve o retorno esperado, mas as poucas devolutivas que recebeu lhe foram satisfatórias. Fez um “[...] vídeo explicativo sobre o museu e sobre a necessidade das autorizações para publicação dos trabalhos. Perguntei a cada criança o que imaginou ou pensou ao fazer o desenho”.



Miguel<sup>64</sup>, 5 anos. Lápis sobre papel.  
“Esses são chocolates, que amo chocolate.”

As crianças se apropriam de imagens transformando-as. Maria Eduarda cria um símbolo para os pensamentos em uma releitura de balões, verticalmente retangulares. Há a inclusão da cultura brasileira com a rede e do cotidiano das grandes metrópoles, o hambúrguer. Brincar de boneca pensando no arco-íris que perdeu flagra uma surpresa: “Eu e o Miguel (irmão) pensando (os desenhos acima da cabeça são os pensamentos). Eu estou pensando em brincar de boneca e pensando no arco-íris que o Miguel viu e eu não, mas queria ter visto. E o Miguel está querendo ficar na rede e comer hambúrguer”.



Maria Eduarda<sup>65</sup> P., 6 anos. Lápis sobre papel.  
Eu e meu irmão.

<sup>64</sup> Sara Eliane O. Moriwaki, 2021, Professora de Educação Básica.

<sup>65</sup> Sara Eliane O. Moriwaki, 2021, Professora de Educação Básica.

Miguel tem uma atração para desenhar veículos e demonstra interesse em veículos pesados, inspirando o uso do *Google Imagens* como acervo de pesquisa para o seu desenho de observação, pedindo para a mãe acessar esse mecanismo. Ele não reproduz a fotografia pesquisada, estuda e faz uma apropriação criativa das fotografias. Sempre explica os detalhes em seus desenhos, usa várias cores, mas percebemos que o branco do papel é participante. As linhas surpreendem com movimentos diagonais de deslocamento dos veículos e você pode imaginá-lo acelerado, dando pinote ou subindo uma ladeira. A fumaça é de uma graciosidade única e faz toda a diferença neste carro.



Miguel<sup>66</sup>, 5 anos. Canetinha e lápis sobre papel.  
Veículos pesados.

O próximo desenho apresenta um caminhão reboque puxando uma carreta com botijões de gás subindo para um túnel. Tem uma surpreendente linha em perspectiva que direciona nosso olhar para o túnel que se encontra ao final dela. Miguel controla com facilidade as dimensões, aumentando e diminuindo os tamanhos, onde cria a ilusão das formas que nos projetam à passagem. Todo o desenho nos remete para a chegada ao túnel.



Miguel, 5 anos. Canetinha sobre papel.  
Caminhão reboque em direção ao túnel.

<sup>66</sup> Eny Alves dos Santos, 2021, Professora de Educação Básica.

“Meu desenho é a Arlequina<sup>67</sup> com o cachorro dela, passeando no ar livre. Arlequina é muito malvada, é uma vilã e ela tem um namorado que é o Coringa”, conta Samuel, dando uma resolução própria aos personagens de quadrinhos, animações e filmes da DC (*Detective Comics*). Observe a memória das cores rosa e azul da Arlequina e como Samuel a apresenta em nova versão: doce, porém malvada.



Samuel, 7 anos. Canetinha sobre papel. Arlequina e seu cachorro.

---

<sup>67</sup> Edilene Maria de Sousa, 2021, Professora de Educação Básica.



## Uma visão geral sobre o desenho das crianças

Os professores relatam que as crianças de dois anos dançavam, cantavam e sorriam enquanto desenhavam. Faziam a riscagem ou iniciaram as garatujas nomeando objetos de brincar, guloseimas e “mamãe”. Aos três anos citam a mamãe, a família, gravidez e avó, há mais ambientes, animais e também citam histórias que ouviram. Aos quatro anos, há citações do pai, personagens televisivos e histórias. Aos cinco anos citam cenas, muitos personagens e paisagens. Aos seis anos, desenhavam relações familiares, paisagens, personagens e histórias. Aos sete anos, há mais referências de desenhos animados e *games*. Entre nove e onze anos há a paixão e profissões.

A seguir apresentamos um resumo das coletas de desenhos, por idade, de 2015 a 2020. Apenas acima de duas coletas é que incluímos o numeral.

**Com dois anos** – riscagem (9 desenhos coletados); fechamento de círculo e composição; pessoas (mamãe; papai em casa; martelo para construir uma casa aos fantasmas; “Emily está no cavalo”); doces (sorvete, chocolate); objeto (bola, bola gigante); paisagem (passarinho de verdade, nuvem).

**Com três anos** – pessoas (autorrepresentação, mãe grávida e 2 famílias); paisagem (praia; pirâmide; floresta; fogo; fumaça; caracol; floresta; flores; Sol; casa), objetos (tambor, bolinhas, boneca); máquinas (robô, carros); (caranguejo; caracol; cão; lobo; enorme baleia); imaginário e histórias (monstros brincando, uma casa para fantasmas); riscagem.

**Com quatro anos** – máquinas (caminhão; 3 aviões; carros; helicóptero; 4 foguetes; vista interna do avião que viajou rumo ao nordeste); objetos (boneca, bolas, uma coisa de papel); pessoas (professora embaixo do arco-íris; mãe grande; cabeça e tronco de figura humana; pai, mãe e 2 professoras; pai feliz com sorriso cheio de dentes; Pai; mãe; irmão e saci; Papai e mamãe; família; papai mamãe e eu; pessoas; família e amiguinha; pessoas); personagens (Peppa, Mamãe Pig, Papai Pig e George; Davi e o gigante; personagens bíblicos); paisagem (chuva e sinaleiro; Praia com muito sol, Dia chuvoso e nublado com chuva, árvores, chuva e pinguinhos verdes da 'Verdelândia'; menina e Sol; árvore com escada para pegar frutas; planeta; brincar no parque); histórias (Saltimbancos “Eu sou a gatinha”; super-heróis em batalha; fantasma; dragão soltando muito fogo; Dona Aranha subindo a parede; hora de passear na escola).

**Com cinco anos** – Personagens (Bob Esponja e Patrick em frente à casa abacaxi; tubarão gigante e robôs; super-herói com poder de levantar tudo; eu e os super-heróis); histórias (15 fantasmas procuram outro planeta; assustam pessoas; assustam todos da terra; ficam juntinhos; 6 viagens para o planeta terra; bravo; Fantasma azul no planeta Pique; presos por correntes; Fantasmas e rãs; no planeta Pique com as rãs; robô comeu

pessoa que tomava suco); paisagem (sonho: pais e eu no castelo; paisagem; plantando jardim; mar e peixinhos; casa e menina em paisagem; casa, mãe, balão e flor; menina e Sol com medo do fantasma; passarinho e Sol; casa em paisagem; torre com estradinha que vai ao Carrefour; com mãe e irmão no clube; eu e Manu na floresta; mãe levou filha no castelo lindo, família e duas casas; casa colorida; casa, monstro, potes; papai e mamãe fazem um parquinho em casa; amarelinha; eu, meu pai e a boneca no jardim da minha imaginação); pessoas (meninas brincando).

**Com seis anos** - paisagem (imensidão do céu frente ao planeta; céu ao entardecer; pai e cachorro em chuva; 2 desertos com dunas; cactos; nuvens e sol escaldante; arco-íris, no topo das pirâmides; empina pipas com os amigos; flores; pássaros; 2 borboletas e abelhas no jardim; menina com guarda-chuva; paisagem com estrela; casa, menina e cachorro; minhoca azul passeando pela grama nos EUA; girassol que plantei na escola, casa e castelo de brinquedo); pessoas (casa: pai no computador, mãe cozinhando e ela brincando com boneca; família e padrinhos passeando; Cheirando a flor; brincando com brinquedos; família no jardim; no shopping; Parada no McDonald's; pai cavaleiro, mãe e eu; pai separado de mãe e filho por um muro; Menina com coroa, saltinho, café e pão, vestidos de dinossauro como surpresa da festa do pai); personagens (monstro craker, cinco sereias sendo uma delas); histórias (encontro do cachorro e vaca; o pato e o cachorro hist; o cão consegue morar na casa de um camponês; fantasmas no planeta Bort; fantasmas na terra boo; o fantasma vai pra casa abandonada e corre atrás das meninas; acorda primo para brincar de bola e gostam; Tubarões e filhotes lutando na água).

**Com sete anos** – (trânsito de caminhões, carros e ônibus; casa com antena, lustre, carro e árvore na porta; a professora e eu na paisagem; família e Sol triste; paisagem com casas; sistema solar, casa com carro), bichos (eu e o cachorro passeando; o cachorro que não sabia latir); personagem (história de games; jogo Angry birds; dragão).

**Com oito anos** - personagem (2 super-heróis; menino e menina cantores e apaixonados; superprotetora); paisagem (pipas no céu e ônibus; sereia na pedra; menina na paisagem; pessoa em paisagem; a casa da minha avó em Pernambuco; natureza; sítio da avó); histórias (personagens do Minecraft; surfista sendo devorado por enorme tubarão branco; fantasmas; família e gato; fantasmas foram para o Brasil; fantasmas no castelo mal assombrado; eu e meu pai andando de skate; “natureza é mais fácil de ser desenhada”); desejo (ser motorista de ônibus); Autorretrato.

**Com nove anos** – desejos (ser professora; ser artista; ballet); bichos (gato marrom; cão esbarra na vaca; dois cães; o cachorro que não sabia latir é adotado; cão

começa a latir ao proteger os ovos do galinheiro); paisagem (planeta terra, foguete e garoto chegando a lua; natureza; Titanic, Bosque Maia; céu e estrelas; mulher em paisagem; primavera, balão); personagem (menino de poderes raios x; robô do bem que ajuda pessoas; cantor de funk da quebrada; eu super-herói; menino e menina perseguidos por monstros; personagem de jogo; palhaço do mal com brincos, charutos e olhos vermelhos); pessoas (eu, irmão bebê e casa; com irmão jogando futebol no campinho; pais; pessoa); histórias (o cachorro que não sabia latir; torna-se um bom cão de guarda pois não sabia latir; aprendendo a latir; faria a segurança da casa; o cachorro que não sabia latir; caçador e cão; 2 fantasmas, fantasmas chegam à terra assustando; história do game, ETs enviam meteorito à terra); objetos/máquinas (carro e moto; carro estilizado; carro voador, vaso de flores amarelas).

**Com dez, onze e doze anos** – Desejos (mundo sem tecnologia; desenho de moda, quer ser estilista; Beijo de Cebolinha e Mônica Jovem); pessoas [(auto)representação; a professora e eu]; personagens (Ben 10 – desenho animado; super-herói; dragão chinês; Naruto; Vedita do Dragon Ball; Bob Esponja; Cenas (menino e menina jogando bola; homens colocando gasolina; menina brincando; eu nervosa na janela pois o cachorro matou o porquinho da índia; andando de skate); histórias (3 fantasmas; o dono ensina o cão a latir; cachorro na floresta; paisagem; foguete em direção à lua passando pelo sistema solar; trágico futuro do planeta Terra; animais com onomatopeias; cidade destruída por monstros); paisagem (viagem à Praia Grande; paisagem calma e harmoniosa; castelo; família no mar; jacarés no lago; menina procurando cavalo).

Idade	2	3	4	5	6	7	8	9	10/11/12
Tema									
paisagem									
composição com círculo									
objetos									
paisagem									
máquinas									
histórias									
pessoas									
máquinas									
bichos									
Imaginário									
personagens									
desejos									
autorretrato									
cenas									

Figura: Quadro com a síntese dos temas dos desenhos por idade.

Ao olharmos para a coleta da educação infantil, identificamos muitos desenhos de ação (riscagem aleatória) e imaginação (desenhar o que sabe). Este momento da imaginação foi pesquisado por artistas como Picasso, Paul Klee e Miró, pois a criança é inventiva elaborando sínteses gráficas únicas.

Nos anos iniciais, identificamos mais desenhos de apropriação e proposição. O fato é que o formato escolar impede muitas vezes que as crianças permaneçam propositoras de um grafismo pessoal. Cabe às escolas repensarem o seu currículo e deixarem-se influenciar pelo tempo e espaço da infância.

Em alguns relatos, podemos observar que as crianças relacionaram o desenho com o passado, o futuro e boas experiências, lembrando lugares, cenas, objetos e pessoas. Também observaram que, em alguns casos, por tratar-se de desenho livre, a criança teve dificuldade em criar. É preciso encorajar as crianças a criar, com autoconfiança ao produzir.

Com crianças menores, observou-se desenho cinético (folhas e pássaros em movimento) e transparência (desenho do interior do objeto, da casa) e nas crianças maiores observamos muitos mangás (desenhos japoneses), desenhos que realizam fora da escola e imagens mais repetitivas, com uso de formas geométricas e com menos movimento.

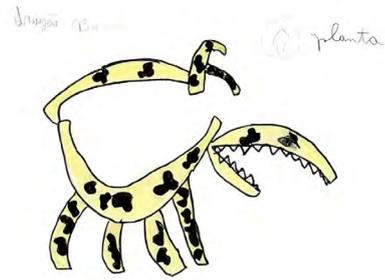
Os desenhos registram o medo de paraquedas e do monstro, a coragem em ser ninja; a vontade de viajar de balão; a tristeza em ver as flores arrancadas do jardim; a autodefesa do tigre; um pai que ama carretas e outro caminhoneiro; o aroma da chuva; o desejo de morar na casa da árvore ou o pai em um avião indo para a Bolívia.

Na coleta livre, encontramos vulcão e dinossauros como temas de interesse de meninos e meninas, há a presença da família: acampando com a mãe; eu e minha mãe; eu e minha família. Observamos elementos da natureza ou paisagem, tais como: flor; Sol; casa, menina e nuvens; dinossauros, árvore, vulcão e céu; vulcão em erupção na área de dinossauros; casa amarela; piscina; duas casas; mundo rosa; céu, boneco e estrelinhas. Há desejos: brincando lá fora. Há personagens de animação, como: lutando com Goku; humanos com poderes. Animais e objetos, como: secador de cabelo; confeito caindo em mim.

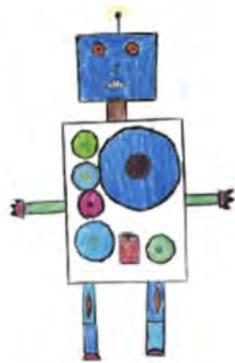
Observamos a beleza de composição das crianças de três e quatro anos. Há uma delicada ocupação do espaço e suas linhas são bem cultivadas. Alguns assemelham-se a estudos dos artistas abstracionistas como a vista interna do avião e o seu arranjo de linhas dividindo as poltronas em variedade de cores, com total equilíbrio tonal e sem preocupação de pintar massas de cores, pois retrata a experiência impactante da criança de poder viajar de avião, registrando essas divisões de espaço de um lugar ainda não conhecido. A seguir, apresentamos desenhos de crianças maiores que mantiveram liberdade e criação, realizando desenhos de proposição inspirados ou não em personagens de desenhos animados, de gibi ou *games*; além de criações próprias, como o autorretrato.



Maria Eduarda<sup>68</sup>, 7 anos. Lápis sobre papel.  
 “- *Eu e a professora na montanha*”, cada qual com o seu guarda-chuva. Estão de perfil com um dos olhos cobertos pela franja.



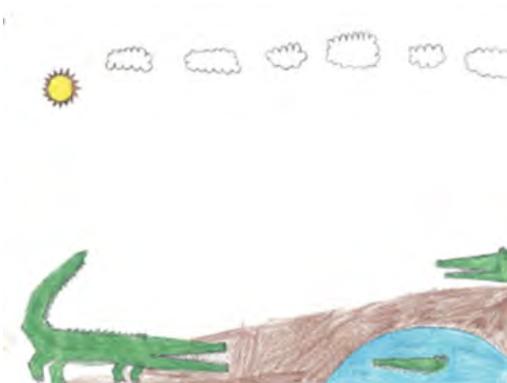
Rodrigo, 7 anos. Dragão.



Gabriel, 9 anos, robô.



Ryan, 9 anos. Funkeiro.



Jhon Alex, 10. Jacarés no lago.



Vanessa Maria, 11 anos.  
 Calma, tranquila, podendo ser fria.

<sup>68</sup> Priscilla B. de Lacerda, 2015, Professora de Educação Básica.



## **Nas trilhas do Museu e considerações finais**

Sara, 8 anos  
Prof.<sup>a</sup> Suely Lechinski Moreira de Paula

Nesses sete anos, o museu foi convidado para seminários, publicações, e foi citado em pesquisas, estudos, sites e materiais.

O Museu Virtual do Desenho da Criança é citado pelo site São Paulo para crianças<sup>69</sup>, na chamada *Conheça museus pelo mundo*, que expõem obras de artes produzidas por crianças:

Sim, na nossa lista tem até museu virtual para não ter desculpa de não visitar. O *Museu Virtual do Desenho da Criança* é uma iniciativa da UNIFESP com a Secretaria de Educação do Município de Guarulhos (SP). O site disponibiliza os trabalhos de expressão artística dos pequenos produzido principalmente pelos alunos da rede municipal de educação da cidade, além de vídeos e textos de estudo e tem como foco o estudo da gramática visual e análise da iconográfica [sic] da produção artística infantil.

Em *Museu do desenho da criança: um estudo sobre o grafismo infantil*, Oliveira (2018) analisa as práticas pedagógicas programadas enquanto início do estudo sobre o grafismo infantil e realiza uma leitura sobre as publicações na página virtual.

O site é indicado para pesquisa na página da arte da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, Ensino Fundamental – Currículo<sup>70</sup>.

O material do professor do 1º ano, *Conectados Arte da FTD*, 2018, indica o museu virtual em referências bibliográficas complementares para conhecimento dos professores: “Museu virtual do desenho da criança. Esse museu estuda e documenta os desenhos produzidos por crianças da rede municipal com o intuito de construir uma iconografia dessa linguagem”.

No Boletim Arte na Escola é apresentado o projeto: “O *site* está disponível de forma totalmente on-line para consulta de diversos materiais, entre textos, vídeos e principalmente muitas produções gráficas dos educandos da rede municipal de Guarulhos”. Ferreira e Araujo (2015) explicam que o projeto surge da ausência de um museu que documentasse a arte das infâncias no Brasil, “mesmo havendo pesquisas, livros e material de qualidade sobre o estudo”.

No II Seminário Multidisciplinar de Estudo da USP, os professores Betania e Sergio apresentaram o museu e algumas produções. De conhecimento deste material pelo *site*, o Museu da Pessoa contatou o MVDC para um projeto com a comunidade escolar, as crianças entrevistaram a moradora mais antiga, ilustraram e escreveram a história do bairro publicada em livro.

---

<sup>69</sup> Disponível no site <https://saopauloparacrianças.com.br/conheca-museus-pelo-mundo-que-expoem-de-obras-de-artes-produzidas-por-crianças/>.

<sup>70</sup> Disponível em: <https://educacao.curitiba.pr.gov.br/conteudo/sites/7818>.

O Caderno de Residência Artes Visuais do Ensino Fundamental (Araujo, 2017), produzido pelo Departamento de Educação da Unifesp Guarulhos, elucida alguns resultados do curso e do acervo: “No site você encontra desenhos de crianças das escolas municipais de Guarulhos (...) O objetivo era dar a voz à criança por intermédio de seu professor que com muito empenho registrou o que a criança narrava sobre o desenho”. Realizando estudos sobre o “desenho infantil construíram estratégias”. A inclusão desta arte criou um diálogo entre docentes e crianças favorecendo a todas, inclusive aquelas mais introvertidas além de ser perceptível a alegria e a expressividade.

Em “*O desenho que vem do coração: o museu virtual do desenho da criança*”, Araujo e Silva (2016) apresentam a criação do site a partir de uma parceria entre a Universidade Federal de São Paulo e a Prefeitura Municipal de Guarulhos. O site, que é um museu virtual, reúne desenhos infantis recolhidos por professores de creches e escolas daquele município.

Finalizando *sobre as trilhas do museu*, seguimos para as considerações finais com algumas indagações que auxiliam nossas reflexões.

Qual é o lugar que o desenho ocupa dentro da escola? Quais concepções de desenho as escolas construíram em nosso imaginário? De que maneira esses pensamentos nos impedem de construir ações mais elaboradas e qualificadas? O que eu, como adulto(a), devo planejar, facilitar e mediar para que a criança tenha experiências que lhe ajudem no desenvolvimento expressivo?

Planejar levando em conta o “desenvolvimento real” e o “desenvolvimento potencial” das crianças é para Vygotsky (1993) o caminho entre o que é possível fazer por conta própria e o que é possível fazer mediado pelos colegas e professores, estabelecendo o que chamaria de “desenvolvimento proximal com funções em maturação”.

É o caminho entre o que conhece e o que desconhece, entre o que já desenha e o que ainda não cria, necessitando de um contato com materiais produzidos por artistas e outras crianças que ousaram grafismos em diversas superfícies, ampliando as experiências por intervenções planejadas pelos(as) professores(as).

O que será que a criança gosta de criar quando a produção é livre? O ambiente natural, personagens e os familiares são os mais desenhados.

Imbuída de sentimentos, a escola pode fomentar novas narrativas reconstruindo os fragmentos do imaginário social tão esfacelado na rudeza das cidades e abandonando o uso do desenho formal, antiestético e insignificante, como o desenho para pintar. A imaginação é a “força que pode quebrar a rotina” instaurando uma pedagogia do imaginário “sem hábitos, sem repetições, (...) ousada” a ponto de compreender o “imaginário dos outros” (TEIXEIRA, 2006, p. 226).

Todos os adultos devem fazer tudo o que puderem para proporcionar uma educação de qualidade para as crianças, incentivando-as às declamações poéticas desde pequenas e uma educação artística, para que cresçam felizes e conhecendo a si próprias.

Dê poder às crianças, presenteie com materiais das artes, converse sobre os seus desenhos e criações, monte exposições, leve a museus de arte, coloque em suas mãos a criação de cenas teatrais, deixe que fotografem e conversem sobre as fotografias. Faça uma exposição dessas artes, dê livros. Peça que apresentem para você o que gostam, esteja aberto(a) para aprender tudo o que as crianças já sabem.

Simplem em traço, mas potente como linguagem, esse desenho que se inicia com a vida e permeia toda ela, nos traz o mundo e nos leva a sonhos.



Luiza, 8 anos  
Prof.<sup>a</sup> Suely Lechinski Moreira de Paula

---

<sup>71</sup> TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. Pedagogia do imaginário e função imaginante: redefinindo o sentido da educação. Olhar do Professor, Ponta Grossa, 2006

## Referências Bibliográficas

ABUJAMRA, André. **Programa #Provoca**. São Paulo: TV Cultura, 30 nov 2021. Entrevista concedida a Marcelo Tas.

ARAUJO, Betania Libanio Dantas de. **Artes visuais nos anos iniciais do ensino fundamental/** coordenação Betania Libanio Dantas de Araujo. - 1. ed. - São Paulo: Alameda, 2017. (Caderno de Residência Pedagógica)

ARAUJO, Betania Libanio Dantas de; SILVA, Sergio Andrejauskas Ferreira da. **O desenho que vem do coração: o museu virtual do desenho da criança**. In: MATTAR, Sumaya; ROIPHE, Alberto (organizadores). *Arte e educação: ressonâncias e repercussões*. São Paulo: ECA-USP, 2016. p. 41-52

BAMONTE, Joedy Luciana Barros Marins. **O desenho como iminência do acontecimento: uma entrevista com Edith Derdyk**. *Revista Educação Gráfica*. ISSN 2179-7374 (on-line). 2011.

BBC News Brasil. **Pinturas pré-históricas em caverna são de crianças de ‘3 a 7 anos’**. 30 / set./2011.  
[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/09/110930\\_cavernas\\_gravuras\\_pai](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/09/110930_cavernas_gravuras_pai)

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte /** Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC / SEF, 1998. P.116.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**. São Paulo: Pandabooks, 2020.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GALASSI, Susan Grace. **Picasso em uma só linha**. São Paulo: Ediouro, 1998.

GALEANO, Eduardo. **A função da arte/1**. In: *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 1991.

GUARULHOS (SP). Secretaria de Educação de Guarulhos. **Proposta Curricular: Quadro de Saberes Necessários (QSN)**. Guarulhos, 2009.

GUARULHOS (SP). Secretaria de Educação de Guarulhos. **Proposta Curricular: Quadro de Saberes Necessários (QSN)**. Guarulhos, 2019.

HENFIL. **Henfil na China antes da Coca-Cola**. São Paulo: Círculo do livro, 1981.

HOLM, Anna Marie. **Baby-art: os primeiros passos com a arte**. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. **Eco-arte com crianças**. São Paulo: Ateliê Carambola, 2015.

IABELBERG, Rosa. **O Ensino da Arte na Pré-escola: o desenho como construção**. In: O Cotidiano da pré-escola. Gisela Wajskop França (Coord.) Série Idéias, 7. São Paulo: FDE, 1990.

\_\_\_\_\_. **O desenho cultivado da criança**. In: **Arte na sala de aula**. Zélia Cavalcanti (Coord.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

\_\_\_\_\_. **O desenho na educação infantil**. São Paulo: Melhoramentos, 2013.

LOWENFELD, V. **A criança e sua arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1976.

LUNATCHÁRSKI, Anatóli. **Vkhutemas: desenho de uma revolução**. In: LIMA, Celso; JALLAGEAS, Neide. São Paulo: Kinoruss, 2020.

LUPTON, Ellen e Julia. **Eu que fiz**. São Paulo: Cosac Naif, 2008.

MALAGUZZI, Loris. **De jeito nenhum, as cem estão lá**. In: **As Cem Linguagens da Criança: A Abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância**. EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. Porto Alegre: Penso Editora, 2011.

MÈREDIEU, Florence de. **O desenho infantil**. São Paulo: Cultrix, 2006.

MELO NETO, João Cabral de. **Obra completa: volume único**. Marly de Oliveira (Org). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MOREIRA, Ana Angelica Albano. **O espaço do desenho: a educação do educador**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MUNIZ, Victor. **Lixo extraordinário**. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2010.

OLIVEIRA, Rosangela Rodrigues Viera de. **Museu do desenho da criança: um olhar sobre o grafismo infantil**. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Humanas, 2018.

PASTOUREAU, Michel. **Preto: História de uma cor**. São Paulo: Senac, 2011.

PENG & HU. **Hirameki**. México: Sexto Piso, 2016.

FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. **Primeiros Ensaios: publicação educativa da 34ª Bienal de São Paulo.** [organização: Fundação Bienal de São Paulo; curadoria Jacopo Crivelli Visconti]. São Paulo: Bienal de São Paulo, 2020.

RODARI, Gianni. **Histórias para brincar.** São Paulo: Editora 34, 2007.

SOUZA, R. **Você sabe qual é a diferença entre emoticons e emojis?** Tecmundo, 2019. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/web/86866-voce-sabe-diferenca-entre-emoticons-emojis.htm> Acesso em: 13/fev./2020.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. **Pedagogia do imaginário e função imaginante: redefinindo o sentido da educação.** Olhar do Professor, Ponta Grossa, 2006.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.



Emilly Cristina, 9 anos  
Prof. Angela Paula Gentil



*Betania Libanio Dantas de Araujo* é professora de Arte. A experiência artística atravessou a sua vida na infância com os bate-bolas no Rio, o teatro mambembe, o carnaval de rua, folia de reis, as artes de casa e de sua cultura. Graduada em Educação Artística/Artes Plásticas, Mestre em Artes Visuais e Doutora em Educação, leciona na Universidade Federal de São Paulo - Campus Guarulhos.



*Angela Dezoti Consiglio* é atriz e educadora. Há anos brincando de desenhar corpo em cena e há outros tantos experimentando possibilidades artísticas junto às crianças da Rede Municipal de Guarulhos.



*Ana Paula Reis Felix Pires* é professora de Educação Básica na Rede Municipal de Ensino de Guarulhos, Pedagoga e Mestre em Educação, atualmente compõe a equipe técnica da Divisão Técnica de Currículo e análise de Materiais Pedagógicos no Departamento de Orientações Pedagógicas e Educacionais da Secretaria de Educação do Município de Guarulhos.



**Organização**

Betania Libanio Dantas de Araujo

**Textos**

Betania Libanio, Ana Paula Reis, Angela Consiglio, Professores(as) da Rede

**Desenhos**

Betania, Alay, crianças, professoras

**Revisão**

Thatiane Melguinha

**Professores(as)**

Museu Virtual do Desenho da Criança

Adriana de Brito Primo Ordonho

Adriana Maria Caramella

Adriana Dercath Alcantara de Araujo

Adriana Fernandes Policarpio Rodrigues

Adriana Silva Medeiros Vespasiano

Alessandra Oliveira de Souza

Alex Cabral de Pontes

Aline de Fatima Arruda Ferreira

Aline Santos Silva

Amanda Daniela Santos Raya

Amanda dos Prazeres da Silva Oliveira

Ana Carolina Oliveira da Silva

Ana Lúcia Novais Gonçalves

Ana Paula Macedo da Costa

Ana Paula Sousa dos Santos Oliveira

Ana Paula Vieira

Andreia Aparecida da Costa Direnzo

Andreia Cristina de Paula Castanheira

Andreia Santana Emygdio Barberan

Andreia Ortega

Andreia Rocha de Oliveira

Andressa Cristina dos Santos

Andreza Barbosa da Silva

Angela Oliveira da Silva

Angela Paula Gentil

Antonio Pedro Lima Junior

Arianne Pereira de Melo

Ariel Pedik Schuchman

Aparecida Donizete Pereira Cardoso

Aparecida Fatima Arantes de Oliveira

Barbara Luisa de Souza Vieira Enbel

Bianca do Nascimento Bandeira

Berenice Maria de Sousa

Camila Borin Chueire

Camila Cerqueira de Auxilio

Camila da Silva Mendes Costa

Camila Inocencio Pacheco

Camila Moreira Watashi

Camila Rocha Batista

Camila Sant'Anna

Carleide Maria Carvalho de Alencar

Carltonita Oliveira Silva

Carolina Moreira Mendonça Rocha

Caroline Cardoso dos Santos

Caroline Esteves Moreira de Oliveira

Caroline Silva Lopes

Cassia Roberta de Oliveira

Cecilia Martins Fernandes

Celina Andrade da Silva

Cicera Virginia da Silva

Claudia Aparecida da Silva

Claudia Oliveira Miranda

Cleide Rodrigues de Souza

Cristina Bueno de Camargo Peres

Cristina Sanchez Almeida

Cylmara Fernandes da Costa

Cynthia de Mendonça Emidio Marcondes

Daiana Lima Souza Santos

Daiane da Silva Alves

Daiane Chumilha Ruiz

Daniel Afonso Duarte

Daniela Arvani de Oliveira

Daniele Dense Gallis de Medeiros e Brito

Debora Barbosa

Debora Barbosa dos Santos Camargo

Deisiane Neves da Silva

Delmira Aparecida Barbosa dos Santos

Edilene Ferreira Araujo

Edileusa dos Santos

Edmilson de Avila Rodrigues Junior

Edneide Nascimento dos Santos

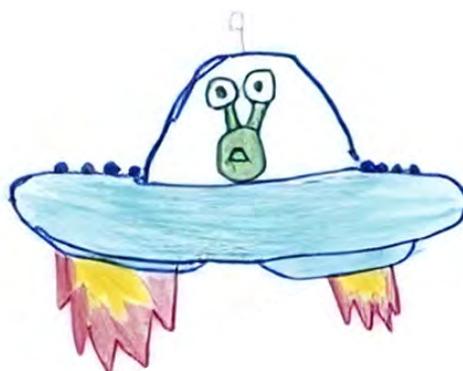
Edilene Maria de Souza

Ednice Josefa Barbosa Teixeira  
Eggle Santos Nunes  
Elaine Priscila Ugarte Duran  
Elaine Trindade da Silva  
Eliana Silva  
Elisabete Dias de Oliveira  
Elisabeth Reinaldo Molinari Tasaka  
Elisangela Maria de Aguiar  
Emanuel Santos Barra  
Eny Alves dos Santos  
Erika Bianca Cardoso Pereira  
Ester Pereira Santana dos Santos  
Etiene Cristina Guimarães dos Santos  
Evellyn Diane de Franca  
Fabiana Lyra Marques de Aquino  
Felipe José do Nascimento Henrique  
Fernanda Vedrossi  
Flavia Aparecida Ferreira Rangel  
Flavia Vanessa da Silva  
Gisele Batistela  
Gislaine Ramos Leite  
Glauce Mota de Franca Ferreira  
Glaucia da Silva Feitoza Frassetti  
Greice Kelly Ferreira Pimenta  
Helaine Arrais Fernandes  
Jaqueline Aparecida Vieira de Almeida  
Jaqueline Oliveira Nascimento  
Jenicelia Barros Silva  
Jessica Faraone Paula  
Josiane Correia de Sousa  
Josinete Maria da Silva Mariano  
Juliana de Cassia Correia  
Juliana Lima Bernardes2  
Juliana Maria Baggio  
Juliana Praça Garcia  
Juliana Silva Morgado Martins  
Juliane Aparecida Ferreira  
Juscineide Raquel da Silva  
Karina Ramos Martins  
Karina Santana  
Katherine Chamon  
Kelly Cristina da Silva Matos  
Kelly Medeiros Cardoso  
Larissa Brasil Pontello

Leidiane Braga da Silva  
Leila Macedo dos Santos Cabral  
Ligia Cardim Fernandes  
Ligia Fernanda Di Paula  
Liliam Tercio Mangueira Silva  
Lilian Azevedo de Souza  
Lilian Costa  
Lilian Manzano Tavares de Lima  
Luciana Furlan Marques  
Lucimara Alves Mendonça  
Lucimara Rodrigues Rosa  
Lucimara Alves Mendonça  
Lyra Marques de Aquino  
Magdalia Aurelia da Costa Siqueira  
Maira Peres Assunção da Silva  
Marcela Sales Ribeiro Dantas  
Marcelo de Oliveira  
Marcia Cristina Pereira  
Maria Cristina Chacon  
Maria Damiana de Souza  
Maria Eudes Teixeira da Silva  
Maria Helena Pinto  
Maria Suely do Nascimento Oliveira  
Mariana Lopes Luz  
Mariana Roberta dos Santos  
Maria Regina Trindade da Silva  
Marina Aparecida Ribeiro da Silva  
Marta Carvalho Dorti  
Michelle de Freitas Rondini  
Michele Tambroni Correia da Silva  
Monica de Oliveira Chagas Gomes  
Ribeiro  
Monica Espinosa Nobre Anacleto  
Nadja Novais de Souza  
Natalia Brandi Golanda  
Nivea Ribar Santos  
Noeli Ribeiro Ramos  
Nubia Grazielle Pereira de Souza  
Olg Elizete Lima da Silva Marques  
Patricia Dorea Silva de Araujo  
Patricia Ribeiro de Oliveira  
Paula Azuma de Sousa  
Paula Novais de Almeida  
Priscila Bispo de Lacerda

Priscila Pereira de Souza  
Raquel Camacho Belo Ferreira  
Regiane Pacheco Neves  
Regina Paula Zanetti Coelho  
Renata de Macedo Vezzani  
Renata Ferreira Alves Dias  
Renata Maria Beraldo da Cruz Miguel  
Renata Maria Beraldo da Cruz Miguel  
Renata Rodrigues de Carvalho Lima  
Rita de Cassia Pereira  
Roberto Cavalcante Rodrigues  
Ronaldo Oliveira  
Ronaldo de Oliveira  
Rosana Marques da Silva  
Rosangela Cleide da Silva  
Roseli Lucia Faduti  
Samantha Carla do Nascimento  
Sandra Cristina Aparecida Bianchi da Silva  
Sara Eliane Oliveira Moriwaki  
Sheila Magna Marcelino da Fonseca  
Silvia Aparecida Der Carvalho  
Silvia Elaine Fonseca de Oliveira  
Silvone Baffa Martins  
Simara Danielli Marques de Souza  
Simone Regina Santana  
Simone Sales do Nascimento  
Sonia Regina Paroni  
Suelen Costa de Pina  
Sueli Ferreira dos Santos  
Suely Lechinski Moreira de Paula  
Sueli Silva Guedes  
Suely da Silva Pires Celio  
Susana Elizabete Lopes Lemes  
Suzel Cristina Curdulino Mendonça  
Talita Gonzaga Sales da Rocha  
Talita Ingrid Costa Matos  
Tania Bernardes Rodrigues

Tatiana Albuquerque Genda  
Tatiana Cavalcante de Souza  
Tatiana Ramos de Oliveira  
Tatiane Alves da Costa  
Thais Regina Cunha Ventura Fontenele  
Thais Torres da Mota  
Valeria Laureano  
Valeria Maria da Silva  
Valquiria Dias Cesar dos Santos  
Vanda Pereira da Silva  
Vanderleia Costa dos Santos  
Vania Marinho de Almeida  
Vera Lucia de Oliveira Feitoza  
Wilma Azevedo Beltrameo  
Viviane Fernandes  
Viviane Fernandes Alves Peres  
Viviane Sena dos Santos  
Viviane de Sobral Gonçalves  
Zanandrea Renzi  
Zenaide Ferreira Coelho Curraladas





Kauê, 5 anos  
Galeria Mário de Andrade

**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO**

Rua Claudino Barbosa, 313 - Macedo - Guarulhos/SP

CEP 07113-040 - TEL.: 2475-7300

<http://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br>





CIDADE DE  
**GUARULHOS**